



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ - UNIOESTE
CAMPUS DE MARECHAL CÂNDIDO RONDON – PR
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS EDUCAÇÃO E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: HISTÓRIA PODER E PRÁTICAS SOCIAIS
NIVEL: MESTRADO

FELIPE DA SILVA CRUZ

“AGENTES DO CAOS”: ‘GUERRA CULTURAL’, REDES SOCIAIS E “NOVAS DIREITAS” NO BRASIL RECENTE (2014-2018)

MARECHAL CÂNDIDO RONDON - PR

2023

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ - UNIOESTE
CAMPUS DE MARECHAL CÂNDIDO RONDON – PR
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS EDUCAÇÃO E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: HISTÓRIA PODER E PRÁTICAS SOCIAIS
NIVEL: MESTRADO

FELIPE DA SILVA CRUZ

“AGENTES DO CAOS”: ‘GUERRA CULTURAL’, REDES SOCIAIS E “NOVAS DIREITAS” NO BRASIL RECENTE (2014-2018)

Dissertação de Mestrado apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em História, pelo programa de Pós-Graduação História, Poder e Práticas Sociais, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), Campus de Marechal Cândido Rondon, na Linha de Pesquisa Estado e Poder.
Orientação: Prof. Dr. Rodrigo Ribeiro Paziani.

Marechal Cândido Rondon

2023

Ficha de identificação da obra elaborada através do Formulário de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da Unioeste.

da Silva Cruz, Felipe

AGENTES DO CAOS: GUERRA CULTURAL, REDES SOCIAIS E NOVAS DIREITAS NO BRASIL RECENTE (2014-2018) / Felipe da Silva Cruz; orientador Rodrigo Ribeiro Paziani. -- Marechal Cândido Rondon, 2023.

157 p.

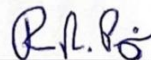
Dissertação (Mestrado Acadêmico Campus de Marechal Cândido Rondon) -- Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Centro de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, 2023.

1. Novas direitas. 2. Internet/redes. 3. Agentes do caos. 4. Guerra cultural. I. Ribeiro Paziani, Rodrigo, orient. II. Título.

Programa de Pós-Graduação em História

ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE FELIPE DA SILVA CRUZ, ALUNO(A) DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ - UNIOESTE, E DE ACORDO COM A RESOLUÇÃO DO PROGRAMA E O REGIMENTO GERAL DA UNIOESTE.

Ao(s) 2 dias(s) do mês de junho de 2023 às 14h00min, no(a) auditório, realizou-se a sessão pública da Defesa de Dissertação do(a) candidato(a) Felipe da Silva Cruz, aluno(a) do Programa de Pós-Graduação em História - nível de Mestrado, na área de concentração em História, Poder e Práticas Sociais. A comissão examinadora da Defesa Pública foi aprovada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em História. Integraram a referida Comissão os(as) Professores(as) Doutores(as): Carla Luciana Souza da Silva, Flávio Henrique Calheiros Casimiro, Rodrigo Ribeiro Paziani. Os trabalhos foram presididos pelo(a) Rodrigo Ribeiro Paziani. Tendo satisfeito todos os requisitos exigidos pela legislação em vigor, o(a) aluno(a) foi admitido(a) à Defesa de DISSERTAÇÃO DE MESTRADO, intitulada: "Agentes do caos: 'guerra cultural', redes sociais e 'novas direitas' no Brasil recente (2014-2018)". O(a) Senhor(a) Presidente declarou abertos os trabalhos, e em seguida, convidou o(a) candidato(a) a discorrer, em linhas gerais, sobre o conteúdo da Dissertação. Feita a explanação, o(a) candidato(a) foi arguido(a) sucessivamente, pelos(as) professores(as) doutores(as): Carla Luciana Souza da Silva, Flávio Henrique Calheiros Casimiro. Findas as arguições, o(a) Senhor(a) Presidente suspendeu os trabalhos da sessão pública, a fim de que, em sessão secreta, a Comissão expressasse o seu julgamento sobre a Dissertação. Efetuado o julgamento, o(a) candidato(a) foi **aprovado(a)**. A seguir, o(a) Senhor(a) Presidente reabriu os trabalhos da sessão pública e deu conhecimento do resultado. E, para constar, o(a) Coordenador(a) do Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE - Campus de Marechal Cândido Rondon, lavra a presente ata, e assina juntamente com os membros da Comissão Examinadora e o(a) candidato(a).



Orientador(a) - Rodrigo Ribeiro Paziani

Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Campus de Marechal Cândido Rondon (UNIOESTE)

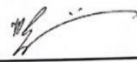


Carla Luciana Souza da Silva

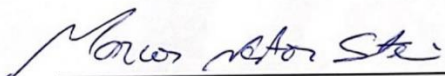
Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Campus de Marechal Cândido Rondon (UNIOESTE)

Programa de Pós-Graduação em História

ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE FELIPE DA SILVA CRUZ, ALUNO(A) DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ - UNIOESTE, E DE ACORDO COM A RESOLUÇÃO DO PROGRAMA E O REGIMENTO GERAL DA UNIOESTE.


Flávio Henrique Calheiros Casimiro
IF-SUL DE MINAS


Felipe da Silva Cruz
Aluno(a)


Coordenador(a) do Programa de Pós-Graduação em História

MARCOS NESTOR STEIN
Coordenador do Programa de Pós-Graduação em História
Mestrado e Doutorado Portaria nº 1633/2023 GRE

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ - UNIOESTE
CAMPUS DE MARECHAL CÂNDIDO RONDON – PR
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS EDUCAÇÃO E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: HISTÓRIA PODER E PRÁTICAS SOCIAIS
NIVEL: MESTRADO

FELIPE DA SILVA CRUZ

“AGENTES DO CAOS”: ‘GUERRA CULTURAL’, REDES SOCIAIS E “NOVAS DIREITAS” NO BRASIL RECENTE (2014-2018)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História – PPGH
Marechal Cândido Rondon, 02 de junho de 2023.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Rodrigo Ribeiro Paziani – UNIOESTE (Orientador)

Profª. Dra. Carla Luciana da Silva - UNIOESTE

Prof. Dr. Flávio Henrique Calheiros Casimiro – IF-SULMINAS

Prof. Dr. Gilberto Grassi Calil (UNIOESTE - suplente)

Marechal Cândido Rondon

2023

AGRADECIMENTOS

Realizar um trabalho acadêmico em tempos de obscurantismo para com Universidades e a pesquisa foi uma tarefa e tanto. Vários fatores me trouxeram até aqui, talvez o principal deles e o que posso destacar seja a vontade de aprender; tenho para mim que a sede de conhecimento é o que nos move enquanto sujeitos históricos e sociais. Aprendi nessa caminhada acadêmica a lidar com meus limites, minhas inseguranças e principalmente a conviver com o não saber, a cada leitura feita fui descobrindo que o paradoxo socrático existe.

Sabendo disso e entendendo que existem coisas nesse mundo que estão além da minha alçada e compreensão, quero aqui agradecer em primeiro lugar minha mãe, Dalva Cruz, que diferente de mim não teve a oportunidade de concluir o Ensino Médio, em virtude de que sempre foi preciso trabalhar, mas que mesmo não letrada sempre acreditou que a educação e o conhecimento transformam o mundo, trabalhando incansavelmente para que seus filhos chegassem a Universidade.

Minha gratidão inenarrável a Nubia Luiza, minha companheira de vida que me amparou durante toda essa jornada, abrindo mão de muitas coisas para que esse trabalho virasse realidade, espero que um dia eu possa retribuir tudo o que fez por mim.

Agradeço ao meu orientador Rodrigo Ribeiro Paziani que aceitou me acompanhar nessa caminhada e esteve sempre ao meu lado na construção de todo esse trabalho. Sem o apoio e a parceira dele eu jamais chegaria até aqui. Rodrigo é um ser humano sensacional que além de ser um intelectual incrível possui uma didática estupenda, transformando pensamentos complexos em conversas instigantes e de fácil entendimento, devo dizer que meu crescimento enquanto pesquisador e meu amadurecimento intelectual deve-se muito às orientações, discussões e debates que tivemos, inclusive nos finais de semana.

Quero agradecer a professora Carla Luciana Silva por ter aceitado participar da minha banca de qualificação e defesa, contribuindo sempre com sua bagagem teórica invejável sobre temas como Hegemonia, mídia e discurso.

Ao professor Flavio Henrique Calheiros Casimiro que também se disponibilizou para fazer parte das bancas e por ser uma das minhas principais e melhores referências nos estudos sobre as direitas, suas nomenclaturas e reorganizações ao longo dos anos.

Agradeço ao PPGH, aos professores que compõem a Linha de Pesquisa Estado e Poder e a Unioeste, que sempre defenderei por ser uma Universidade pública e de qualidade, proporcionando oportunidades para as pessoas, assim como eu.

Aos colegas de pesquisa, Mayara Balestro e Gabriel Barbosa que assim como eu mergulharam no estudo da emergência e ascenso da extrema direita nos últimos anos, estamos em uma frente ampla, preparados para lutar contra esses sujeitos. A minha colega de turma Amanda Coelho que apesar de nossas pesquisas serem distintas, dividimos as aflições da Pós-graduação em tempos de pandemia e a insegurança de em muitos momentos, não saber o que estava acontecendo. Fico feliz pela oportunidade de tê-los conhecido ao longo desse caminho.

*A história é um profeta com olhar voltado para trás:
pelo que foi, e contra o que foi, anuncia o que será.*

Eduardo Galeano

RESUMO

A proposta desse trabalho buscou refletir, analisar e compreender a ascensão e o fortalecimentos de sujeitos individuais e coletivos representativos das “novas direitas” no Brasil recente (2014-2018), tendo como foco principal dois nomes intitulados de “influenciadores digitais” na internet e redes sociais que fazem parte dessa lista: Nando Moura e Arthur do Val “Mamaefalei”. Tendo como elemento operacional e intelectual Olavo de Carvalho, e funcionando como “agentes do caos” cognitivo, informacional e político à serviço de diferentes frações burguesas na disputa pelo poder e na produção do consenso, buscamos ler esses sujeitos, suas produções e seus conteúdos como replicadores da “guerra cultural” olavista e bolsonarista, especialmente na plataforma digital YouTube, à luz da visão da agenda reacionária, anticomunista (antipetista) e ultraliberal das novas direitas. Ao analisar as trajetórias desses sujeitos buscamos aqui identificar as principais formas de atuação e organização; os conteúdos produzidos; bem como a “teia” de relações, diretas e indiretas, com aparelhos de doutrinação ideológica, como o Instituto Millenium, Instituto Liberal, Instituto Mises Brasil, a Brasil Paralelo e alguns de seus intelectuais orgânicos na difusão de projetos de cariz ultraliberal e ultraconservador. As fontes documentais trabalhadas nesta pesquisa baseiam-se em matérias publicadas na internet – em sites e webjornais – e em redes – Twitter, Facebook – com destaque para os vídeos postados por Moura e Do Val em seus canais do Youtube entre 2015 e 2018. Como referencial teórico, vamos nos balizar nas contribuições de Antônio Gramsci e pesquisadores gramscianos para vincular as atuações dos agentes do caos à referida agenda de classe no âmbito do Estado e da sociedade civil e das formulações doutrinárias de aparelhos privados de hegemonia burguesa no Brasil desde os anos 1990.

Palavras-Chave: Novas direitas; internet/redes; agentes do caos, “guerra cultural”; Brasil recente.

ABSTRACT

The proposal of this work sought to reflect, analyze and understand the rise and strengthening of individual and collective subjects representative of the "new rights" in recent Brazil (2014-2018), having as main focus two names entitled "digital influencers" on the internet and social networks that are part of this list: Nando Moura and Arthur do Val "Mamaefalei". Having as an operational and intellectual element Olavo de Carvalho, and functioning as cognitive, informational and political "agents of chaos" at the service of different bourgeois fractions in the dispute for power and in the production of consensus, we seek to read these subjects, their productions and their contents as replicators of the Olavista and Bolsonarist "cultural war", especially on the YouTube digital platform, in the light of the reactionary, anti-communist (anti-PT) and ultra-liberal agenda of the new rights. By analyzing the trajectories of these subjects, we seek to identify the main forms of action and organization; the contents produced; as well as the "web" of direct and indirect relationships with apparatuses of ideological indoctrination, such as the Millenium Institute, the Liberal Institute, the Mises Brasil Institute, Brasil Paralelo and some of its organic intellectuals in the dissemination of ultraliberal and ultraconservative projects. The documentary sources worked on in this research are based on articles published on the internet – on websites and web journals – and on networks – Twitter, Facebook – with emphasis on the videos posted by Moura and Val on their YouTube channels between 2015 and 2018. How theoretical reference, we will base ourselves on the contributions of Antônio Gramsci and Gramscian researchers to link the actions of the agents of chaos to the aforementioned class agenda within the scope of the State and civil society and the doctrinal formulations of private apparatuses of bourgeois hegemony in Brazil from the 1990's.

Keywords: New rights; internet/networks; agents of chaos, "culture war"; recent Brazil.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURAS

Figura 1 - Termo de pesquisa: “Vem pra Rua!”, “Revoltados online”, “Movimento Brasil Livre” na plataforma Google Trends. (jun. 2013 – jan. 2019)	54
Figura 2 – Matéria publica no El País sobre Olavo de Carvalho	61
Figura 3 - Termo de pesquisa dos canais "Nando Moura" e “MamaeFalei” na plataforma Google Trends – pesquisas no YouTube (jun.2013-jan.2019)	78
Figura 4 - Página Inicial Canal Mamãe Falei no YouTube	81
Figura 5 – Print da interação entre Nando Moura e Mamaefalei sobre Olavo	85
Figura 6 – Teia de relações de Mamaefalei com atores coletivos e individuais da extrema direita (2014-2018)	88
Figura 7 - Postagem de Nando Moura divulgando uma obra de Olavo de Carvalho e enaltecendo a crítica a Gramsci	95
Figura 8 - Teia de Relações de Nando Moura com atores coletivos e individuais da Extrema direita. (2014-2018)	97
Figura 9 – Print Screen do tweet de Jair Bolsonaro feito em 2018 após ser eleito presidente	100
Figura 10 – Mapa de interações entre os canais de direita no Youtube	108
Figura 11 – Print do tema de abertura dos vídeos de Mamaefalei	121
Figura 12 – Vídeos mais assistidos do canal Mamaefalei no YouTube	123
Figura 13 - Corte inicial do vídeo de Nando Moura para Divulgar o Mestres do Capitalismo	130

QUADROS

Quadro 1 – Pautas defendidas pela extrema direita	104
Quadro 2 – Vídeos de Nando Moura com conteúdo: anti-esquerda, anticomunista e antipetista	120
Quadro 3 – Videos do MamaeFalei com conteúdo: anti-esquerda, anticomunista e antipetista	124
Quadro 4 – Videos do Nando Moura com conteúdo de caráter ultraliberal e anarcocapitalista	135
Quadro 5 – Videos do MamaeFalei com conteúdo de caráter ultraliberal e anarcocapitalista	135

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
CAPÍTULO 1. Capitalismo, luta de classes e comunicações no Brasil em tempos sombrios.....	19
1.1. Crise de hegemonia pós-2013 e organização das “novas direitas”	19
1.2. Comunicações e/m poder: mídias e redes no fortalecimento das “novas direitas”	37
CAPÍTULO 2. Olavismo, bolsonarismo e redes sociais: a disseminação do caos.....	57
2.1. De Olavo à Bolsonaro: nomenclaturas do caos organizado no Brasil recente.....	58
2.2. “Influenciadores digitais” ou “agentes do caos”? : trajetórias, perspectivas e relações de dois representantes das “novas direitas” nas redes.....	73
CAPÍTULO 3. “Agentes do caos” em ação: produção, atuação e pautas.....	102
3.1. Anticomunismo “embolorado” e ódio antipetista.....	110
3.2. Valores ultraliberais e comportamentos anarcocapitalistas.....	125
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	138
FONTES E BIBLIOGRAFIA.....	140

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa intitulada “*Agentes do caos*”: ‘*guerra cultural*’, *redes sociais e “novas direitas” no Brasil recente (2014-2018)*, busca compreender e analisar, num contexto histórico de comunicações em crise, a emergência, o fortalecimento e a organização de sujeitos coletivos, representantes das “novas direitas” no Brasil recente.

Tendo como escopo principal o lugar ocupado pelas redes sociais no disputado campo das comunicações midiáticas contemporâneas e, mais detidamente, as formas de organização e atuação dos denominados influenciadores digitais – referimo-nos aos nomes de Arthur do Val “Mamaefalei” e Nando Moura.

Na esteira de ascensão de organizações caras a “nova direita”¹ após as Jornadas de Junho de 2013 – Movimento Brasil Livre (MBL), Vem pra Rua, Revoltados Online, Brasil Paralelo, dentre outros – e, quase simultaneamente, de acesso e uso crescentes das redes sociais (Facebook, Instagram, Youtube, Twitter, Telegram) por um número cada vez maior de pessoas no país e no mundo – fruto da expansão voraz do capital em direção às “mídias sociais” e às “novas tecnologias” – tais “influenciadores digitais” tem se transformado em protagonistas no engajamento, produção e disseminação de conteúdos proliferadores de “fake news”, e teorias conspiratórias, quanto técnicas/tecnologias de engajamento forjadoras de “hordas” de seguidores – o que tem contribuído para a corrosão da (já combalida) democracia e ascenso neofascista na última década.

Isabel Grassioli e Geraldo Couto Neto² ambos os historiadores, analisaram a atualização dessa “nova direita” nas novas mídias sociais, a primeira dedica-se ao Facebook em específico, e o segundo busca fazer uma análise no Youtube. Mas bem antes destes pesquisadores, já encontramos referências bibliográficas sobre o papel da mídia na política e na sociedade em trabalhos científicos como os de Carla Luciana Silva e Gilberto

¹ Entendemos nesta análise que o termo Nova Direita, possui uma certa limitação no âmbito da compreensão, haja vista que esses grupos e sujeitos não são relativamente novos, mas sim a maneira com que atuam, principalmente por meio das mídias sociais é o que poderia caracterizá-los como uma “nova direita”. Partimos do pressuposto que esses grupos que ascenderam nos últimos anos, são aquela velha direita que já existia pós 1985, apenas com uma roupagem diferente. Sendo assim utilizaremos aqui para nomear esses sujeitos e grupos a nomenclatura de Extrema-Direita.

² Cf. GRASSIOLLI, Isabel. **A nova direita no Brasil (2011-2016): uma análise da atuação política no facebook**. 2019. 263 f. Tese (Doutorado em História) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Marechal Cândido Rondon, 2019 e COUTO NETO, G. H. **(Des)fazendo história na internet: visões acerca da ditadura militar brasileira em canais da “nova direita” no YouTube (2013-2018)** Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), 2022.

Grassi Calil³ que nos ajudaram realmente a entender sobre questões ligadas à ascensão conservadora no Brasil contemporâneo.

Por sua vez, reconheço que iniciei a construção do meu objeto de pesquisa através da historiadora Isabel Grassioli que em sua pesquisa de doutorado, à época, analisava a ascensão de páginas da extrema-direita no Facebook e partir daí também conheci o trabalho do professor Flavio Casimiro, intitulado de “*A nova direita: aparelhos de ação política e ideológica no Brasil contemporâneo*”. Com essa obra, tive um maior contato no entendimento sobre a atuação desses movimentos, e como isso estava influenciando a sociedade brasileira.

A partir de então, entrei em contato com obras de intelectuais de relevância para a pesquisa, pois tratam de temas e questões envolvendo as contribuições gramscianas sobre Estado, poder e hegemonia burguesa e toda uma discussão sobre direitas no Brasil recente – casos de Demian Melo, Marcelo Badaró Mattos, Lucas Patschiki, Flávio Henrique Casimiro⁴ e o mencionado professor Calil. Toda essa bagagem teórica e metodológica foi essencial para a construção e desenvolvimento dessa pesquisa. E a partir dela que vamos discorrer sobre alguns conceitos principais que norteiam a mesma, desde Antônio Gramsci até as mídias digitais da atualidade.

Deste modo, o objetivo dessa pesquisa consiste em deslindar as disputas político-ideológicas travadas pelas diferentes frações de classe para disputa hegemônica e a produção do consenso. Consequentemente é importante entender a atuação dessas frações da classe dominante, sua ação e estruturação dentro do processo histórico, imbricado nas instituições e seus intelectuais, que pautados na lógica do capital, buscam alienar os sujeitos sociais coletivos de uma participação consciente da sua realidade social,

³ Cf. CALIL, Gilberto. Pequena burguesia e projeto social. In: SILVA, Carla L.; CALIL, Gilberto G. & KOLING, Paulo J. (orgs.). **Estado e Poder: abordagens e perspectivas**. Cascavel: Edunioeste, 2008, p. 97-98. e SILVA, Carla L. **Veja: o indispensável partido neoliberal (1989-2002)**. Cascavel: Edunioeste, 2009, Coleção Tempos Históricos, v. 7.

⁴ MELO, D. O bolsonarismo como fascismo do século XXI. Em: REBUÁ, E. et al. (org.). **(Neo)fascismos e educação: reflexões críticas sobre o avanço conservador no Brasil**. Rio de Janeiro: Mórula, 2020. p. 12-46; MATTOS, Marcelo Badaró. **Governo Bolsonaro: neofascismo e autocracia burguesa no Brasil**. Rio de Janeiro: Usina Editorial, 2020; PATSCHIKI, Lucas. **Os litorais da nossa burguesia: o Mídia sem Máscara em atuação partidária (2002-2011)**. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de História, Letras e Ciências Humanas, Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Marechal Cândido Rondon, 2012. CASIMIRO, Flávio H. C. **A Nova Direita: aparelhos de ação política e ideológica no Brasil contemporâneo**. São Paulo: Expressão Popular, 2018.

tentaremos empreender uma compreensão dessas disputas político-ideológicas, com auxílio de Álvaro Bianchi e Virginia Fontes.⁵

Por sua vez e não menos importante, esta pesquisa também pretende compreender e analisar os processos que culminaram com a ascensão e fortalecimento da extrema-direita e do neofascismo no Brasil recente tendo como foco principal os usos político-ideológicos das mídias e redes sociais – com um foco para o Youtube. O Youtube é uma plataforma de vídeos que permite usuários compartilharem entre si experiências, opiniões, gostos, dos mais diversos tipos e que nos últimos anos ganhou suma importância em face a democracia, política e sociedade, pois agora é possível a partilha de conteúdo em escala global quase que instantaneamente.

Couto Neto evidencia que, com uma linguagem acessível essa nova mídia possui uma influência significativa sobre a formação cultural social e política das pessoas⁶. E a partir dela a extrema direita em escala global soube fazer o uso das mídias sociais para influenciar as eleições e seus candidatos, como afirma Giuliano da Empoli, quando o autor relata o poder das mídias sociais na sociedade quando utilizada pelos que ele chama de “engenheiros do caos”: “juntos, esses engenheiros do caos estão em vias de reinventar uma propaganda à era dos selfies e das redes sociais, e como consequência, transformar a própria natureza do jogo democrático.”⁷

A proposta da pesquisa busca assim entender as formas de atuação, as pautas e as produções audiovisuais que atravessam os discursos de dois sujeitos, Arthur Do Val (o “mamaefalei”) e Nando Moura, levando em consideração as suas relações com uma agenda reacionária e ultraliberal. Cabe frisar que o objetivo central não será o de analisar estes sujeitos “em si”, nem promover uma construção histórica biográfica de ambos. Muito menos criar “polêmicas” de baixo calão. Pelo contrário.

Queremos compreender problemas e questões históricas de cariz conjuntural e estrutural no Brasil da última década, como elas estão vinculadas à ascensão e fortalecimento das “novas direitas” e sua agenda de classe nas redes e nas ruas e como tal contexto se entrelaça com a formação e consolidação de “teias” (ou redes) de relações envolvendo aparelhos privados de hegemonia burguesa a determinados sujeitos – em sua

⁵ FONTES, Virgínia. **O Brasil e o capital-imperialismo: Teoria e História** Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2010. BIANCHI, Álvaro. **Gramsci entre dois mundos: política e tradução**. São Paulo: Autonomia literária, 2020.

⁶ COUTO NETO, G. H. A Nova Direita no YouTube: conservadorismo e negacionismo histórico sobre a Ditadura Militar brasileira. **REVISTA ÁGORA (VITÓRIA)**, v. 29, p. 83-103, 2019.

⁷ EMPOLI, Giuliano da. **Os engenheiros do caos**. São Paulo: Editora Vestígio, 2020. p. 20.

maioria, jovens, brancos e pequeno-burgueses – que passaram a agir deliberadamente no sentido de difundir valores e práticas anticomunistas, antipetistas e ultraliberais e forjar consensos na sociedade.

Por outro lado, não pretendemos tratar Moura e do Val como “vítimas” ou “reflexos” do sistema de poder vigente no Brasil entre 2014 e 2018. Entendemos, ao contrário, que esses dois sujeitos foram devidamente preparados – seja através dos “ensinamentos” de Olavo de Carvalho, seja pela participação ativa em organizações das direitas – para ocuparem o posto do que chamamos de “agentes do caos”, na medida em que produziram discursos e reverberaram pautas nitidamente atreladas ao projeto das “novas direitas”.

Na correlação das forças políticas e econômicas colocadas em jogo no Brasil recente, agenciar o caos na internet e redes sociais os coloca em posições subordinadas ou de menor impacto a médio e longo prazos, porém não lhes retira o lugar de sujeitos proativos e operativos nas tarefas de gerar situações caóticas – e por que não, deformadoras – da realidade através de seus vídeos na plataforma YouTube.

Vale dizer, por fim, que a noção de “agentes do caos” advém da leitura de dois autores: Giuliano da Empoli e João Cezar de Castro Rocha.⁸

Do primeiro, partimos de sua análise dos “engenheiros do caos” (caso de Steve Bannon), homens de formação intelectual que utilizaram seus conhecimentos em tecnologia para fazer das redes espaços de polarização ideológica voltados a atacar democracias (mesmo burguesas) e quaisquer pautas consideradas progressistas.

Do segundo, que se debruçou sobre o “sistema de crenças” de Olavo de Carvalho e a emergência do bolsonarismo no Brasil, tomamos de empréstimo suas concepções de “retórica do ódio” e “caos cognitivo”, posto que as duas, juntas, configuram um campo fértil para se entender o lugar ocupado por Moura, do Val e outros sujeitos mormente denominados como “youtubers” ou “influenciadores digitais”. Apenas divergimos de Castro Rocha quando reduz o universo caótico à dimensão cognitiva: para nós, ela está claramente ancorada em um projeto burguês reacionário de desinformação e falseamento das mídias e de despolitização crescente dos cidadãos. Daí chamarmos de “caos cognitivo, informacional e político”.

⁸ DA EMPOLI, op. Cit.; CASTRO ROCHA, João Cezar de. **Guerra cultural e retórica do ódio: crônicas de um Brasil pós-político**. Goiânia: Caminhos, 2021.

Tendo em vista a complexidade dessas questões, tivemos como foco de análise dos nossos objetos caminhos que nos levaram a frentes, de forma geral, são:

- Fortalecimento das direitas brasileiras nas últimas décadas;
- A organização e a atuação dos aparelhos privados de hegemonia e de influenciadores de ação doutrinária;
- A constituição da internet e das plataformas digitais como espaço de embates e luta de classes;
- O avanço do processo de fascistização no Brasil recente, materializado em práticas sociais;
- O papel desses sujeitos: Do Val e Nando Moura e suas produções enquanto “agentes do caos” no ascenso da extrema direita no Brasil.

Para lidar com a natureza do objeto de pesquisa exposto anteriormente, é indispensável a incorporação das contribuições teóricas e metodológicas de Antônio Gramsci, bem como de alguns de seus principais comentadores e analistas⁹. Categorias como as de Estado integral, “sociedade civil” (aparelhos privados de hegemonia), hegemonia, intelectual orgânico, tornam-se fundantes para o entendimento de ascensão e fortalecimento de ideologias, movimentos, grupos e regimes de extrema direita e de cunho fascista – não apenas no tempo de Gramsci, mas no mundo hegemônico pelo capital monopolista e a crescente midiaticização em que vivemos.

A discussão sobre hegemonia em Gramsci, por exemplo, nos ajuda a entender como funcionam os modos de conquista e dominação burguesas através do mecanismo de produção e reprodução de consensos no âmbito da sociedade.

Para o marxista italiano, a hegemonia precisa além do uso coercitivo das forças, construir um consenso que não se dá somente por meios econômicos, sendo assim a hegemonia não deve ser entendida nos limites de uma coerção pura e simples, pois inclui a direção cultural e o consentimento social a um universo de convicções, normas morais e regras de conduta, assim como a destruição e a superação de outras crenças e sentimentos diante da vida e do mundo.¹⁰

⁹ Destacamos aqui, Álvaro Bianchi com as obras “O laboratório de Gramsci” e “Gramsci entre dois mundos”. Carlos Nelson Coutinho com o livro “Gramsci: um estudo sobre o pensamento político, e a excelente tradução dos “Cadernos de Cárcere” pela editora civilização brasileira. E Sonia Mendonça com artigo “O Estado Ampliado como ferramenta metodológica”.

¹⁰ GRAMSCI, Antônio. **Cadernos do cárcere** – Literatura. Folclore. Gramática. Apêndices: variantes e índices. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002b. 495 p. v. 6, p. 65.

Cabe destacarmos a importância dos intelectuais no pensamento Gramsciano e como esse tema, foi associado pelo autor à teoria da hegemonia e ao conceito de Estado integral em sentido orgânico. Nas palavras de Álvaro Bianchi:

Na abordagem Gramsciana, a questão dos intelectuais dizia respeito às formas de exercício das funções de direção e dominação dos grupos sociais antagonistas e, por essa via, à formação do pessoal encarregado ou especializado.¹¹

Essa perspectiva elucida a relação entre intelectuais e hegemonia, bem como sua organicidade. Essa capacidade organizativa da hegemonia burguesa não opera sozinha, mas através desses sujeitos podemos encontrar o suporte de aparelhos que trabalham atuando, criando e difundindo material de produção de consensos no âmbito do Estado e da sociedade civil. Como expõe Sonia Mendonça:

E neste ponto, torna-se essencial no pensamento gramsciano a figura do intelectual como efetivo organizador das vontades e da ação coletiva. Dessa forma, o pleno desenvolvimento de uma classe – ou fração – depende de sua capacidade de gerar seu próprio quadro de intelectuais, aptos a lhe conferirem homogeneidade e mesmo consciência de sua função, seja no âmbito econômico, político ou ideológico. A partir dessa capacidade organizativa por excelência, os intelectuais respondem não só pela organicidade de um dado aparelho de hegemonia, mas, também, pela tarefa de atingir a própria organização da sociedade em geral, o que configuraria, de modo efetivo, a plena hegemonia da fração de classe específica por eles¹²

Mendonça salienta que a sociedade civil é marcada por conflitos de classe, “uma vez que é em seu seio que se elaboram e se confrontam projetos distintos e até mesmo antagonísticos, ficando claro no pensamento gramsciano, que ela é arena da luta de classes”,¹³ e espaço de disputas discrepantes, que derivam de aparelhos privados de hegemonia distintos, mas que em alguns casos pertencem a mesma classe ou fração dela.

A construção da dominação e direção e a manutenção da hegemonia, requer uma renovação constante dos APHs e das estratégias de criação e produção do consenso, direcionando nosso debate acerca da relação da sociedade civil e sua relação com o Estado. As organizações da sociedade civil integram e mantêm uma relação de unidade-distinção com Estado, pois estão articuladas organicamente não obstante expressem

¹¹ BIANCHI, Álvaro. **O laboratório de Gramsci**: Filosofia, História e Política. 2º Ed – Porto Alegre, Zouk, 2018.

¹² MENDONÇA, Sonia. R. de. **O Estado Ampliado como ferramenta metodológica**. Marx e o Marxismo, v.2, n.2, jan/jul 2014.

¹³ Ibidem, p. 36.

níveis e momentos distintos da luta de classes e suas estruturas de dominação. Para isso, esses dois conceitos articulam-se na concepção de Estado integral ou ampliado¹⁴, identificando a sociedade civil como um espaço de dominação e criação de consensos onde o Estado encontra sustentação. Como ressalta a historiadora Virginia Fontes:

Em Gramsci, a sociedade civil não pode ser seccionada ou amputada da totalidade na qual emerge: responde a uma extensão da socialização do processo produtivo, mas não atua apenas nos espaços produtivos. Compõe-se de aparelhos privados de Hegemonia que, ao mesmo tempo que procuram diluir as lutas de classes, expressam e evidenciam sua difusão e generalização no conjunto da vida social. A sociedade civil para Gramsci, é parte integrante do Estado e somente por razões analíticas pode dele ser destacada.¹⁵

A sociedade civil, para Gramsci, consistia num aparato de criação e difusão de aparelhos privados de hegemonia, evidenciando o seu papel na construção de consenso, voltado geralmente para os interesses da classe dominante¹⁶ e tendo em mente o fato de que os aparelhos privados são instrumentos construídos no âmbito da sociedade civil, pelas diversas classes, com o objetivo de disputar a hegemonia no âmbito do Estado.

Este, no âmbito da hegemonia, também é essencial na dinâmica histórica da luta de classes, desde que visto como uma categoria histórica que articula tanto a sociedade civil quanto a sociedade política, assinalado por Gramsci através de conhecida afirmação: “[...] na noção geral de Estado [integral] entram elementos que devem ser remetidos à noção de sociedade civil (no sentido, seria possível dizer, de que Estado = sociedade política + sociedade civil, isto é, hegemonia couraçada de coerção)”.¹⁷

Feito estas referências teóricas, cabe assinalar a seleção e uso de fontes extraídas do chamado “mundo virtual”. Sabemos que a internet e as redes de relacionamento têm exercido um papel muito relevante – e, não poucas vezes, intrigante – quando tratamos das formas de se repensar a produção histórica e o lugar do historiador no tempo presente.

Ambas tornaram-se rapidamente numa nova categoria de fontes para a pesquisa histórica, em especial aos estudiosos que se dedicam a estudar e analisar as relações entre

¹⁴ Estado ampliado não é um conceito formulado por Gramsci e sim por alguns estudiosos de sua obra como, Cristine Buci-Gluksmann (1980), ver: MENDONÇA, Sonia. R. de. O Estado Ampliado como ferramenta metodológica. In: **Marx e o Marxismo**, v.2, n.2, jan/jul 2014.

¹⁵ FONTES, Virgínia. **O Brasil e o capital-imperialismo**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2010.

¹⁶ Cabe ressaltar aqui que dentro da sociedade civil, não existem somente os APHs de caráter hegemônico, existem o que podemos chamar de contra hegemônicos, pois ao mesmo tempo que grandes conglomerados midiáticos exercem sua força na disputa pela hegemonia, temos as classes trabalhadoras também atuando nesse espaço, como o MST, MTST a CUT entre outros APHs que podemos caracterizar como das classes trabalhadoras.

¹⁷ GRAMSCI, A. **Cadernos do Cárcere**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002, p. 244.

história do tempo presente e fontes digitais¹⁸, pois, como enfatiza Fábio Chang de Almeida, após o advento da internet os pesquisadores passaram a contar com um aporte quase inesgotável de novas fontes.¹⁹

A internet fornece uma quantidade enorme de informação combinada com a “facilidade” de acesso que não existia à quinze ou vinte anos atrás fazendo com que as pessoas tenham a informação na “palma da mão”, embora, por vezes, acompanhada de ondas de desinformação e rarefação de conhecimentos científicos. Nesse sentido, Andreas Huyssen enfatizou criticamente que, no atual contexto, memória e história correm o risco de se converter em objetos de consumo de massa²⁰. E, mais do que isso. Nas palavras de Lucchesi:

[...] A flexibilidade, assim, transforma a experiência do consumo de história, ao passo que as mídias digitais também vão, em virtude da sua abertura e diversidade, alterar as condições de produção da história. Como os italianos notaram também, não só historiadores utilizam a Web para publicar histórias, pelas mais variadas categorias de autores. Rosenzweig e Cohen chamam atenção para o fato de que através dos olhos do Google – como a maioria das pessoas vê a Web – mesmo um desinteressado blogueiro pode ser mais influente em determinados temas do que celebrados.²¹

Assim, se essa massificação informacional, através da internet e redes, possibilitou que temas e questões do “passado” adquirissem uma dimensão virtualmente palpável a milhões de pessoas no mundo – o que já se apresenta como um campo de interrogação aos historiadores do tempo presente – tem permitido também que e, principalmente, os intelectuais orgânicos pudessem produzir e circular conteúdos que antes eram restritos a certa parcela da população.

¹⁸ Sobre a relação entre história do tempo presente e fontes (história) digital ver: ALMEIDA, Fábio Chang de. O historiador e as fontes digitais: uma visão acerca da internet como fonte primária para pesquisas históricas. **AEDOS** – Revista do Corpo Discente do PPG-História da UFRGS, v.3, n. 8, p.9-30, jan/jun. 2011; OLIVEIRA, Nucia A. S. de. História e internet: conexões possíveis. **Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 6, n.12, p. 23-53, mai/ago. 2014. Link: <https://doi.org/10.5965/2175180306122014023>. Acesso: 29.12.2021. MALERBA, Jurandir. Os historiadores e seus públicos: desafios ao conhecimento histórico na era digital. **Revista Brasileira de História** (Impresso), ANPUH, v. 37, p. 135-154, 2017.

¹⁹ ALMEIDA, op. Cit., p. 11.

²⁰ HUYSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória**: arquitetura, monumentos, mídia. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

²¹ Cf. LUCCHESI, Anita. **História e Historiografia Digital**: diálogos possíveis em uma nova esfera política. XXVII Simpósio Nacional de História da ANPUH, 2013. Link: http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1372190846_ARQUIVO_AnitaLucchesi-HistoriaeHistoriografiaDigital-dialogospossiveisenumanovaesperapublica-ANPUH2013-final.pdf Acessado em 12/01/2022.

É nesta perspectiva que necessitamos discorrer acerca de uma das questões substanciais que compõem a nossa pesquisa – as formas de organização e atuação das “novas direitas” no Brasil recente. Nossa “lupa” estará focada na análise das produções em vídeo de Arthur do Val e Nando Moura entre os anos de 2014 e 2018, elencando pautas em comum que atravessaram seus discursos e analisando-as enquanto parte de uma agenda que a extrema direita passou a hegemonizar nas últimas décadas.

Vamos à proposta e organização dos capítulos.

No capítulo 1, “Capitalismo, luta de classes e comunicações no Brasil em tempos sombrios”, busca entender a crise política, econômica e institucional vivida no Brasil recente e o papel não menos crítico das comunicações midiáticas, com destaque para a internet e redes sociais, na disputa assimétrica pela hegemonia burguesa, especialmente no contexto posterior às Jornadas de Junho de 2013.

O seu primeiro tópico, intitulado “*Crise de hegemonia e ascensão das ‘novas direitas’*”, traz uma reflexão sobre a concepção gramsciana de “crise de hegemonia” e como ela se desenvolveu historicamente no Brasil durante a década de 2010, numa conjuntura em ocorria a ascensão de movimentos, grupos e sujeitos das direitas brasileiras. Destacamos a crise do pacto de classes do Partido dos Trabalhadores para governar o país e, em meio à ela, como uma fração extremada das direitas aproveitaram o momento para se organizar politicamente – embora enxerguemos essa mudança de configuração numa dimensão temporal anterior, isto é, desde os anos 1980 e 1990.

No segundo tópico, “*Comunicações e/m poder: mídias e redes no fortalecimento das ‘novas direitas’*”, temos o objetivo de refletir sobre o papel que as comunicações desde a mídia hegemônica até as atuais redes sociais têm exercido em nossas vidas e relações sociais bem como em suas funções de aparelhos privados de hegemonia. Teremos como referências obras de Esther Solano, Camila Rocha, Helena Martins, Douglas Kellner, Dênis de Moraes, Giuliano da Empoli, Geraldo Couto Neto, dentre outros, pretendemos mostrar o poderio das comunicações e como elas se tornaram em arenas de produção de pautas doutrinárias das “novas direitas”.

O capítulo 2, intitulado de “*Olavismo, bolsonarismo e redes sociais: a disseminação do caos*”, procura situar teórica e historicamente os principais sujeitos das “novas direitas”, de cariz extremado, que se tornarão os baluartes do tripé ideologia/movimento/organização reunido na fundação do “olavismo” e do “bolsonarismo” e como ambos funcionaram como usinas de disseminação de discursos reacionários e fascizantes nas redes sociais.

No primeiro tópico, *“De Olavo a Bolsonaro: nomenclaturas do caos organizado no Brasil recente”*, a intenção é a de realizar uma breve exposição das trajetórias de Olavo de Carvalho e Jair Messias Bolsonaro para, em seguida, entendermos como se tornaram referências ideológicas e materiais para uma extrema direita olavista e bolsonarista. Já no segundo tópico, intitulado *“‘Influenciadores digitais’ ou ‘agentes do caos’?: trajetórias, perspectivas e relações de dois representantes das “novas direitas” nas redes”*, compreenderemos as trajetórias e as perspectivas de Nando Moura e Arthur do Val e como construíram os seus espaços de atuação, a fim de identificar possíveis formas organizativas e as ações junto a outros sujeitos e APHs, e de que modo em torno de cada um deles podemos reconstruir uma “teia de relações” ligada à agenda político- ideológica das “novas direitas”.

Por fim, no capítulo 3, intitulado *“‘Agentes do caos’ em ação: produção, atuação e pautas”* centraremos nossa análise em algumas produções em vídeo de Nando Moura e Arthur do Val existentes em seus canais na plataforma digital YouTube e de que forma estas produções são atravessadas por discursos eivados pela “guerra cultural” anunciada por Olavo de Carvalho no Brasil, mas entremeadas por valores e práticas relacionadas ao “livre mercado”. Para tanto, faremos uso de estudos da Análise de Discurso (AD) pecheuxtiana presentes em Eni Pulcinelli Orlandi. Para a autora, falar em discurso não é o mesmo que uma mera transmissão de informações, mas sim compreender todo um processo de significação do que é dito (e não dito) e construído através do discurso:

[...] Diremos que não se trata de transmissão de informação apenas, pois, no funcionamento da linguagem, que põe em relação sujeitos e sentidos afetados pela língua e pela história, temos um complexo processo de constituição desses sujeitos e produção de sentidos e não meramente transmissão de informação.²²

No tópico 3.1., *“Anticomunismo ‘embolorado’ e ódio antipetista”*, e 3.2., *“Valores ultraliberais e comportamentos anarcocapitalistas”* procuramos reunir duas grandes pautas comuns que atravessam os vídeos de Moura e do Val com o objetivo de realizar uma análise de discurso – sem a pretensão de aprofundar o debate – identificando nas produções audiovisuais e suas relações discursivas as formas de veiculação da agenda das “novas direitas” no Brasil recente.

²² ORLANDI, Eni P. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. 13ª. Ed. Campinas: Pontes, 2020, p. 19.

CAPÍTULO 1.

CAPITALISMO, LUTA DE CLASSES E COMUNICAÇÕES NO BRASIL EM TEMPOS SOMBRIOS

1.1. Crise de hegemonia pós-2013 e organização das “novas direitas”

Não é de pouca monta o desafio de escrever história e ser historiador crítico no Brasil contemporâneo, para não dizer em outras partes da América Latina e do mundo. Apesar dos recentíssimos ventos “progressistas” obtidos pela limitada via democrática das eleições, certo é que ainda estamos sob o contexto de tempos sombrios e bisonhos. Nada disso, porém, deve fazer-nos crer em fórmulas irracionalistas. Pelo contrário.

O que temos visto nas últimas décadas pode ser assinalado como um resultado contraditório (e desastroso) provocado pela metamorfose organizada do capital megacorporativo e financeiro, expandindo-se e reproduzindo-se de modo volátil e voraz em todas as dimensões da vida social, política, econômica, jurídica e institucional de cada país. E, não menos importante, no interior do campo tecnológico e midiático representado pelas comunicações (internet e redes sociais). Voltaremos a abordar este assunto.

Neste primeiro tópico, pretendemos situar alguns dos impactos do capitalismo, da democracia e da luta de classes no Brasil por meio da análise histórica da crise de hegemonia que se abateu no país na década de 2010 e, no seu bojo, da ascensão de novas formas organizacionais, operacionais e atuantes das direitas nas ruas e, particularmente, nas redes – o que tem lançado os pesquisadores a falar ora em “nova direita” e “extrema direita”, ora, em outros casos, a avançar em reflexões sobre uma guinada “neofascista” ou um processo de “fascistização” em curso.²³

Impensável falar de crise de hegemonia no Brasil contemporâneo sem que façamos referência metodológica a Gramsci. Segundo conhecida asserção do marxista

²³ São os casos de: LÖWY, M. Conservadorismo e extrema-direita na Europa e no Brasil. In: **Serviço Social & Sociedade**, São Paulo, n. 124, p. 652-664, out./dez. 2015; CALIL, G. Como combater o fascismo. **Blog Junho**, 30 de setembro de 2017; _____. Olavo de Carvalho e a ascensão da extrema direita. In: **Argumentum**, Vitória, v. 13, n. 2, p. 64-82, maio/ago. 2021. CASIMIRO, F. H. C. **A Nova Direita: aparelhos de ação política e ideológica no Brasil contemporâneo**. São Paulo: Expressão Popular, 2018; _____. **A tragédia e a farsa: a ascensão das direitas no Brasil Contemporâneo**. São Paulo: Expressão Popular, 2020; SOLANO, E. & ROCHA, C. **A direita nas ruas e nas redes: a crise política no Brasil**. São Paulo: Expressão Popular, 2019; MATTOS, M. B. **Governo Bolsonaro: neofascismo e autocracia burguesa no Brasil**. Rio de Janeiro: Usina Editorial, 2020; MELO, D B. de. O bolsonarismo como neofascismo do século XXI. In: REBUÁ, E. et al. (org.). **(Neo)fascismos e educação: reflexões críticas sobre o avanço conservador no Brasil**. Rio de Janeiro: Mórula, 2020. p. 12-46.

italiano, ao analisar o contexto de crise das democracias liberais e de ascensão e fortalecimento do fascismo na Itália nas primeiras décadas do século XX. De acordo com Gramsci:

O aspecto da crise moderna se lamenta como “onda de materialismo” está ligado ao que se chama de “crise de autoridade”. Se a classe dominante perde o consenso, ou seja, não é mais “dirigente”, mas unicamente “dominante”, detentora da pura força coercitiva, isto significa exatamente que as grandes massas se destacaram das ideologias tradicionais, não acreditam mais no que antes acreditavam, etc. A crise consiste justamente no fato de que o velho morre e o novo não pode nascer: neste interregno, verificam-se os fenômenos patológicos mais variados. (GRAMSCI, 2014, p. 187).

Como consta acima, chamada de “crise do princípio da autoridade” ou “crise orgânica”, a crise de hegemonia gramsciana envolve não apenas as relações tensionais entre dominação e direção de um determinado agrupamento político no âmbito do Estado em sentido restrito. Corresponde, notadamente, a um momento crítico das relações ampliadas do Estado, isto é, em sua articulação orgânica com os organismos (ou aparelhos) privados de hegemonia, na qual “o aparelho hegemônico racha e o exercício da hegemonia torna-se sempre mais difícil”.²⁴

Neste contexto determinado, na qual a dinâmica da luta de classes no âmbito do Estado (sociedade política + sociedade civil) experencia uma situação crítica de direção e domínio, nas quais quebram-se as bases de sustentação e/ou apoio político,

os “[...] partidos tradicionais naquela dada forma organizativa, com aqueles determinados homens que os constituem, representam e dirigem, não são mais reconhecidos como sua expressão por sua classe ou fração de classe”.²⁵

Como pensar objetivamente a reflexão gramsciana da crise no caso brasileiro, tendo como destaque o contexto histórico aparentemente hegemônico dos governos petistas? De que forma arrastou o país – e sua mal enjambrada democracia (burguesa) – à emergência e fortalecimento de movimentos e sujeitos à direita de cariz antidemocrático, extremista e ultraconservador?

Para tentar responder tais questões, é preciso assinalar que o processo histórico gestador desta recente crise e seus desdobramentos catastróficos encontra-se, de um lado, na perspectiva da “transição pelo alto” nos anos finais da ditadura conduzida pelos

²⁴ COSPITO, G. Hegemonia. In: _____. LIGUORI, G. & VOZA, P. (org.). **Dicionário gramsciano**. São Paulo: Boitempo, 2017, p. 366.

²⁵ GRAMSCI, op. Cit., p. 60.

últimos governos militares em conluio condominial – não sem conflitos de interesses e disputas de projetos de Estado – com bancadas parlamentares e frações do grande empresariado nacional. Dita transição respondia, em boa parte, às demandas e pressões da internacionalização do capital em sua hegemonia burguesa neoliberal-financeira.²⁶

Por outro lado, ainda que não esqueçamos o momento fundamental de reorganização sindical e partidária das esquerdas e das lutas da classe trabalhadora a contar dos anos 1970-80, fato é que o movimento pelas “Diretas Já!” em 1983, a aprovação da Assembleia Constituinte (1986) e a culminância da nova Constituição, em 1988, não mexeram estruturalmente nas relações entre as profundas desigualdades sociais (de classe, gênero, raça) e a dominação capitalista no país expressa pela continuidade transformada da autocracia burguesa no Brasil.²⁷

Como afirma Luís Felipe Miguel:

[...] No Brasil, não se construiu nada que sequer lembrasse o Estado de bem-estar social [...] Os eixos principais do conflito estavam na vigência da legislação trabalhista, na garantia de um poder de compra mínimo para os salários e na reforma agrária. Este é um aspecto constante, que ajuda a explicar também a crise política atual: a tolerância dos grupos dirigentes brasileiros à igualdade é muito reduzida. Medidas tímidas para a redução das distâncias sociais já são consideradas inaceitáveis e levam a reações de desestabilização da ordem política. Nestas condições, só prospera sem tensões uma democracia profundamente autolimitada, que refreie qualquer impulso para o combate à desigualdade.²⁸

Aqui que reencontramos parte das questões feitas anteriormente.

O projeto de conciliação de classes instaurado a partir da vitória eleitoral de Lula em 2002 e dos governos federais do PT de 2003 a 2016 fora, desde o princípio, marcado pela sustentação de um pêndulo instável, crítico: comprometido com os ditames dos organismos internacionais e do capital empresarial-financeiro com seus aparelhos privados de hegemonia burguesa (FIESP, FIRJAN, mídia corporativa) e, ao mesmo

²⁶ FERNANDES, Florestan. **A revolução burguesa no Brasil**: ensaio de interpretação sociológica. 5ª edição. São Paulo: Globo, 2005; MACIEL, David. Neoliberalismo e autocracia burguesa no Brasil. In: **Cadernos CEMARX**, nº. 5, 2009, p. 195-210; FONTES, Virgínia. **O capital-imperialismo**: teoria e história. 3ª.ed. Rio de Janeiro: EPSVJ/FioCruz; UFRJ, 2010.

²⁷ FONTES, op. Cit., p. 240-241. Ver também a recente tese de: SILVA JÚNIOR, S. F. **O Brasil diante do espelho**: autocracia burguesa e luta de classes na transição conservadora (1974-1988). Tese (Doutorado – História). Marechal Cândido Rondon: UNIOESTE, 2023.

²⁸ MIGUEL, Luís F. *O colapso da democracia no Brasil*: da Constituição ao Golpe de 2016. São Paulo: Expressão Popular, 2019, p. 41-42. Para autores como David Maciel, porém, a dita transição e o que se seguiu a ela representou – na senda das reflexões de Florestan Fernandes – uma metamorfose aparente do próprio regime autocrático burguês: reacionário, elitista e antidemocrático desde a raiz formativa da sociedade e do Estado no Brasil em um novo contexto de luta de classes.

tempo, buscando promover medidas assistencialistas e de restrito acesso de direitos sociais às classes trabalhadoras.

Segundo David Maciel, os governos de Lula e Dilma usaram como tática evitar os confrontos, promovendo políticas sociais e econômicas de natureza compensatórias, mas não subtraindo as vantagens da classe política e burguesa dentro da referida “conciliação de classes” que serviram de ancoragem para o atendimento das demandas do capital financeiro e de um projeto político pautado em políticas neoliberais. Para Maciel:

Em oito anos o governo Lula foi capaz de repor e consolidar o neoliberalismo como programa político do bloco no poder; atraindo para a hegemonia do capital financeiro o apoio ativo das principais organizações do mundo do trabalho, e o apoio passivo das enormes massas de trabalhadores desorganizados, por meio do *lulismo* e das políticas sociais compensatórias. Além disso, a adesão do governo do PT (Partido dos Trabalhadores) ao neoliberalismo moderado esvaziou significativamente a perspectiva anti-autocrática e anti-neoliberal alimentada pelo conjunto da esquerda e pelos movimentos sociais nos últimos 20 anos, contribuindo poderosamente para seu isolamento político e social.²⁹

A partir de 2011, por exemplo, a saída econômica do governo petista de alavancar o capitalismo evidenciava os seus limites. Os indicadores econômicos mostravam uma piora nas condições externas da crise mundial, que refletiram excessivamente na agenda econômica governista. A então “agenda desenvolvimentista” do PT, que previa um crescimento econômico através do estímulo do Estado e das políticas sociais compensatórias, passou a sofrer grandes alterações no que tange as propostas anunciadas no período da eleição e essas “manutenções econômicas” tornaram inviável a conservação das poucas medidas sociais populares. Além disso, o país começava a sofrer os impactos da crise financeira mundial de 2008.³⁰

A situação crítica convertera-se em uma outra correlação de forças durante as chamadas “Jornadas de Junho” de 2013. Fruto de insurgências contra o aumento dos preços das tarifas do transporte (os 20 centavos nas tarifas de ônibus), ganharam outra envergadura com a aglutinação de outras demandas populares básicas, como saúde, moradia, educação e infraestrutura urbana. Jovens e trabalhadores, em sua maioria, estes reivindicavam melhores condições de vida nas grandes e médias cidades, enquanto o

²⁹ MACIEL, David. De Lula à Dilma Rousseff: crise econômica, hegemonia neoliberal e regressão política. In **Marxismo21**, 2013, s/n. Link: <http://marxismo21.org/wp-content/uploads/2013/06/D-Maciel-2.pdf>. Acesso: 30.12.2021.

³⁰ MATTOS, Op. Cit., p. 148.

governo considerado de esquerda e as classes dominantes pareciam viver o “clima” de Copa do Mundo, realizada um ano depois.

Milhares de pessoas foram às ruas em um movimento só nas aparências de frágil capacidade de organização e luta³¹. Apesar do forte teor de espontaneidade, o potencial de descontentamento e indignação ante as políticas restritivas dos governos petistas (levando às ruas mais de um milhão de pessoas) encontravam “vozes organizativas” em páginas criadas no Orkut e no Facebook, bem como em vídeos postados no Youtube. Quase tudo em “tempo real”.³²

Parece fato, na literatura sobre o tema, que a deflagração do movimento e suas primeiras mobilizações e atos foram conduzidos por sujeitos majoritariamente de perfil jovem e proveniente da classe trabalhadora. Mas também não é inverídica a asserção de que as Jornadas passaram a ser disputadas por grupos de esquerda e de direita. Reivindicações por direitos a um sistema público básico e de qualidade para todos misturaram-se, nas últimas semanas, a pautas sobre corrupção e gastos excessivos do governo com a Copa das Confederações e a realização da Copa do Mundo em 2014.³³

Neste sentido, existem distintas interpretações acerca das Jornadas de 2013 e de alguns de seus desdobramentos posteriores. Para Cesar Calejon Ibrahim, a imensidão de pessoas que fora às ruas por melhores condições e por uma ocupação de espaços políticos, convertera-se em um dos movimentos mais emblemáticos já registrados na história do Brasil desde as “Diretas Já!”³⁴. Escrevendo no calor dos acontecimentos, a geógrafa Ermínia Maricatto registrara uma posição otimista do movimento:

Podemos pensar essas manifestações como um terremoto [...] que perturbou a ordem de um país que parecia viver uma espécie de vertigem benfazeja de prosperidade e paz, e fez emergir não uma, mas uma infinidade de agendas mal resolvidas, contradições e paradoxos.

³¹ “Em dia de maior mobilização, protestos levam centenas de milhares às ruas no Brasil”. UOL notícias, 2013. Link: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2013/06/20/em-dia-de-maior-mobilizacao-protestos-levam-centenas-de-milhares-as-ruas-no-brasil.htm> Acesso: 30.12.2021.

³² CALIL, Gilberto. A democracia e a repressão nas Jornadas de Junho de 2013. In: SILVA, Carla L.; CALIL, Gilberto G. & SILVA, Márcio A. Both da (orgs.). **Ditaduras e democracias**: estudos sobre poder, hegemonia e regimes políticos no Brasil (1945-2014). Porto Alegre: FCM Editora, 2014, p. 211-225. Sobre as “vozes” discursivas em junho de 2013 ver: PINTO, Celi Regina Jardim. A trajetória discursiva das manifestações de rua no Brasil (2013-2015). In: SOLANO, E. & ROCHA, C. (org.). **As direitas nas redes e nas ruas**: a crise política no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2019, p. 15-53.

³³ DEMIER, Felipe. **Depois do Golpe**: a dialética da *democracia blindada* no Brasil. Rio de Janeiro: MAUAD X, 2017.

³⁴ IBRAHIM, Cesar Antonio Calejon. **A ascensão do bolsonarismo no Brasil do século XXI**. 2. Ed – Curitiba Kotter Editorial, 2021. p. 67

Mas, sobretudo – e isso é o mais importante – fez renascer entre nós a utopia...³⁵

Um pouco mais distante de 2013, Felipe Demier pontuara os principais alvos e objetivos dos milhares de manifestantes nas ruas das grandes e médias cidades do país. Sua avaliação reforça a nossa consideração sobre o aspecto popular das demandas e a capacidade organizativa do movimento:

[...] tiveram como alvo central o alto custo e/o a obscena precariedade dos serviços públicos básicos, dos quais depende a maioria esmagadora da população brasileira. Estas manifestações tomaram as ruas, exaltaram os ânimos e demonstraram uma alta capacidade de incomodar alguns setores da sociedade e da política brasileira.³⁶

– muito embora o seu livro sobre a “democracia blindada” no Brasil contemporâneo concluísse, em tom pessimista, que a “capacidade de incomodar” fora suplantada nos anos seguintes pela blindagem cada vez maior à população pobre e trabalhadora do conjunto da riqueza social produzida pelo Estado (ampliado).

Numa linha semelhante de análise, mas trazendo novos elementos para a reflexão historiográfica, Marcelo Badaró procurou avaliar metodologicamente as jornadas de junho de 2013 ao discernir os campos em disputa, mas destacar ecos de reivindicações que continuam na ordem do dia da luta contra o capitalismo selvagem:

Tentemos entender melhor junho de 2013. É fato que o perfil de seus participantes, dimensionado por um pequeno número de levantamentos realizado por institutos de pesquisa de opinião, cujos critérios de estratificação dos entrevistados são questionáveis, revela uma composição social heterogênea. No entanto revela também, uma clara predominância de manifestantes nas faixas de rendimento entre 0 e 5 salários mínimos e nas faixas etárias mais jovens. Indo um pouco além da aparência dos acontecimentos, podemos perceber que, apesar de terem sido palco para todo tipo de proposta, inclusive algumas de teor claramente reacionário, aquelas manifestações apresentam grandes demandas que permaneceram em pauta ao longo do processo – pela redução do preço e melhoria da qualidade do transporte coletivo, contra a violência policial, contra as corporações empresariais de mídia, em defesa da saúde e educação – e possuíam um claro perfil de classe.³⁷

³⁵ MARICATO, Erminia (et al.). **Cidades Rebeldes: Passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil**. São Paulo: Boitempo, Carta Maior, 2013, p. (ver).

³⁶ DEMIER, op. Cit., p. 68.

³⁷ MATTOS, Op. Cit., p. 148-149. Ainda que traçando um tom otimista na abordagem, Rosana Pinheiro-Machado desenvolve uma análise crítica que desemboca na luta por “mais democracia” do movimento: “As Jornadas de Junho foram as maiores marchas da história do país. Com variações locais, as multidões reivindicavam melhores bens públicos e se colocavam contra os abusos corporativos e a violência de Estado praticada em função da copa de Copa do Mundo que aconteceria em 2014. Os protestos em última instância, eram por mais democracia e contra o neoliberalismo”. In: PINHEIRO-MACHADO, Rosana. **Amanhã vai**

Em entrevista de 2018, o sociólogo Ruy Braga afirmou que a onda de insatisfação popular reverberou na presidente Dilma Rousseff, que tinha aprovação de 57%, viu sua popularidade cair à metade naquele mês. As ruas e as redes, historicamente ocupadas pela esquerda, também passaram a ser disputadas, principalmente a contar de 2015, por grupos radicais de direita, numa linha “apartidária” e “patriótica”, que se opunham tanto ao PT quanto às organizações de esquerda que faziam oposição aos governos petistas.³⁸

Não menos importante foi a conjuntura política brasileira atravessada pela polarização durante (e após) as eleições de 2014 entre PT e PSDB. Considerada as eleições presidenciais mais acirradas no país desde 1989³⁹, a edição de 2014 teve Dilma Rousseff (PT) vencendo em segundo turno Aécio Neves (PSDB) em um pleito renhido marcado pela acusação (infundada, porém disseminada) de fraude nas urnas eletrônicas, seguida da prática (concreta, porém negada) de estelionato eleitoral nos primeiros meses de 2015, com a política econômica e fiscal recessiva do ministro Joaquim Levy.⁴⁰

Marcelo Badaró, ao analisar este contexto, enfatizou: “pode-se dizer que a crise é a chave para entender os últimos anos da política brasileira. Melhor ainda se falar em *crises*, no plural”⁴¹. As crises dos governos petistas, com destaque para o segundo mandato de Dilma Rousseff, chegaram entre 2014 e 2016 em uma fase aguda, que envolvia problemas internos – condensados na ruptura da conciliação de classes, na política econômica recessiva e na crescente blindagem das instituições democráticas às reivindicações da classe trabalhadora⁴² – enovelados ao referido impacto da crise mundial de 2008.

O Partido dos Trabalhadores, que já enfrentava a queda de popularidade do governo, encontraria forte oposição em manifestações nas ruas e redes sociais e em pedidos de impeachment da presidenta. Ao lado disso, o governo petista via suas bases de sustentação social serem reduzidas com o agravamento da crise e, pior, o não cumprimento do programa de campanha:

ser maior: o que aconteceu com o Brasil e possíveis rotas de fuga para a crise atual. São Paulo: Planeta, 2019, p. 33.

³⁸ “Manifestações de junho de 2013 completam cinco anos, o que mudou”. In: **GLOBO**, Revista Galileu, 2018. Link: <https://revistagalileu.globo.com/Revista/noticia/2018/06/manifestacoes-de-junho-de-2013-completam-cinco-anos-o-que-mudou.html> Acesso: 23.09.2022.

³⁹ “Eleição presidencial de 2014 foi a mais acirrada desde 1989”. In: EBC notícias, out. 2014. Link: <https://memoria.ebc.com.br/noticias/eleicoes-2014/2014/10/eleicao-presidencial-de-2014-foi-a-mais-acirrada-desde-1989> Acesso: 05.01.2022.

⁴⁰ Ver em: CALIL, Gilberto. Estado, capitalismo e democracia no Brasil recente. In: ____.; SILVA, Carla Luciana & SILVA, Márcio Antônio Both da. (org.). **Ditadura, transição e democracia**: estudos sobre a dominação burguesa no Brasil contemporâneo. Porto Alegre: FCM Editora, 2016, pp. 205-228.

⁴¹ MATTOS, op. Cit., p. 147.

⁴² DEMIER, op. Cit., p. 96-97.

Afinal, após as eleições, ficou cada vez mais evidente que as promessas de campanha de Dilma de preservar os direitos dos trabalhadores, evitar o caminho das privatizações e manter o baixo nível de desemprego por meio de políticas de estímulo à produção eram apenas o que eram: promessas de campanha. A manifestação mais acentuada dos efeitos da crise econômica internacional sobre o país gerou uma resposta pós-eleitoral conservadora e ortodoxa do governo reeleito, com a adoção das internacionalmente conhecidas medidas de “austeridade”. Os cortes do orçamento público nas áreas sociais – especialmente na Educação – a retirada de direitos relativos ao seguro-desemprego e pensões de viúvas foram as primeiras indicações de que mais uma vez a conta da crise deveria ser paga pelos trabalhadores. Se há algo que se pode dizer da crise sem maiores polêmicas é que as respostas até aqui formuladas, por governo e classe dominantes, são profundamente nocivas aos interesses dos trabalhadores. Assim não haveria por que esperar que a classe trabalhadora fosse às ruas defender “seu” governo contra ameaças da direita golpista.⁴³

O “giro” neoliberal advindo do governo petista, fez com que partido e governo perdessem credibilidade com a parcela empobrecida da população (incluindo as classes médias urbanas). O aumento da inflação e do custo de vida, além do citado cumprimento de metas fiscais e monetárias⁴⁴, andavam de mãos dadas com o objetivo do governo de reconquistar a “confiança” do empresariado e do grande capital.

Ocorre que setores reacionários das classes dominantes brasileiras em articulação com frações burguesas do grande capital articulavam uma derrubada do governo ao instigarem e promoverem – contando com o beneplácito ativo e diuturno das corporações midiáticas – vários movimentos declaradamente de direita que passaram a ganhar força e adesão nas redes e nas ruas a partir do segundo semestre de 2014 e início do ano de 2015 com discursos anticorrupção e antissistema e um sentimento de ódio antipetista⁴⁵ (extensivo às pessoas de Lula e Dilma) que se converteria rapidamente em um teia de discursos fascizantes de “guerra” contra o “comunismo”, a “doutrinação esquerdista”, o “marxismo cultural” e o “gayzismo”. Voltaremos adiante.

Nas ruas, as grandes manifestações reacionárias convocadas por organizações de direita e entidades das classes dominantes (com forte apoio midiático) iniciadas em março

⁴³ MATTOS, Marcelo Badaró. As origens: Jornadas de Junho e crescimento das lutas da classe trabalhadora. In: DEMIER, Felipe; HOEVELER, Rejane (orgs). **A Onda Conservadora**: ensaios sobre os atuais tempos sombrios no Brasil. Rio de Janeiro. Mauad-X, 2016, p. 98.

⁴⁴ “Custo de vida sobe 9,56% no Brasil nos últimos 12 meses até julho, maior taxa desde 2003. In: **O Estado de Minas**, ago. 2015. Link: https://www.em.com.br/app/noticia/economia/2015/08/08/internas_economia,676447/no-topo-em-12-anos.shtml. Acesso: 16.01.2022.

⁴⁵ “Uma multidão protesta contra o Governo Dilma”. In: **El País** – Brasil, mar. 2015. Link: https://brasil.elpais.com/brasil/2015/03/15/politica/1426458992_617989.html Acesso: 16.01.2022.

até dezembro de 2015 cimentariam o processo que culminou com o processo de impeachment de Dilma Rousseff ⁴⁶. Cabe aqui avaliar, mesmo que brevemente, a diferença entre os manifestantes de junho de 2013 e ao longo de 2015.

Para Gilberto Calil⁴⁷, existia um nítido critério classista entre as duas manifestantes: a base social das “Jornadas de Junho” era predominante popular, com grande parcela composta por jovens, mulheres e trabalhadores. Ao contrário, as manifestações de 2015 estavam constituídas por militares reformados e “viúvas” de militares de alta patente, indivíduos mais velhos e com maior poder aquisitivo, homens, brancos, oriundos da pequena burguesia e mais instruídos⁴⁸. Além disso, as manifestações “verde amarelas”, que ganharam esse nome porque era característico dos seus participantes usarem camisetas da Confederação brasileira de futebol (CBF) e bandeiras do Brasil nas costas, os discursos concentravam-se na luta para “varrer toda sujeira do PT”, a “corrupção” e o combate ao “comunismo”. ⁴⁹

É nesta mesma conjuntura, aliás, que sujeitos e movimentos radicais de direita conquistavam maior visibilidade, espaço e atuação nas ruas e redes sociais, como aponta os estudos de Debora Messenberg⁵⁰. A “direita que saiu do armário”, segundo ela, passou a atuar em vários segmentos dentro da sociedade e por meio de diversos aparelhos privados de hegemonia burguesa inflamavam a polarização entre esquerda e direita.

Em seu trabalho, Messenberg buscou identificar quem eram os atores sociais da direita que estavam, por exemplo, nas manifestações contra Dilma em 2015, bem como os sujeitos individuais e coletivos que trabalharam para dar suporte logístico e ideológico às manifestações, dentre eles Movimento Brasil Livre (MBL) e Revoltados On-line, e nomes de destaque midiático como Olavo de Carvalho e Jair Bolsonaro⁵¹. Segundo ela:

As manifestações que levaram centenas de milhares de pessoas às ruas nas principais cidades brasileiras durante os meses de março, abril e agosto de 2015, trouxeram à luz o ativismo de certos tipos de atores sociais, que há décadas não participavam de forma tão intensa na arena pública. Tais manifestações revelaram presença privilegiada de grupos de perfil conservador, que a despeito de suas clivagens internas em

⁴⁶ “Manifestações anti-Dilma voltam às ruas do Brasil”. In: **El País** – Brasil, ago. 2015. Link: https://brasil.elpais.com/brasil/2015/08/16/politica/1439728675_375038.html Acesso: 23.11.2022.

⁴⁷ CALIL (2016), op. Cit., p. 206.

⁴⁸ BRAGA, Ruy. Brasil: Os sentidos de junho. In: **Blog da Boitempo**, jul. 2015. Link: <https://blogdaboitempo.com.br/2015/07/06/os-sentidos-de-junho/> Acesso: 05.01.2022.

⁴⁹ PINTO, op. Cit., p. 46.

⁵⁰ MESSEMBERG, Debora. A direita que saiu do armário: a cosmovisão dos formadores de opinião dos manifestantes de direita brasileiros. **Sociedade e Estado**, v. 32, p. 621-648, 2017.

⁵¹ Idem, p. 179.

termos de tonalidades ideológicas, expuseram publicamente convicções de cunho segregador e autoritário.⁵²

Como um “grand finale”, o golpe jurídico, político, midiático e empresarial de 2016 não apenas serviu para retirar Dilma e o PT do poder executivo e ratificar a “quebra” do pacto interclassista, como deixou claro que a crise de hegemonia instaurada no país revelava o quão malemolente, instável e, no limite, descartável era a restritiva (porém legítima) democracia burguesa brasileira para as frações reacionárias e antipopulares das classes dominantes.

Assim, sequer respaldado pelos direitos civis e sociais expressos na “Constituição Cidadã” de 1988, o formal “Estado de direitos” da democracia sucumbiria aos ditames do capital financeiro que cacifou o governo ilegítimo de Michel Temer e a “ponte para o futuro” que este projeto ensejava: aplacar de modo autocrático um conjunto de medidas contrarreformistas (trabalhista, previdenciária, educação básica) e de desmontes de direitos sociais (saúde, educação) a partir da aprovação da PEC do teto de gastos, contra as parcas conquistas da classe trabalhadora.⁵³

Evidente que estes ataques ostensivos não ocorreram num “céu de brigadeiro”. Movimentos de resistência e luta ganharam também as ruas e as redes durante os anos de 2015 e 2016 – basta relembrar, por exemplo, a greve dos servidores públicos do Estado do Paraná contra o assalto à previdência pelo governador Beto Richa (2015) e as ocupações estudantis em diversos estados da federação contra a PEC dos gastos e a contrarreforma do ensino médio (2015 e 2016) ⁵⁴. No entanto, ainda que o Estado (ampliado) constitua historicamente a arena primordial da luta de classes, a hegemonia do capital-imperialismo expropriador assenta-se na dupla coerção-consenso para desmobilizar movimentos sociais e, se possível, destruir direitos básicos.

Neste sentido, podemos dizer que o período compreendido entre os anos de 2013 e 2016, mas certamente extensivo até o ano de 2018 com a vitória eleitoral de Jair Bolsonaro, pode ser considerado aquele em que se tornaria visível “a olhos nus” a situação de crise de hegemonia tanto na dimensão parlamentar-governamental, quanto no âmbito das diversas e antagônicas forças políticas e econômicas em jogo na “sociedade civil”, com o pêndulo voltado ao ponto extremo das direitas.

⁵² Ibid., p. 175-176.

⁵³ MATTOS, op. Cit., p. 161-162.

⁵⁴ CALIL (2016), op. Cit, p. 212.

Passada a fermentação popular criada pelas “Jornadas”, a assumida posição conservadora dos governos petistas e a culminação de um golpe contra a população pobre e a classe trabalhadora (mais do que em um partido ou governo), um certo “vácuo político” acabou sendo deixado na sociedade que favoreceu a “captura” ideológica de setores médios e populares por sujeitos, grupos e movimentos de extrema direita ávidos em promover, de um lado, campanhas de desestabilização institucional e, de outro, em expressar discursos antimarxista e anti-esquerda – reduzindo-os a tudo que soasse negativo e associando esses discursos ao âmbito político-partidário petista,

Tal período crítico e recente, impele-nos a compreender um pouco mais as formas de poder e hegemonia burguesa no capitalismo contemporâneo, com atenção sobre determinados sujeitos e organizações que passaram a ser identificados com a chamada “nova direita”.

Na análise de Camila Rocha, as “novas direitas” constituem um fenômeno amplo e complexo, com origens que não são necessariamente imediatas. É no contexto de 2014 para 2015 que surge um entendimento entre os pesquisadores⁵⁵ de que existem novas formas de atuação e organização político-ideológica das direitas brasileiras. Acerca desse momento, Camila Rocha descreve o ascenso da “nova direita” nas ruas e redes sociais:

[...] foi apenas a partir da reeleição de Dilma Rousseff em 2014, que a nova direita começou a se materializar de fato a partir do primeiro protesto pró-impeachment, organizado logo após o anúncio da vitória da petista. Logo após o primeiro pico de mobilização atingido pela Campanha Pró-Impeachment, em março de 2015, jovens e militantes até então desconhecidos, oriundos do contra-públicos digitais, passaram a angariar influência junto a públicos dominantes e, em nas eleições de 2016 alguns militantes se candidataram a cargos legislativos. Neste momento o fenômeno da direita envergonhada passou a ser algo do passado, no entanto, a nova direita em formação ainda continuava ser constituída por diferentes forças políticas que haviam se unificado sob um único projeto, o que ocorria apenas a partir das eleições de 2018, quando formou-se uma frente ampla, ultraliberal-conservadora, em torno da campanha à presidência de Jair Bolsonaro.

⁵⁶

⁵⁵ Os já citados: SOLANO & ROCHA, op. Cit.; CASIMIRO (2020), op. cit. Ver também: ROCHA, Camila. **“Menos Marx, Mais Mises”**: uma gênese da nova direita brasileira (2006- 2018). Tese (Doutorado em Ciência Política). São Paulo: Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2018. SANTOS, Mayara Aparecida Balestro dos. **“Agenda conservadora, ultraliberalismo e guerra cultural”**: ‘Brasil Paralelo’ e a Hegemonia das Direitas no Brasil Contemporâneo (2016-2020). Dissertação (Mestrado - História) - Faculdade de História, Letras e Ciências Humanas, Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Marechal Cândido Rondon, 2021.

⁵⁶ ROCHA (2018a), Op. Cit., p. 112.

Segundo a autora, o processo de organização das novas direitas no Brasil situa-se “entre o final do primeiro governo Lula e o início do segundo” – ou seja, algo entre 2005 e 2006⁵⁷. Para Rocha:

[...] Naquela época, surgiram na internet fóruns de discussão, blogs, sites e comunidades (principalmente na extinta rede social Orkut e, posteriormente, no Facebook) em que se discutiam temas relacionados ao livre-mercado, à defesa de valores cristãos e à conjuntura política nacional e internacional.⁵⁸

Assistiu-se à emergência e profusão de aparelhos privados de hegemonia representativos de frações reacionárias das burguesias brasileiras que passaram a se apresentar como porta-vozes da “liberdade” e da “democracia” e com uma agenda anticomunista, reacionária e ultraliberal no país. Acerca da atuação doutrinária dos grupos de direita a contar de 2003, Felipe Miguel traz uma explicação importante ao afirmar que

Os anos petistas testemunharam [...] dois fenômenos paralelos: o PSDB entendeu que seu caminho era liderar a direita; e a direita entendeu que havia espaço para radicalizar seu discurso. Mas o uso de *direita*, no singular, precisa ser relativizado. O que há é a confluência de grupos diversos, todos conservadores ou reacionários, com divergências doutrinárias, cuja união é sobretudo pragmática e motivada pela percepção de um inimigo comum. Os setores mais extremados incluem três vertentes principais, que são o chamado libertarianismo, o fundamentalismo religioso e a reciclagem do antigo anticomunismo.⁵⁹

Esses grupos, heterogêneos e fragmentados, passam a ganhar uma certa coesão ideológica e uma homogeneidade programática, pois, apesar de à primeira vista possuírem discrepância entre seus ideais, aproximavam-se na escolha do inimigo comum.

A doutrina libertariana (anarcocapitalista), descendente da “Escola Econômica Austríaca” e de Ludwig Von Mises, defende com veemência a meritocracia, o hiperindividualismo, o direito sagrado da propriedade privada, a naturalização das desigualdades sociais e a crítica acerca à intervenção do Estado em questões econômicas e na expressão das “liberdades individuais”. Nas palavras de Francisco Fonseca, o libertarianismo afirma que o mercado consistiria numa “entidade infalível” e

⁵⁷ ROCHA, Camila. O *boom* das novas direitas brasileiras: financiamento ou militância? In: SOLANO, E. (org.). **O ódio como política**: a reinvenção das direitas no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2018b, p. 48.

⁵⁸ ROCHA (2018b), op. cit., p. 48.

⁵⁹ Esses são os três eixos da extrema-direita brasileira que Luís Felipe Miguel classifica. Cf. MIGUEL, Luis F. **O colapso da democracia no Brasil**: da constituição ao golpe de 2016. São Paulo: Expressão Popular, 2019, p. 94.

autorreguladora da “ordem natural” da vida ⁶⁰. Grupos como MBL e Brasil Paralelo procuram identificar-se com esta doutrina, baseando-se na conhecida assertiva de que “imposto é roubo”.

A segunda vertente, talvez seja a que mais consiga cooptar e emplacar seus ideais na sociedade, pois não é de hoje que a religião e suas liturgias exercem poder na sociedade, seja qual for a forma de governo ou poder. Luís Felipe Miguel afirma que a ascensão do fundamentalismo religioso, deu-se na década de 1990, com o crescimento dos investimentos das igrejas neopentecostais em prol da eleição de seus pastores.

O fundamentalismo religioso, segundo Felipe Miguel, se define pela percepção de que há uma verdade revelada que anula qualquer possibilidade de debate. Suas lideranças se aliam/alinham a outros grupos conservadores e reacionários dentro do Estado restrito (bancadas parlamentares, assessorias, ministérios) e na relação doutrinária entre distintos aparelhos privados de hegemonia (fundações, institutos, ordens)⁶¹, formando uma teia poderosa que contribui para a manutenção do consenso e da dominação social.

A terceira e última vertente das direitas analisada por Luiz Felipe Miguel é representada pela reciclagem semântica e histórica do anticomunismo, que parecia ter ficado restrita ao período da Guerra Fria, mas que, na história recente do Brasil, ganhou nova roupagem em velhas “teorias da conspiração” disseminadas por Olavo de Carvalho e alguns de seus discípulos nas redes sociais ⁶². A dimensão novidadeira, ao menos por aqui, é a mescla do empoado anticomunismo legitimador da “Revolução” (Golpe) de 1964 com uma suposta “guerra cultural” esquerdista fundamentada na “ideologia gramscista” e nas “ideias subversivas” da Escola de Frankfurt. ⁶³

Interessa-nos a primeira e a última vertentes, pois é nelas que percebemos as ações doutrinárias da fração extrema de “agitadores” das direitas nas redes. Estes não somente contribuíam para a agudização da crise institucional, como alimentaram a instauração de um processo de perseguição político-ideológica contra partidos, movimentos e lideranças de esquerda (ver capítulo 3)⁶⁴. Foram os casos do Movimento Brasil Livre (MBL), Vem

⁶⁰ MIGUEL, Op. Cit., 2019, p. 94. Ver também: FONSECA, Francisco. Do consenso “intervencionista” à hegemonia ultraliberal: histórico e pressupostos de um embate ideológico crucial do século XX. In: _____. **O consenso forjado: a grande imprensa e a formação da agenda ultraliberal no Brasil**. São Paulo: Hucitec, 2005, p. 62-63.

⁶¹ MIGUEL, op. Cit., p. 102.

⁶² MIGUEL, op. Cit., p. 104.

⁶³ COSTA, Iná Camargo. **Dialética do marxismo cultural**. São Paulo: Expressão Popular, 2020. CASTRO ROCHA, op. Cit.

⁶⁴ Vale lembrar também a defesa do uso desmedido e prevaricador das instituições republicanas: caso da deliberada mudança de orientação da “Operação Lava Jato”, em que vendera-se a narrativa de que seus

Pra Rua, Instituto Millenium, Instituto Von Mises Brasil, Brasil Paralelo, dentre outros, com suas formas organizativas, doutrinárias e disseminadoras nas ruas e, especialmente, nas redes⁶⁵. E, na sua esteira, os chamados “influenciadores digitais”, identificados ora às “novas direitas”, ora com o que veio a ser denominado de “bolsonarismo”.⁶⁶

Tais sujeitos procuraram pautar “conteúdos” nas redes que, de modo geral, integravam uma agenda elástica, porém estrategicamente clara, marcada pelo “anticomunismo”, o “antimarxismo”, o “antipetismo”, a defesa da “liberdade” (mercado), da propriedade privada e o ódio às minorias (negros, indígenas, comunidade LGBTQIA+), deslizando para críticas a uma suposta “doutrinação ideológica” da esquerda nas escolas e universidades, a desqualificação e perseguição a professores e a “demonização” da ciência – num contexto de ataques ostensivos promovidos pelo “Movimento Escola Sem Partido” (MESP).⁶⁷

Ancorados nas teorias conspiratórias e em comportamentos ressentidos lastreados nos discursos do “guru” Olavo de Carvalho (1947-2022)⁶⁸ – discursos estes reunidos em torno de uma “guerra ideológica” contra uma suposta dominação/doutrinação do “marxismo” na educação e cultura – os sujeitos supracitados produziam, reproduziam e disseminavam textos e vídeos relacionando o domínio do “esquerdismo” e do “comunismo” no mundo contemporâneo com uma incorporação explicitamente deturpada das concepções teóricas, políticas e históricas de Antônio Gramsci – a crítica ao “gramscismo”, tomado como um dos núcleos centrais do “marxismo cultural”.⁶⁹

Enquanto Olavo de Carvalho era considerado “uma das poucas vozes capazes de aglutinar militantes e simpatizantes de direita que não se sentiam representadas institucionalmente”, por sua vez “grupos de profissionais liberais e estudantes universitários de classe média ultraliberal (isto é, entusiastas de uma defesa radical do liberalismo econômico em comparação aos neoliberais) passaram a se organizar dentro e

membros estavam combatendo a corrupção (seletiva) nos governos do PT, através de seu maior representante e paladino da justiça, o então juiz Sergio Moro.

⁶⁵ Cf. ROCHA, 2018a; SOLANO, 2019; CASIMIRO 2020; BALESTRO, 2021.

⁶⁶ Uma divisão que reconhecemos um tanto problemática, não apenas em função dos conceitos utilizados (e que deverão ser mais bem matizados), mas também por que “Mamaefalei”, então aliado de João Doria, aderiu ao slogan “BolsoDória” na campanha eleitoral de 2018.

⁶⁷ PAIVA, Gabriel de Abreu. **A influencia do Movimento Escola Sem Partido (MESP) no debate educacional brasileiro**: da suposta neutralidade à defesa do homeschooling (2004-2020). (Doutorado - História). Marechal Cândido Rondon: Universidade Estadual do Oeste do Paraná, 2021.

⁶⁸ Sobre Olavo e o “olavismo”, abordaremos no capítulo 2.

⁶⁹ ZAMBELLO, Aline Vanessa; SILVA, Ivan Henrique de Mattos & CARLO, Josnei di. Olavo de Carvalho e a Guerra Cultural das novas direitas: entrevista com Álvaro Bianchi. In: **Em Tese**, Florianópolis, v. 18, n. 2, p. 67-79, set./dez., 2021.

fora da internet”⁷⁰ – recrutados e financiados por *think tanks* internacionais (Students for Liberty) e nacionais (Instituto Liberal, Estudantes pela Liberdade).⁷¹

Nada disso, porém, pode ser explicado sem que pensemos nas mudanças ocorridas no interior das direitas brasileiras, em termos de estruturas de dominação e produção de consenso e ação ideológica. É o que problematiza, por exemplo, o historiador Flávio Henrique Casimiro⁷². Ao contrário de Camila Rocha, Casimiro entende que o processo de reorganização e atualização das direitas no Brasil não constitui um fenômeno recente.

Para ele, os mecanismos de dominação de classe, da formulação de novos (e velhos) consensos e da (re)conquista do Estado já estavam em franca germinação desde a década de 1980, mas com destaque para os anos 1990, em um contexto histórico de hegemonia neoliberal-financeira do capitalismo, e não menos relevante, da criação, ampliação e atuação de uma miríade de aparelhos privados de hegemonia burguesa. Nas palavras do historiador:

A reconfiguração e atualização das direitas no Brasil se desenvolve paulatinamente desde os anos de 1990. O processo se apresenta seja pela ação desestruturadora, desarticuladora e esvaziadora do poder e do significado dos movimentos sociais e trabalhistas, seja pela luta simbólica com a produção de significados e de uma “verdade” socialmente aceita [...] Com a atuação de intelectuais coletivos, de espaços de socialização como instituições religiosas conservadoras, dos meios de comunicação e das novas mídias sociais, esvazia-se o debate político de sua profundidade em função da reprodução automática e irrefletida de determinados discursos.⁷³

Neste âmbito, estamos diante de uma forma de disputa pela hegemonia e de um projeto social aglutinador de diversas frações do capital no Brasil e no exterior que, longe de ser produto da irracionalidade do sistema, “[...] é conscientemente organizada e executada por empresários e intelectuais coletivos, que investem capital material e simbólico para defender sua posição dominante”.⁷⁴

Assim justifica-se, na coerente exposição e análise de Casimiro, tanto a conhecida posição de entidades de classe como FIESP e FIRJAN, quanto o surgimento de aparelhos privados de hegemonia de distintas frações das classes dominantes e grupos dirigentes no país desde os anos 1980 e 1990 – casos do Instituto Liberal (IL), União Democrática Ruralista (UDR), Grupo de Institutos, Fundações e Empresas (GIFE), Instituto de Estudos

⁷⁰ ROCHA (2018b), op. Cit., p. 49.

⁷¹ Idem.

⁷² CASIMIRO (2018), op. Cit.

⁷³ CASIMIRO (2020), op. Cit., p. 23-25.

⁷⁴ CASIMIRO (2018), op. Cit., p. 29.

Empresariais (IEE), Grupo de Líderes Empresariais (LIDE), Instituto Millenium (Imil) dentre outros – que, em vários casos, atuam como *think tanks* e são apoiados, quando não financiados, por fundações internacionais radicadas nos Estados Unidos.⁷⁵

Todavia, é necessário apontar que toda uma miríade de aparelhos privados e *think tanks* à serviço do capital empresarial-financeiro nacional e internacional pressupõe, no exercício da dominação burguesa e da luta de classes, “a existência de um Estado que dê condições e estructure o poder, universalizando os interesses específicos de determinada classe para todo o conjunto social”⁷⁶. E, não menos importante, que encontrem nas relações ampliadas da ossatura institucional do Estado um espaço privilegiado de veiculação doutrinária e ação ideológica: Casimiro, em artigo, situa e analisa o caso do “Fórum da Liberdade”, evento realizado anualmente pelo IL do Rio Grande do Sul, tendo como *think tank* e APH anfitrião o Instituto de Estudos Empresariais.⁷⁷

Para o historiador Gilberto Calil, “a edificação da ‘nova direita’ no caso brasileiro não foi repentina, tampouco se deu na penumbra”. Semelhante a Casimiro, Calil também é enfático em dizer que esse processo “teve seu preambulo na redemocratização da década de 1980, adquirindo maior musculatura, desenvoltura e amplitude no cenário nacional nos últimos anos”. Além disso, como afirma o autor:

Na dinâmica da luta de classes ao longo do período, a profusão de ideias e programas neoliberais, emplacados como “modernizantes” pelos dominantes, operou numa simbiose com (e através de) setores conservadores e reacionários, sedimentando uma sociabilidade liberal de cunho devastadoramente imperialista, antidemocrático e antipopular.⁷⁸

Outros autores, como Francisco Fonseca⁷⁹, corroboram esta análise, na medida em que o debate em torno da crise da hegemonia e de emergência de “novas direitas” no Brasil contemporâneo passa por formas diferenciadas de disputa pela hegemonia no

⁷⁵ No caso do Instituto Liberal, por exemplo, Flávio Casimiro destaca – amparado em parte nos estudos de Denise Gros – a atuação de fundos governamentais e fundações “sem fins lucrativos” desde os anos 1980 como o National Endowment for Democracy (NED), o Tinker Foundation e Atlas Economic Research Foundation, além da participação ativa de grupos econômicos industriais (Samarco, Odebrecht), do setor financeiro (Bradesco, Itaú-Unibanco) e midiático (Organizações Globo). In: CASIMIRO (2018), op. Cit., p. 276-287.

⁷⁶ CASIMIRO (2018), op. Cit., p. 29-30.

⁷⁷ CASIMIRO, Flávio H. C. O Fórum da Liberdade e a ascensão da extrema direita no Brasil contemporâneo. In: **Acesso livre**, n.11, Jul./Dez. 2019, p. 11-12.

⁷⁸ CALIL, Gilberto. “Apresentação” In: **História & Luta de Classes**, n. 26, set. 2018, p. 5.

⁷⁹ FONSECA, op. Cit.

campo midiático a partir das décadas de 1980 e 1990 (embora possuam ecos no golpe civil-militar de 1964) que têm colocado em chefe a frágil experiência democrática.⁸⁰

Cimentadas ideológica e economicamente pela apropriação de doutrinas ultraliberais e ultraconservadoras, tais formas assumem sua materialização nas atividades de produção de consenso pela mídia corporativa (jornais e emissoras de TV), por exemplo no apoio ao PSDB de Aécio Neves ou nas divulgações ilegais de áudio durante a Operação Lava-Jato. Mais recentemente, este movimento vem ocorrendo também na internet e redes sociais através do financiamento de poderosos *think tanks*, como a “Atlas Network”.⁸¹

Assim, ao mesmo tempo em que o capital-imperialismo financeirizado expandia seus lucrativos tentáculos em direção às corporações midiáticas, institutos e demais organizações das direitas, a aceleração das comunicações em tempo de “tecnologias virtuais”, “redes digitais” e “mídias sociais” – Orkut, Facebook, Youtube, Twitter, WhatsApp –, uma consequência nefasta deste processo foi o crescimento do número de plataformas e canais de extrema-direita que passavam a organizar, em âmbito político-ideológico, estratégias de produção de consenso em torno discursos de ódio, discriminação e ressentimento.⁸²

O lugar estratégico destes sujeitos e grupos de extrema-direita, analisados pelo escritor Giuliano da Empoli em *Os engenheiros do caos*⁸³, estão intrinsecamente ligados aos usos político-ideológicos ilimitados (mas nunca desorganizados) na internet e redes sociais visando fomentar a disseminação massiva de conteúdos de extrema-direita. Em

⁸⁰ Contudo, as práticas destes sujeitos e agrupamentos nas redes foram antecidos e se articularam aos consensos forjados pela mídia hegemônica.

⁸¹ Conforme Marina Amaral “A Atlas Network (nome fantasia da *Atlas Economic Research Foundation* desde 2013) é uma espécie de *metathink tank*, especializada em fomentar a criação de outras organizações libertaristas no mundo, com recursos obtidos com fundações parceiras nos Estados Unidos e/ou canalizados dos *think tanks* empresariais locais para a formação de jovens líderes, principalmente na América Latina e Europa oriental. De acordo com o formulário 990, que todas as organizações filantrópicas têm de entregar ao IRS (Receita nos EUA), a receita da Atlas em 2013 foi de US\$ 11,459 milhões. Os recursos destinados para atividades fora dos Estados Unidos foram de US\$ 6,1 milhões: dos quais US\$ 2,8 milhões para a América Central e US\$ 595 mil para a América do Sul”. In: “A nova roupa da direita”. **Agência Pública**, jun. 2015. Link: <https://apublica.org/2015/06/a-nova-roupa-da-direita/> Acesso: 15.07.2021.

⁸² Tamanho o impacto provocado pela conquista das redes pela extrema direita (nos EUA, por exemplo) que empresa de streaming “Netflix”, produziu dois documentários nos anos de 2019 e 2020 – respectivamente, *Privacidade Hackeada* e *O Dilema das redes*. Em ambos é abordado como as redes sociais e a internet foram utilizadas por sujeitos e grupos extremistas ao redor do mundo para a radicalização de discursos de ódio com o intuito de angariar capital político e econômico a determinadas pautas de cariz ultraconservador e reacionário.

⁸³ DA EMPOLI, Giuliano. **Os engenheiros do caos**. São Paulo: Vestígio, 2019.

seu estudo, Empoli desvenda como Steve Bannon⁸⁴ e outros “engenheiros do caos” estiveram diretamente envolvidos na ascensão política de algumas figuras de extrema-direita que alcançaram posições estratégicas de poder, citando os casos de Donald Trump nos Estados Unidos, Matteo Salvini na Itália e Viktor Orban na Hungria.

No Brasil, esse processo encontrou um momento crucial na mencionada crise de hegemonia durante e após os governos petistas, quando estas formas diferenciadas de organização e atuação das direitas culminaram com a aparição de agentes produtores de caos cognitivo, informacional e político.

Olavo de Carvalho e o “Mídia sem Máscara”, Movimento Brasil Livre, Liberalismo da Zueira, Vem Pra Rua!, Revoltados On-line, Socialista de Iphone e, em 2016, o surgimento da “Brasil Paralelo” (empresa de viés ultraliberal, produtora de narrativas históricas audiovisuais revisionistas e negacionistas), sem contar a proliferação de “influenciadores digitais” evidenciavam disputas pelo poder não mais circunscritas ao âmbito das ruas, especialmente a partir de 2014. Estes agentes fariam dos novos espaços de comunicação – das plataformas digitais às mídias de relacionamentos sociais – seus vetores privilegiados de canalização e expressão coletiva, ao promoverem discursos de ódio e assumir uma postura anticorrupção e antissistêmica.⁸⁵

Em suma, a partir das manifestações de 2014 e 2015, as disputas de poder e hegemonia em meio à crise institucionalizada, ganharam as ruas e as páginas dos jornais e telejornais, mas era sintomático verificar que foram reelaboradas e ressignificadas para operar nos ambientes em rede das “novas” mídias.

Neste sentido, sujeitos individuais e coletivos das “novas direitas” souberam utilizar esses mecanismos em prol de seu ascenso e fortalecimento, que, como veremos, encontraram em figuras como Jair Bolsonaro e Olavo de Carvalho dois dos vetores da radicalização no país (ver capítulo 2). Nunca se esquecendo, porém, que a midiatização pela ótica das tecnologias de redes é atravessada por relações de poder e é produto histórico dos modos de produção e reprodução do capitalismo.

É o que buscaremos trabalhar a seguir.

⁸⁴ Cabe aqui mencionar um documentário dirigido por Thomas Huchon, intitulado “Driblando a Democracia”, que vai abordar os métodos usados por Bannon nas eleições americanas de 2016. Disponível em <https://vimeo.com/295576715> Acesso em 22/12/2022.

⁸⁵ ROCHA (2018b); PINTO, op. Cit.

1.2. *Comunicação e/m poder: mídias e redes no fortalecimento das “novas direitas”*

Conforme tratado anteriormente, as chamadas “novas direitas” tiveram um papel significativo em ruas e redes na agudização da crise de hegemonia que se abateu durante os governos de Lula e Dilma – embora, é fato, tivessem contado com impacto de uma crise financeira mundial e políticas econômicas recessivas dos governos petistas. Atuando como aparelhos privados de hegemonia, suas principais organizações (IL, Imil, Instituto Mises Brasil, IEE, LIDE etc.) reuniam frações do grande empresariado e seus intelectuais orgânicos que representavam os interesses do capital financeiro.

Cimentados pela doutrina de Olavo de Carvalho e pelas ofensivas do Movimento “Escola sem Partido”, outros agentes – de perfil jovem, homem, branco, pequeno burguês – apoiados ou financiados por *think tanks* nacionais e internacionais e surgidos na esteira das Jornadas de Junho de 2013, como MBL, participaram ativamente das manifestações de cariz reacionário, na desestabilização das instituições republicanas e na desqualificação/estigmatização de partidos e intelectuais de esquerda. servindo como uma espécie de “forças auxiliares” na consecução da agenda contrarreformista depois do Golpe de 2016.

Foi nesta conjuntura que, no Brasil, plataformas digitais e redes sociais se tornariam não somente arenas de polarização, desinformação e mentiras, mas também centros difusores, a contar de 2018, de pautas e candidaturas “antissistema” que diziam saber a saída para a crise e acabar com a “corrupção” conduzida pela “velha política” e o “esquerdismo” do PT, caso do bolsonarismo⁸⁶. De que modo pensar o avanço e o fortalecimento das direitas no campo das comunicações no Brasil contemporâneo?

Torna-se cada vez mais explícito que, nas últimas duas décadas, a internet e as redes sociais conseguiram adentrar intimamente no cotidiano das pessoas, e, em especial, na vida de milhares de brasileiros e brasileiras, passando a ocupar um espaço de destaque na sociedade, na política e na cultura. Entender o papel proeminente – embora não exclusivo – das redes sociais e como ela está inserida em nosso cotidiano, nos coloca enquanto pesquisadores em um espaço de alta complexidade analítica.

É importante compreender que o nosso desafio teórico, metodológico e historiográfico consiste em pensar criticamente as maneiras pelas quais as tecnologias da

⁸⁶ MATTOS, op. Cit., p. 168 e segs.

comunicação e da informação (TICs) – com ênfase na internet e redes sociais – estão imbricadas em modificações sociais, culturais e ideológicas, visto que:

[...] nos movimentos em ambientes híbridos, reais/virtuais, em que o “*dowlonad* do ciberespaço” projetado por Willian Gibson em Neuromancer é experimentado no cotidiano, e o que chamamos de “ciberespaço” não pode mais ser concebido como um espaço social separado. Não “entramos” mais na Internet, ela nos atravessa de diferentes formas em conexão a céu aberto que lutamos para democratizar e acessar. “Nós somos a rede social”. Como disseram os manifestantes brasileiros nas ruas.⁸⁷

Contudo, ao contrário da afirmação entre aspas acima, viver na sociedade dita moderna – desde o último quartel do século XIX, quando das transformações científico-tecnológicas e comunicacionais provocadas pelo modo de produção e reprodução capitalista⁸⁸ – tem significado uma assimétrica e desigual “conexão” mundializada, especialmente em países de capitalismo dependente como o nosso. Assim, reflexões histórico-dialéticas sobre sujeitos, processos e impactos dos meios de comunicação e das novas TICs no tempo presente têm sido fundamentais para entendermos a relação deles com o poder e a hegemonia burguesas no século XXI, com destaque para a história do Brasil recente e a ascensão e fortalecimento das direitas.

Não obstante, antes das redes sociais e dessa “onda digital” que adentramos nos últimos anos, cabe aqui constituir uma breve análise sobre o papel da chamada mídia tradicional e sua atuação enquanto aparato político e ideológico da burguesia brasileira desde a “transição democrática”. Pois, longe de serem as novidadeiras da manhã, plataformas e redes tinham nas corporações midiáticas hegemônicas (jornalísticas e televisivas) suas matrizes pedagógicas da hegemonia no campo comunicacional.

O desenvolvimento tecnológico e os seus meios hegemônicos de fazê-lo sempre estiveram na agenda do grande capital. Vale ressaltar que, nas primeiras décadas do século XX, o dramaturgo e escritor alemão Bertolt Brecht escreveu sobre a possibilidade de o rádio ser um veículo de comunicação democrático em que todos os sujeitos poderiam

⁸⁷ MALINI, Fábio; ANTOUN, Henrique. **A internet e a rua: ciberespaço e mobilização nas redes sociais**. Porto Alegre: Sulinas, 2013, p. 10. <https://www.yumpu.com/pt/document/read/31336436/a-internet-e-a-rua-online-pdf> Acesso: 05.01.2022.

⁸⁸ HOBBSAWM, Eric. **A era dos impérios (1875-1914)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987; MARTÍN-BARBERO, Jesus. **Dos meios as mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

ter “voz”, sendo uma ferramenta que possibilitasse a comunicação⁸⁹. Todavia, não foi isso que ocorreu, pois, de acordo com Helena Martins:

Apesar dessa potência, logo a utilização dos meios de comunicação para a propaganda nazista mostrou a instrumentalização dessas tecnologias em sentido inverso. Além disso, consolidou-se, por conta do modelo de negócios da publicidade, a transmissão unidirecional no rádio, cujo desenvolvimento mostra que a dimensão econômica impacta a tecnologia, definindo seu conteúdo e a lógica social, o que ocorreu com a TV e está ocorrendo com a internet.⁹⁰

Em análises como as de Adorno e Horkheimer, por exemplo, os meios de comunicação de massas (jornal, rádio, televisão) foram constituindo-se de modo cada vez mais integrado no interior do sistema capitalista – a assim chamada “indústria cultural” – com o objetivo ideológico de produzir e difundir “informações” visuais e audiovisuais segundo a racionalidade econômica e os interesses dos grupos dominantes.⁹¹ Há uma cultura disseminada pelos meios de comunicação, que ajudam a tecer o cotidiano das pessoas, modelando gostos, interesses e comportamentos, dizendo o que você deve comprar, qual modelo de celular você deve ter, criando um desejo ou comportamento que faz com que a partir deles, os sujeitos considerem o que é bom ou ruim, certo ou errado, condicionando o inconsciente para narrativas que tentam moldar a cultura.⁹²

No Brasil, desde o período da ditadura civil-militar até a hegemonia neoliberal-financeira dos anos 1990, o exercício de poder midiático ficou encarregado de disseminar os interesses das classes dominantes e pautar o acesso à informação da população – vide os casos do Grupo Abril, Grupo Folha e Organizações Globo.⁹³

As grandes corporações e os políticos que as representavam entenderam que o setor das comunicações era além de um negócio lucrativo, a *cereja do bolo* para a manutenção da hegemonia desses grupos. Segundo Marilena Chauí:

⁸⁹ BRECHT, Bertold. **Teoria do Rádio (1927-1932)**. Tradução de Regina Carvalho e Valci Zuculoto. Arquivo eletrônico. Disponível em: <https://pt.scribd.com/doc/56645905/Teoria-Do-Radio-Brecht#scribd> Acessado em 20/10/2021

⁹⁰ MARTINS, Helena. **Comunicações em tempos de crise: economia e política**. 1 Ed. São Paulo: Expressão Popular, Fundação Rosa Luxemburgo, 2020, p. 39.

⁹¹ HORKHEIMER, Max & ADORNO, Theodor. **A indústria cultural: o iluminismo como mistificação de massas**. Pp. 169 a 214. In: LIMA, Luiz Costa. Teoria da cultura de massa. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

⁹² MORAES, Dênis de. O monopólio da mídia na construção de consensos sociais. **Revista da EMERJ**, v. 18, p. 516-525, 2015. Link: <https://pt.scribd.com/document/540196406/Artigo-O-Monopolio-da-Midia-na-consturcao-de-consensos-sociais-Denis-de-Moraes> Acesso: 27.01.2022.

⁹³ Ver em: SILVA, Carla Luciana S. da. SILVA, Carla L. **Veja: o indispensável partido neoliberal (1989-2002)**. Cascavel: Edunioeste, 2009, Coleção Tempos Históricos, v. 7; _____. Mídia e ascensão conservadora. **Argumentum**, Vitória, v.9, n.2, p.172-182 mai/ago 2017; CASIMIRO (2020), op. Cit.

No Brasil, o poderio econômico dos meios é inseparável da forma oligárquica do poder do Estado, produzindo um dos fenômenos mais contrários à democracia, qual seja, o que Alberto Dines chamou de “coronelismo eletrônico”, isto é, a forma privatizada das concessões públicas de canais de rádio e televisão concedido a parlamentares e lobbies privados, de tal maneira que aqueles que deveriam fiscalizar as concessões públicas se tornaram concessionários privados, apropriando-se de um bem público para manter privilégios, monopolizando a comunicação e a informação.⁹⁴

Chauí afirmou ainda que esses meios de comunicação furtam o direito de opinião das pessoas, condicionando-as, a não participação dentro do debate, não podendo opinar ou intervir politicamente, pois isso lhes é roubado pela hegemonia “informacional” de grupos privilegiados de poder e convencimento. A autora intitula esse processo de “ideologia da competência”, cuja peculiaridade está em seu modo de aparecer sob forma anônima e impessoal do discurso do conhecimento, e cuja eficácia social, política e cultural funda-se na crença na racionalidade técnico-científica.⁹⁵

A “ideologia de competência” de Chauí postula que não é qualquer pessoa, em qualquer lugar e em qualquer ocasião que pode dizer algo. Aqui, o lugar do discurso e de quem o está enunciando têm, entre outros objetivos, a função de operar com “discurso competente” de quem está transmitindo a informação e impactar na credibilidade massiva de leitores/espectadores. É neste duplo aspecto que as comunicações midiáticas se alimentam, fazendo com que as pessoas enxerguem nas informações transmitidas uma verdade indiscutível.

A televisão continua sendo o maior e atual exemplo disso e de como a “indústria cultural” molda o meio sociocultural em que vivemos⁹⁶. A partir desse condicionamento, a sociedade passou a acreditar que o discurso só seria válido se uma rede de televisão ou jornal específico noticiasse o “fato” em questão, pois somente eles teriam a tecnicidade e o direito de fazê-lo:

O discurso competente determina de antemão quem tem o direito de falar e quem tem o dever de ouvir, assim como predetermina os lugares e as circunstâncias em que é permitido falar e ouvir, e define

⁹⁴ CHAUI, Marilena. Meios de comunicação, democracia, autoritarismo e poder. *in*: MORAES, Dênis de . **Poder midiático e disputas ideológicas**. Rio de Janeiro: Consequência, 2019. p. 13-35.

⁹⁵ CHAUI, Op. Cit., p. 19.

⁹⁶ Afinal de contas, por muitos anos, gerações de famílias brasileiras conviviam em suas casas, com não mais de 6 canais abertos, que dominavam a programação da já extinta antena parabólica: é fácil encontrar, especialmente entre os mais velhos, as lembranças de que a família parava para assistir o “Jornal Nacional”, da Rede Globo, ou organizavam o dia e quando assistir a programação “antes da novela” ou “depois do jornal”, e tendo como referências artísticas, culturais e políticas aqueles que surgiram no seio da televisão.

previamente a forma e o conteúdo do que deve ser dito e precisa ser ouvido. Essas distinções tem como fundamento uma distinção principal, aquela que divide socialmente os detentores de um saber ou de um conhecimento (científico, técnico, religioso, político, artístico), que podem falar e têm o direito de mandar e comandar, e os desprovidos de saber, que devem ouvir e obedecer. Numa palavra a ideologia da competência institui a divisão social entre os competentes, que sabem e por isso mandam, e os incompetentes, que não sabem e por isso obedecem.⁹⁷

Helena Martins, por sua vez, destaca o poder das empresas televisivas, que ensejam substituir as instituições sociais que eram (e são) responsáveis pela ordem simbólica e a formação humana, como a escola. Além disso, seu desenvolvimento e expansão no contexto da Guerra Fria ajudaram a garantir a hegemonia capitalista e a viabilizar um período expansivo liderado (ainda hoje) pelos Estados Unidos.⁹⁸

Porém, com o surgimento da internet no final do século XX e, posteriormente, com a multiplicação das mídias digitais e redes sociais, a voracidade da expansão, circulação e condicionamento cultural de “informações” e “conteúdos” têm conduzido a um fenômeno histórico mundial do capitalismo em termos de relações entre poder, mediatização, Estado e sociedade civil, rapidamente sendo difundido entre milhões de pessoas. Para lembrar a frase já citada anteriormente: “Nós somos a rede social”.

Avançando nessa discussão, podemos afirmar que a chamada mídia hegemônica – isto é, os principais conglomerados empresariais que se organizam e atuam historicamente sob a forma de aparelhos privados de hegemonia burguesa (jornal, revista, rádio e televisão até sua atual configuração na internet e redes digitais) – tem se tornado ferramenta indispensável na dinâmica da luta de classes no mundo contemporâneo ao entronizar-se cada vez mais em nossas sociabilidades e modos de vida.⁹⁹

As TICs e redes, em particular, podem ser consideradas uns dos principais fatores, para as diversas mudanças que ocorrem no mundo e com a dinâmica da inovação, tornam-se imprescindíveis para o fortalecimento da economia global, e tem relevância para as mudanças do contexto sociopolítico e econômico do país. Como pontua Sakamoto:

Essas tecnologias de comunicação não são apenas ferramentas de descrição, mas sim de construção e reconstrução da realidade. Quando alguém atua através de uma dessas redes, não está simplesmente reportando, mas também inventando, articulando, mudando. Isto, aos

⁹⁷ CHAUI, Op. Cit., p. 19.

⁹⁸ MARTINS, Op. Cit., p. 40.

⁹⁹ FONSECA, Francisco. Mídia, poder e democracia: teoria e prática dos meios de comunicação. In: **Revista Brasileira de Ciência Política**, Brasília, nº 6, julho/ dezembro de 2011, p. 41-42. Link: <https://www.scielo.br/j/rbcpol/a/6bCYRSVtShSg6wqwhQq6vQQ/?lang=pt> Acesso: 31.01.2022.

poucos, altera também a maneira de se fazer política e as formas de participação social.¹⁰⁰

O filósofo Pierre Levy conceituou o termo chamado de “cibercultura”: segundo o autor, esse conceito manifesta uma nova forma de comunicação, no qual a sociedade passa por um processo de desterritorialização¹⁰¹ e em que “um conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas e atividades, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço”¹⁰² criam novas formas de expressão social, política e cultural.

Numa análise que entendemos ser mais consistente, Douglas Kellner, escrevendo num período anterior ao “boom” da internet e das redes sociais, abordou as relações de poder e hegemonia que a “cultura da mídia” exerce no tecido social e na vida política.

Para o estudioso norte-americano, essa cultura que brota do desenvolvimento capitalista dos meios de comunicação de massas desde meados do século XX, a contar dos anos 1970 e 1980, vai adquirir novas formas de adaptação aos crescentes interesses do capital e da midiaticização cultural:

[..] A cultura da mídia, é também uma cultura *high-tech*, que explora a tecnologia mais avançada. É um modo de tecnocultura que mescla cultura e tecnologia em novas formas e configurações, produzindo novos tipos de sociedade em que a mídia e a tecnologia se tornam princípios organizadores.¹⁰³

O autor evidencia como a cultura da mídia tem o poder de criar espetáculos em nossa sociedade, que condicionam o nosso modo de viver e agir, sem olhar para essa sociedade de forma crítica e combativa, apenas compactuando o que uma megacorporação defende. A mídia elege sujeitos, atores sociais, “heróis” e especialistas para emitir “opiniões” em seus programas, selecionando assim os assuntos que devem ser debatidos e repassados aos telespectadores e ouvintes. Conforme Denis de Moraes ressalta, são os chamados “intelectuais midiáticos” escalados para dizer e prescrever geralmente aquilo que serve aos interesses do grande capital.¹⁰⁴

¹⁰⁰ SAKAMOTO, Leonardo. Em São Paulo, o Facebook e o Twitter foram às ruas. In: MARICATO, Ermínia et al. **Cidades Rebeldes**: Passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil. São Paulo: Boitempo, Carta Maior, 2013, p. 234.

¹⁰¹ LÉVY, Pierre. **O que é virtual**. São Paulo: Ed. 34, 1996, p. 47.

¹⁰² LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 2000.

¹⁰³ KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia** – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. Bauru, EDUSC, 2001, p. 10.

¹⁰⁴ MORAES (2015), Op. Cit., p. 518.

Os conglomerados midiáticos não são isentos e imparciais como eles querem que as pessoas pensem. Pelo contrário: eles mantêm relações de interdependência com os poderes políticos e o grande capital. Um exemplo disso é como a Rede Globo e demais corporações midiáticas, como Grupo Folha e Estado de São Paulo, Grupo Bandeirantes e Rede Record noticiavam as Jornadas de 2013, a Operação Lava Jato ou impeachment de Dilma Rousseff (PT). Não à toa a mídia hegemônica ter papel decisivo na crise de hegemonia política no Brasil.¹⁰⁵

Aliás, trata-se de uma função que tem sido exercida pelas mídias corporativas desde meados do século XX, condicionando para a ascensão do pensamento conservador e reduzindo o espaço de circulação de ideias que as contrapõe ou as conteste:

A meta é esvaziar análises críticas e expressões de dissenso, evitando atritos entre as interpretações dos fatos e seu entendimento por parte dos indivíduos, grupos e classes. Um exemplo do que acabo de dizer é a forma como reivindicações de movimentos sociais e comunitários costumam ser tratadas nas pautas e coberturas, ou são frequentemente subestimadas, quando não ignoradas, ou impugnadas sob argumento falacioso de que são “radicais”, “extremistas”, “populistas”. A vida das comunidades subalternizadas e pobres está diminuída ou ausente nos principais jornais e telejornais.¹⁰⁶

Ocorre que, na transição para o século XXI, se a massificação da internet e das TICs representou o poder da mídia hegemônica em seu projeto de não abandonar o objetivo de “esvaziar análises críticas e expressões de dissenso” e de desvirtuar as “reivindicações de movimentos sociais e comunitários”, não menos verdade é que ela vai se converter, com o surgimento e a acessibilidade das tecnologias virtuais e redes sociais, em um espaço onde milhões de homens e mulheres passaram a se “sentir” – de modo ilusório, mas sob efeito de “real” – potentes para inscrever, “curtir” e compartilhar textos e imagens, quase sempre acompanhados da necessidade aparente e imediata de externar emoções e desejos sobre quaisquer assuntos.

Na política internacional, isso começou a ser evidenciado em meados de 2008 quando a campanha do então candidato à presidência Barack Obama revolucionou ao fazer o uso massivo das mídias e redes sociais para interagir com os eleitores e difundir o futuro programa de governo¹⁰⁷. Passando à década de 2010, os estrategistas das campanhas políticas em diversos países entenderam que, com a expansão e consumo via

¹⁰⁵ MARTINS, Op. Cit., p. 19.

¹⁰⁶ MORAES (2015), op. Cit., p. 256.

¹⁰⁷ “Como Barack Obama usou a internet para ser eleito em 2008?” In: **Data Goal**, 12 de maio 2020. Link: <https://www.datagoal.com.br/barack-obama-e-a-internet/> Acesso: 31.01.2022.

redes sociais, essa ferramenta seria extremamente útil em termos de marketing e propaganda política, assim como na captação de dados com a formação de “bolhas” digitais.¹⁰⁸

É neste contexto que a internet e as redes sociais vão se tornar um “locus” estratégico da produção de novos consensos em torno de pautas de extrema direita. Um dos principais articuladores que utilizou dos espaços da internet e das redes sociais para colaborar na ascensão da extrema direita foi Steve Bannon, responsável direto pelo resultado vitorioso na saída do Reino Unido da União Europeia, o ‘Brexit’, e nas eleições norte-americanas de 2016, com a vitória de Donald Trump.

Bannon – que Giuliano da Empoli listou como um dos “engenheiros do caos” – talvez tenha sido um dos principais nomes dos movimento da extrema direita mundial que ascendeu nos últimos anos utilizando a internet e as redes sociais para disseminar discursos reacionários e teorias da conspiração. Posteriormente Bannon até criou um grupo chamado “The Movement”, com o intuito de eleger políticos de direita na Europa.¹⁰⁹ Além disso, como afirmou Giuliano da Empoli:

[Bannon] Mobilizou blogueiros e trolls para dominar o debate nas redes sociais, participando de uma sociedade *Big Data* aplicada à política. [...] Bannon converteu-se em “banda de um homem só” do populismo americano.¹¹⁰

A relação de Bannon com o Brasil, é intimamente ligada à família Bolsonaro, onde o terceiro filho e deputado Federal, Eduardo, teve vários encontros com o estrategista de Trump¹¹¹, inclusive na Casa Branca e já declarou também ser o líder do “The Movement” no Brasil¹¹². Essas atuações de Bannon inspiraram alguns grupos das “novas direitas” brasileiras a se organizarem em um sentido similar, fazendo o uso da internet e das redes sociais para difundir uma agenda reacionária marcada pelos discursos de ódio.

¹⁰⁸ DA EMPOLI, op. Cit., p. 98. Para pensar o caso brasileiro ver: SILVA, Rodrigo Aguiar da. Polarização política digital: a contribuição das redes sociais na divisão sociopolítica em bolhas informativas e as consequências para a ciberdemocracia. In: **Anais do 5º Congresso Internacional de Direito e Contemporaneidade**: mídias e direitos da sociedade em rede. Santa Maria: UFSM, 2019, p. 01-16.

¹⁰⁹ “Steve Bannon, veja a trajetória do ex-estrategista de Trump preso novamente nesta segunda”. In: **G1**, 15 de novembro de 2021. Link: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2021/11/15/steve-bannon-veja-a-trajetoria-do-ex-estrategista-de-trump-preso-novamente-nesta-segunda.ghtml> Acesso: 24.03.2022.

¹¹⁰ EMPOLI, op. Cit., p. 30.

¹¹¹ <https://twitter.com/BolsonaroSP/status/1091114691160694785> Acessado em 31/01/2022.

¹¹² “Bannon, ex-estrategista de Trump que foi preso mantinha contato com os Bolsonaro”. In: **G1**, 20 de agosto de 2020. Link: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/08/20/bannon-ex-estrategista-de-trump-que-foi-preso-mantinha-contato-com-os-bolsonaro.ghtml> Acesso: 29.03.2022.

Um dos efeitos disso foram as manifestações antipetistas de 2014 e 2015, onde grupos como o Movimento Brasil Livre e o Vem pra Rua ganharam maiores espaços na “sociedade civil” convocando manifestações pautadas na insatisfação com o governo de Dilma¹¹³ e o discurso anticorrupção, criando assim um inimigo comum para diversas frações da sociedade, e alinhando-se, posteriormente, à agenda de extrema direita de Jair Bolsonaro.

Um outro exemplo foram as eleições presidenciais de 2014, marcadas por uma fabricada polarização entre o PT e o PSDB e como essa polarização foi fartamente explorada na mídia hegemônica (televisão, rádio, jornais) e, de maneira exacerbada, nas redes sociais (notadamente o Facebook) sob a forma de produção e disseminação de consensos em torno das “difíceis escolhas” (falso dilema que reaparece depois nas eleições de 2018).¹¹⁴ Enquanto a “polarização” era apresentada pela suposta disputa ideológica entre “esquerda” (PT) e “direita” (PSDB)¹¹⁵, o discurso principal dos adversários da “esquerda” (PT) pelas redes era de que o partido instituiria uma “ditadura comunista” no Brasil e que os “esquerdistas” queriam acabar com o país.

Um terceiro e último exemplo no país ocorreu com o impeachment a presidenta Dilma Rousseff (PT) e o golpe de 2016¹¹⁶. Se, em parte, a trama golpista correspondia aos impactos da crise financeira internacional estourada após 2008 e, no âmbito doméstico, à canalização oportunista direitista das reivindicações e críticas de amplos segmentos da sociedade brasileira à política recessiva e contrarreformista dos governos petistas, certo é que a explícita parcialidade da mídia hegemônica, em articulação com páginas e canais de extrema direita no Facebook e Youtube, principalmente, disseminavam discursos de que a esquerda, encarnada pelo PT, estava acabando com o país, fazendo com que essa falsa notícia conquistasse adeptos.¹¹⁷

¹¹³ ROCHA (2019), op. Cit., p.164.

¹¹⁴ Em 2018 um editorial do jornal Estadão fez uma manchete entre os então candidatos a presidência Fernando Haddad e Jair Bolsonaro, quando o jornal considerava a opção entre os dois candidatos “uma escolha muito difícil”.

¹¹⁵ Sabemos, porém, que a realidade era bem outra: com a disputa acirrada nas eleições de 2014, o PT sentiu o impacto e a crise de legitimidade do seu programa governamental, inclinando-se veementemente para políticas neoliberais com intuito de recuperar a confiança da burguesia e do grande capital, colocando medidas que desestruturaram direitos trabalhistas, aumentaram o preço de itens, como o combustível, energia elétrica, gás de cozinha, e começou um processo de privatização de empresas estatais.

¹¹⁶ A presença dessa “nova direita” nas ruas como movimento de massa, foi crucial para que a grande mídia determinasse como legítimo o processo que eles intitulavam de impeachment. Essa mesma mídia criou uma falsa narrativa de que estava em curso uma “guerra” contra a corrupção e a favor da democracia, que o povo brasileiro clamava

¹¹⁷ FREITAS, André R. de. O Golpe de 2016 e o futuro da democracia no Brasil: o caráter parcial do processo e a repercussão em mídias sociais. In: SANTOS, Lyndon de Araújo; BACCEGA, Marcus V. &

É necessário, contudo, máxima ponderação. Sobre a identificação midiática do PT com “a” esquerda, Gilberto Calil afirma contundentemente:

Ter clareza de que não há no Brasil um governo de “esquerda” ou mesmo de “centro-esquerda” é condição necessária para compreender o sentido geral no processo em curso, ainda que isto crie uma dificuldade evidente: como explicar a constituição de um conjunto de mobilizações estritamente conservadoras e golpistas que identifica seu adversário como um governo de esquerda (muitas vezes inclusive tratado como “comunista”), se este governo objetivamente coloca em práticas medidas conservadoras? A questão é espinhosa e carece de uma reflexão cuidadosa.¹¹⁸

A “reflexão cuidadosa” que Calil alude exige que se vá além das identificações aparentes e irracionais do PT, de Lula ou do “petismo” com discursos e práticas “anti-esquerdistas”, “antimarxistas”, “anticomunistas” e mesmo contra a “corrupção” assumidas pelos aparelhos hegemônicos das “novas direitas”.

Por outro lado, ela nos convida a pensar criticamente sobre as distintas formas de se “capturar” o imaginário social de certos segmentos de classe (como a pequena burguesia e setores empobrecidos da população) graças ao poder midiático e a hegemonia burguesa, com o objetivo de cooptar e “engajar” verdadeiros “exércitos” de seguidores. Em nosso ver, é aqui que as redes sociais foram (e continuam sendo) ferramentas de comunicação e (des)informação essenciais para que o projeto reacionário, ultraconservador e ultraliberal tomasse conta do país na última década.

Giuliano da Empoli discorre sobre este assunto, afirmando que todos os estudos mostram que as redes sociais tendem a exacerbar os conflitos, ao radicalizar os discursos até se tornarem, em alguns casos, um real vetor de violência. Além disso, em tempo de “capitalismo de plataforma” e “algoritmização” da política¹¹⁹, as redes são concebidas para direcionar seus usuários a conteúdos extremos, como teorias da conspiração e discursos anticientíficos, com o intuito de manipular o dito engajamento¹²⁰. Nas palavras do autor:

Assim que procura informações sobre o sistema solar no Youtube terá diante de si um menu bem farto de vídeos sustentando a teoria da Terra Plana, ao passo que o usuário interessado por questões de saúde será

MATEUS, Yuri G. S. (orgs.). **O golpe de 2016 e o futuro da democracia no Brasil**. São Luís: EDUFMA, 2021, p. 15-27.

¹¹⁸ CALIL (2016), op. Cit., p. 101.

¹¹⁹ Embora sejam dois conceitos que tentam dar conta das mutações do capitalismo na era das plataformas digitais e das relações entre poder e política no contexto do *Big Data* e das *Big Techs*, não será alvo desta dissertação trabalhar com tais conceitos.

¹²⁰ EMPOLI, Op. Cit., p. 81.

rapidamente reorientado para ideias dos *No Vax*, o movimento anti-vacina, e dos conspiracionistas. [...] É assim que os brasileiros assistiram, nos últimos anos, à ascensão de uma nova geração de YouTubers de extrema-direita, que souberam explorar o algoritmo da plataforma para multiplicar sua visibilidade (e seu faturamento). É o caso de Nando Moura, um guitarrista amador que reúne mais de três milhões de inscritos no seu canal do YouTube, alternando canções, instruções para videogames e, sobretudo, uma variedade extraordinária de teorias da conspiração.¹²¹

Conforme aludido, a crescente expansão das redes sociais fez com que as pessoas enxergassem a realidade de outra maneira: agora era possível “curtir” e “compartilhar” a respeito de qualquer pessoa ou assunto sem sair de casa; com essa tecnologia, os indivíduos “sentiam-se” tentados a “opinar” sobre tudo e todos, ainda que desconhecesse a questão por completo.

Tal fenômeno proporcionou que novas lideranças e novos articuladores políticos ganhassem espaço dentro dessa rede digital com um discurso mais “acessível” e simples, novos atores começaram a mobilizar pessoas, com suas convicções e ideias utilizando uma comunicação geradora de tensões e disputas. Na assertiva de Sérgio da Silveira:

[...] A esfera pública em que se formam as diversas opiniões públicas não pode mais ser compreendida sem a observação da dinâmica da internet, em particular, das redes sociais online. No Brasil, em 2012, a pesquisa sobre a internet no Brasil, realizada pelo Comitê gestor da Internet, mostrava que 74% dos brasileiros conectados utilizavam redes sociais. Os dados indicam que o Facebook é o espaço mais envolvente entre todos aqueles em que ocorrem debates políticos.¹²²

Esse espaço tem se mostrado um campo fértil para a extrema direita na desconstrução da imagem e do pensamento das esquerdas, como expõe Silveira, atrelando aos seus atos de corrupção como prática de governo, a imagem de que os direitos humanos são criminosos e que o governo faz políticas públicas para privilegiar pobres que não querem trabalhar, contaminando de discursos reacionários a esfera do “senso comum”.¹²³

Neste momento, porém, cabe uma referência particular ao Youtube – posto que os sujeitos com quem vamos abordar nos capítulos seguintes, chamados de “influenciadores

¹²¹ Idem.

¹²² SILVEIRA, Sergio Amadeu da. Direita nas redes sociais online. In: VELASCO, Ivan (org.). **Direita, volver!** o retorno da direita e o ciclo político brasileiro. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2015, p. 55.

¹²³ Idem.

digitais” (mas que, em nosso entender, devem ser intitulados de “agentes do caos”), têm utilizado esta plataforma digital há, pelo menos, uma década.

O YouTube, é uma plataforma de compartilhamento de vídeos criada na Califórnia no ano de 2005. Em 2006 a plataforma foi vendida para o Google por \$ 1.65 bilhões de dólares, que comunicou que o novo papel da plataforma seria de distribuição de criadores de conteúdo digital, com anúncios de outras empresas dentro dos vídeos. Sendo assim, os visitantes acessam os conteúdos, os criadores compartilham suas ideias e os anunciantes colocam suas marcas nesses espaços que serão usados de vitrine para exposição dos seus “produtos”. Com esta caracterização na internet, a plataforma conseguiu o monopólio do mundo dos vídeos online, sendo líder disparado no segmento.¹²⁴

Só para mensurar o tamanho dessa plataforma, o YouTube possui 1.5 bilhões de pessoas logadas e que acessam a plataforma todo mês, somente no Brasil, são cerca de 98 milhões de pessoas conectadas¹²⁵. Isso mostra o tamanho da plataforma e sua influência no conteúdo acessado pelos brasileiros, bem como na formação de opinião e ideias. Acredita-se que muitas pessoas buscam na plataforma uma forma de se informar sobre diversos assuntos, e os faz através da interação social presente nos comentários dos vídeos do YouTube, que ocorre de forma quase instantânea.¹²⁶

Em um relatório feito pelo próprio site em 2017, afirmaram que só no Brasil 95% da população online acessa a plataforma pelo menos uma vez por mês. Além disso, pessoas entre 18 e 49 anos preferem o Youtube à televisão a cabo¹²⁷. Outro dado interessante emitido nesse relatório, é o de que 87% dos usuários concordam que o YouTube é uma plataforma que permite o consumo de qualquer tipo de conteúdo, quando e onde quiser. 78% concordam que é o lugar para encontrar conteúdos mais “autênticos”.¹²⁸

¹²⁴ Esses dados podem ser conferidos em: COUTO NETO, Geraldo. A Nova Direita no YouTube: conservadorismo e negacionismo histórico sobre a Ditadura Militar brasileira. In: **Revista ágora**, v. 29, p. 83-103, 2019.

¹²⁵ “Entenda o poder do YouTube”. In: **Think with Google**, julho de 2017. Link: <https://www.thinkwithgoogle.com/intl/pt-br/estrategias-de-marketing/video/entenda-o-poder-do-youtube/> Acesso: 24.10.2021

¹²⁶ AFONSO, A. R.; TÉ, J. Um estudo sobre referenciação e a construção da opinião a partir de um corpus textual extraído do YouTube. **Domínios de Linguagem**, v. 11, n. 2, p. 339-350, 27 mar. 2017.

¹²⁷ “Introdução”. In: **Think with Google**, julho de 2017. Link: <https://www.thinkwithgoogle.com/intl/pt-br/estrategias-de-marketing/video/introducao/> Acesso: 24.10.2021.

¹²⁸ “De play em play”. In: **Think with Google**, julho de 2017. Link: <https://www.thinkwithgoogle.com/intl/pt-br/estrategias-de-marketing/video/de-play-em-play/> Acesso: 24.10.2021.

A multiplicação das redes sociais e o papel delas na circulação de ideias e no condicionamento da sociedade, reflete um fenômeno histórico, social e cultural importante em termos de mídia e sociedade, onde cada vez mais o comportamento das pessoas é pautado pelo que elas consomem nas redes – o que impacta diretamente nas relações entre mídia, poder e memória.

Diante deste contexto, podemos dizer que o Youtube detém um enorme portfólio de comunicação de massa, conseguindo atingir públicos de idades variadas, que acessam seus vídeos a qualquer hora e em qualquer lugar. Dotado de uma configuração acessível e rápida, tornou-se um influente formador cultural, social e político dentro da vida das pessoas. Sobre esta influência, Burgess e Green assinalaram que

[...] o YouTube é um exemplo de cultura participativa, ou seja, um espaço onde os espectadores são ativos na criação (requisitando pautas e assuntos aos canais) e na circulação de conteúdo (compartilhado em outras redes sociais).¹²⁹

Deste modo, a possibilidade de envolvimento dos usuários com o criador em seus vídeos faz do YouTube um poderoso ambiente de disputas simbólicas e de expressões pessoais, propiciando que qualquer pessoa com acesso a plataforma, seja capaz de contribuir para compreensão e difusão do conhecimento histórico, de memórias e do passado.¹³⁰

Pois, se como afirma Michael Pollak a memória coletiva sofre “enquadramentos” e “seletividades”¹³¹ que determinam o que será lembrado ou esquecido, numa sociedade capitalista que reproduz sua lógica mercantil-financista por meio das tecnologias digitais, este problema torna-se mais agudo e sob o risco da prática de “deletar”. Sendo assim, pensar essas discussões no âmbito da memória permitem também que entendamos como alguns desses sujeitos operam as novas mídias e escolhem a maneira de tratar eventos.

Cada vez mais cresce a discussão e o debate histórico feito por não profissionais de história ou áreas afins, sobre assuntos fundamentais da nossa sociedade capitalista e temas que são extremamente importantes para um debate sobre a crise da democracia. Como afirma Jurandir Malerba:

¹²⁹ BURGESS, Jean; GREEN, Joshua: **YouTube e a Revolução Digital**. São Paulo: Aleph, 2009.

¹³⁰ MALERBA, Jurandir. Os historiadores e seus públicos: desafios ao conhecimento histórico na era digital. **Revista Brasileira de História**, v.37, n.74, 2017, p.135-154, 2017, p. 143.

¹³¹ POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, Vol. 2, n. 3, 1989, p. 03-15.

O antigo status de historiadores como os produtores, e de “leigos” como o público consumidor da história, é agora posto em questão. Esse é um aspecto central: mais e mais pessoas comuns estão usando tecnologias online para acionar o passado (e também falar de história), e os historiadores devem estar alertas a essas mudanças. Tal constatação pode ser comprovada pela onda de trabalhos históricos que jorram do ciberespaço. Os autores desses trabalhos vão desde intelectuais até administradores de empresas e motoristas de ambulância [...].¹³²

Para além dessa compreensão, nossa perspectiva é a de pensar historicamente a plataforma digital YouTube, bem como as redes sociais (Facebook, Twitter) menos como ambientes promotores de fluxos de informações e conhecimentos (na qual qualquer pessoa pode relacionar-se com outras ou “acionar o passado”), mas, notadamente, na condição de espaços virtuais da “monetização” e do consumo conspícuo, de lucros por grandes corporações empresariais e, em particular, de atuação de “agentes do caos” cognitivo, informacional e político na produção e/ou circulação de pautas de extrema direita.¹³³

No artigo “A nova direita brasileira: ideias, retórica e prática política”, Jorge Chaloub e Fernando Perlatto analisam e enumeram seis hipóteses que contribuem para a compreensão do destaque de intelectuais dessa “nova direita” atualmente.¹³⁴ Das seis hipóteses, porém, destaco resumidamente três, em especial, que considero importante ser entendidas de modo articulado: 1. A ascensão em escala mundial das direitas; 2. articulação e o vínculo existente entre intelectuais e institutos empresariais a contar dos anos de 1980 e 3. O amplo espaço cedido para as direitas dentro da indústria cultural, jornalística e midiática, expandido pela massificação da internet e redes sociais.¹³⁵

Geraldo Couto Neto, por exemplo, ao estudar a atuação das “novas direitas”, destaca como o Youtube, sendo dotado de uma linguagem acessível e rápida, é uma plataforma digital que permite que a postagem diária de produções audiovisuais que carregam um potencial real de influenciar na formação político-pedagógica de milhões de pessoas. Esse fato não pode ser deixado de lado, pois foi muito bem utilizado por grupos de extrema direita nas últimas décadas com o objetivo de defender teses conspiracionistas, negacionistas e de pregação de ódio.¹³⁶

¹³² MALERBA, op. Cit., p. 143-144.

¹³³ Falaremos sobre o último aspecto nos capítulos 2 e 3.

¹³⁴ CHALOUB, J.; PERLATTO, F. A nova direita brasileira: ideias, retórica e prática política. **Insight - Inteligência**, [s. l.], 2016. Link: <https://inteligencia.insightnet.com.br/a-nova-direita-brasileira-ideias-retorica-e-pratica-politica/> Acesso: 15.12.2022

¹³⁵ CHALOUB; PERLATTO, op. Cit.

¹³⁶ COUTO NETO, Op. Cit., p. 86-87.

Em relação estas questões, pode-se afirmar que continua sendo um grande desafio para historiadores (e não historiadores), com formação crítica, no Brasil e no exterior lidar com tais questões na sociedade contemporânea. Segundo Perlatto e Caldeira Neto:

A historiografia e a sociedade brasileira se veem diante do difícil desafio de lidar com a proliferação de discursos negacionistas de experiências históricas como o Holocausto e a ditadura de 1964, atualmente potencializados pelas redes sociais e por lideranças políticas da extrema direita. Não restam dúvidas de que os conhecimentos sobre esses “passados sensíveis” devem passar por processos contínuos de revisão, em diálogo com novas fontes e com a bibliografia já produzida sobre essas temáticas. Porém, este processo de revisionismo – inerente ao campo historiográfico não deve ser confundido com o negacionismo.¹³⁷

Assim, as direitas brasileiras aprenderam a manipular o senso comum, criando narrativas de que “a” esquerda seria responsável pela “corrupção” (econômica, política, de costumes) na sociedade. Isabel Grassioli, se propôs a analisar a atuação e o fortalecimento das “novas direitas” no Facebook, identificando e compreendendo a atuação política e o *modus operandi* desses grupos na plataforma:

De 2015 até o presente nossa hipótese de pesquisa tem se confirmado: a) As redes sociais na internet estão no centro da explicação para emergência da Nova Direita – confirmado pelo potencial orgânico promovido através das novas tecnologias de informação e comunicação; b) A Nova Direita, atua movimentando e reivindicando para si sentimentos e impulsos fascistas – promovendo o pânico moral através da propagação de percepções mentirosas e místicas a respeito da realidade. Para isso, promovem a perseguição aos agrupamentos considerados e eleitos por si como inimigos: aqueles que desvelam a realidade da diversidade tal qual ela é, aqueles que fazem emergir na realidade a diversidade existente e que não aceitam as representações padronizadas da vida. O inimigo, como era de se esperar, são sempre os Outros – o petismo, o feminismo, o gayzismo, o comunismo – considerados pelos setores da Nova Direita como os responsáveis por promover o “caos”.¹³⁸

Nesse sentido, a culpabilização do outro se tornou peça-chave nos discursos desses sujeitos dentro das redes sociais, difundindo desinformação, “fake news” e a retórica do ódio, bem como criando falsas narrativas ou mesmo narrativas tendenciosas.

¹³⁷ PERLATTO, F.; CALDEIRA NETO, O. Negacionismos: a negação da história do Holocausto e da ditadura brasileira de 1964. In: BRUCK, M.; OLIVEIRA, M. C.; SANTOS, M. V. (org.). **Dossiê contra o negacionismo da ciência: a importância do conhecimento científico**. 1. ed. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2022. p. 1246.

¹³⁸ GRASSIOLI, Isabel. **A nova direita no Brasil (2011-2016): uma análise da atuação política no Facebook**. 2019. 263 f. Tese (Doutorado em História) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Marechal Cândido Rondon, 2019.

As direitas e, em particular, sujeitos e grupos de extrema direita conseguiram, portanto, utilizar de maneira prática e efetiva esse ecossistema que são as mídias sociais e a internet, criando sua própria *network* para a obtenção do consenso e, mais do que isso, construiu “[...] uma frente ampla de ação política e ideológica, como um verdadeiro partido, no sentido gramsciano”.¹³⁹

A partir de 2014, seus números nas plataformas digitais aumentaram exponencialmente, fazendo com que a extrema-direita e o que chamamos de “agentes do caos” (Olavo de Carvalho e vários de seus discípulos) produzissem conteúdos sem base científica e reproduzissem diuturnamente teorias conspiracionistas e discursos negacionistas que se tornariam o *modus operandi* nesses novos espaços. Assim poderiam derrotar os setores progressistas e de esquerda.¹⁴⁰

Flávio Casimiro expõe o problema da seguinte forma:

Esses novos espaços de sociabilização do século XXI, por um lado, trouxeram conquistas muito importantes, na medida em que facilitam e ampliam vertiginosamente o acesso a todo o tipo de conteúdo e representaram um avanço significativo no enfrentamento e na relativização do poder dos grupos midiáticos tradicionais no Brasil, principalmente da televisão aberta. Por outro lado, possibilitaram uma disseminação de conteúdos com pouca profundidade e com apelo sensacionalista, que passam a ideia de acesso à informação, mas que na verdade privilegiam a superficialidade, inviabilizando análises mais complexa e o contraponto de ideias. Esse processo abriu um campo de estratégias de produção em massa de conteúdos e de informações (imagens, memes, vídeos etc.), no qual, distorções, descontextualizações e notícias falsas circulam nessas redes juntos com reportagens jornalísticas e estudos científicos, o que dificulta verificação e a confirmação de informações. O fato é que podemos observar uma escala industrial desses “*memes*”, financiada por grupos empresariais, sendo que a difusão desses conteúdos se transformou em uma poderosa estratégia política de produção de consenso de grande amplitude, adquirindo uma sofisticação profissional.¹⁴¹

A partir dessa disputa pela hegemonia, Casimiro aponta que ocorre uma espécie de “memetização” da realidade¹⁴² por parte dos setores dominantes, que se faz muito efetivo no campo de produção do consenso, reduzindo o espaço da defesa de ideias e propostas

¹³⁹ CASIMIRO (2020), Op. Cit., p. 79.

¹⁴⁰ PINHEIRO-MACHADO, Rosana. “Na batalha das redes, a extrema direita ganha por W.O”. In: **The Intercept Brasil**, julho de 2020. Link: <https://www.intercept.com.br/2020/07/21/batalha-redes-extrema-direita-esquerda/> Acesso: 19.08.2022.

¹⁴¹ CASIMIRO (2020), op. Cit., p. 79-80.

¹⁴² Idem, p. 23.

a superficialidade das mensagens curtas e engraçadas, que são intituladas de memes¹⁴³, esses memes conseguem se espalhar em questão de minutos, viralizando informações falsas e sem base científica nenhuma, transformando o trabalhador que compartilha em um voluntário passivo diante da própria condição de explorado.¹⁴⁴

Nas redes sociais, com destaque para o YouTube esses atores das “novas direitas” viram um espaço para produzir conteúdo a atingir grande parte da população, a exemplo da plataforma Brasil Paralelo, que se tornou um destacado aparelho de ação ideológica produtor e disseminador de narrativas audiovisuais de viés negacionista e de pautas ultraliberais (caso da defesa do “homeschooling”).¹⁴⁵

Algo similar pode ser dito sobre os chamados “influenciadores digitais” – como Nando Moura, Arthur do Val “Mamaefalei” ou Allan dos Santos. Esses sujeitos não agem sozinhos, pertencem a distintas “teias” de relações e buscam transformar suas redes em pontos de engajamento e participação de seguidores das pautas de desestabilização política e/ou criminalização das esquerdas.

Por exemplo, se reunimos o Movimento Brasil Livre, o Vem pra Rua! e o Revoltados Online através de uma pesquisa na plataforma “Google Trends” (Figura 3) entre o mês de junho 2013 (Jornadas) e janeiro de 2019 (posse de Jair Bolsonaro), podemos perceber os distintos graus de “engajamento” nas redes de cada um deles e como coincidem com a participação ativa não apenas nas redes, mas também nas ruas, em períodos de manifestações antipetistas ou de aprovações de medidas retrógradas.

Enquanto o Vem pra Rua! (azul) tem um “pico” de engajamento e participação entre durante as manifestações “verde-amarelas” de 2014 e 2015 (com retumbante declínio das interações nos anos seguintes), vemos que o “boom” interativo do MBL (amarelo) ocorre somente a partir das manifestações mais ostensivas de 2015¹⁴⁶, porém estende-se até o final de 2018 – isto é, atravessa o impeachment de Dilma, o golpe de 2016, as contrarreformas previdenciária, trabalhista e da educação básica de 2017 e o apoio explícito à candidatura vitoriosa de Jair Bolsonaro. Quanto ao Revoltados Online, com

¹⁴³ Para saber mais, ler: SILVA, Vanile Cassimiro da. **Memes nas redes sociais: um instrumento de disputa ideológica** (2016-2019). 85 f. Dissertação (Mestrado em História). Marechal Cândido Rondon: Universidade Estadual do Oeste do Paraná, 2022.

¹⁴⁴ CASIMIRO, F. H. C. 2020, Op. Cit., p. 23.

¹⁴⁵ SANTOS, op. Cit..

¹⁴⁶ “Três grupos organizam os atos anti-Dilma, em meio a divergências”. In: **El Pais** – Brasil, 15 de março de 2015. Link: https://brasil.elpais.com/brasil/2015/03/13/politica/1426285527_427203.html Acesso: 15.05.2022

uma geração bastante limitada de engajamento, apresenta um pequeno pico de engajamento em 2014, mas acaba perdendo espaço nos anos subsequentes.

Figura 1 - Termo de pesquisa: “Vem pra Rua!”, “Revoltados online”, “Movimento Brasil Livre” na plataforma Google Trends (pesquisas na Web) (jun. 2013 – jan. 2019)



Fonte: *trends.google.com* – realizada por Felipe Cruz em 18/05/2023

Com a utilização de suas redes como “correias de transmissão” dos interesses de grupos políticos e empresariais, esses canais conseguiram engajamento e visibilidade, ganhando milhares de seguidores.

Com o auxílio fundamental dos algoritmos dessas plataformas, propagaram posts, memes e vídeos na busca por uma “audiência cativa” – nisto mimetizavam técnicas midiáticas televisivas – procurando não somente radicalizar (“polemizar”) notícias publicadas na imprensa, mas também direcionar internautas para outros canais de extrema-direita. Sobre este poderio do algoritmo, afirma Da Empoli:

Ex-funcionário do Youtube, Guillaume Chaslot explicou claramente de que maneira o algoritmo da plataforma, responsável por 70% dos vídeos, foi concebido para impulsionar o público na direção dos conteúdos mais extremos, maximizando o nível de engajamento até seus limites.¹⁴⁷

¹⁴⁷ DA EMPOLI, op. Cit., p. 60.

É fato que espaços comunicacionais e midiáticos têm se transformado em arenas simbólicas das classes dominantes no Brasil desde a “transição democrática”, como os mencionados *think thanks* nacionais e internacionais que, desde os anos 1980, funcionam, na senda de Gramsci, como portadores materiais de ideologias de cariz liberal-ultraconservador e reacionário. No entanto, com a multiplicação destes aparelhos privados de hegemonia expandindo-se às plataformas digitais e redes sociais, estas ideologias “ganham capilaridade e penetração nos mais distintos meios, adquirindo ressonância em diferentes espaços da vida social, estruturando o que se convencionou a chamar de ‘nova direita’ no Brasil”.¹⁴⁸

Enfim, diante do exposto é possível entender que a mídia tradicional e as novas mídias ocupam um grande espaço na disputa de poder e hegemonia, ou nas palavras de Helena Martins:

Velhos e novos meios de comunicação seguem como aparelhos privados de hegemonia, impactando a subjetividade e a conformação de visões de visões sobre o mundo por meio do exercício de seu poder simbólico, ideológico. Importante ter em vista que novos meios técnicos não são apenas novos canais de difusão, mas sim expressões da reorganização das relações sociais. Eles tornam possíveis novas formas de ação e interação, afetando o nosso sistema de referências inclusive por modificar a nossa percepção do tempo e do espaço ou de público e privado, noções que tem sido radicalmente alteradas atualmente. Não são elementos quaisquer. São organizadores da nossa percepção sobre ser e estar no mundo, individual e coletivamente. Produzem subjetividades e cultura. No contexto atual as mídias sociais tem sido utilizadas para promover a lógica individualista, das relações efêmeras e superficiais.¹⁴⁹

É a partir da organização dentro das mídias e dos meios de comunicações para que sujeitos de extrema direita como Olavo de Carvalho e Jair Bolsonaro, e uma leva de “agentes do caos” pelas redes, passaram a esvaziar o sentido (já desgastado) do debate público e a turvar a percepção de milhares de brasileiros acerca da realidade do país.

No que tange às novas mídias, elas tornaram-se fundamentais nas primeiras década do século XXI não apenas na articulação comunicacional entre páginas e canais das direitas, mas também na difusão da nova pedagogia da hegemonia burguesa, de cariz ultraliberal e de teor fascistizante, na internet e redes sociais.¹⁵⁰

¹⁴⁸ CASIMIRO (2018), op. Cit., p. 27.

¹⁴⁹ MARTINS, Op. Cit., p. 185.

¹⁵⁰ MARTINS, Op. Cit., p. 199.

Aqui entraria em cena o que se tem sido denominado de bolsonarismo e de olavismo, acompanhados de “agentes do caos” herdeiros destes agrupamentos político-ideológicos, especialmente nas redes. Eis o foco do próximo capítulo.

CAPÍTULO 2.

OLAVISMO, BOLSONARISMO E REDES SOCIAIS: A DISSEMINAÇÃO DO CAOS

Como internauta e pesquisador, sempre me chamou atenção as crescentes e vertiginosas formas de atuação de aparelhos privados de hegemonia na internet e redes sociais, especialmente aqueles que passaram a identificar-se com os discursos e comportamentos extremistas de Jair Bolsonaro e Olavo de Carvalho.

Se Bolsonaro, então um deputado do baixo clero¹⁵¹, que frequentava programas de TV com discursos reacionários, xenofóbicos, racistas e de teor fascistizante, não era tido por grande parte dos analistas como um sujeito que pudesse ascender à presidente do Brasil, seu “guru” intelectual Olavo de Carvalho que, marcado por sua prática ostensiva e histriônica de disseminar teorias das conspiração, provocar o combate ao “comunismo” e a “corrupção” petista, criar inimigos em esquemas “globalistas” envolvendo Foro de São Paulo, PSDB e Coca-Cola, apresentava-se como o principal responsável pela gestão do caos em meio a crise de hegemonia durante os governos petistas.

Estes dois sujeitos são peça-chave para entendermos a ascensão de movimentos reacionários de extrema direita no país, nos quais os seus nomes foram (e têm sido) utilizados para designar grupos, movimentos e organizações na “sociedade civil” identificadas dentro do espectro ideológico do “olavismo” e do “bolsonarismo” – um debate que tem colocado em pauta o tema do (neo)fascismo.

No primeiro tópico, analisaremos o olavismo e o bolsonarismo, tendo como ponto de partida as trajetórias de Olavo de Carvalho e Jair Bolsonaro, apresentando-os por uma breve biografia para que, num segundo e importante momento, contextualizemos o *modus operandi* e a influência nefasta do olavismo/bolsonarismo no Brasil recente.

No segundo tópico, iremos explorar o foco de destaque na dissertação que serão aqueles sujeitos denominados vulgarmente de “influenciadores digitais” de extrema direita. Nosso enfoque incidirá sobre dois nomes em particular: Nando Moura e Artur do Val “Mamãe Falei”. Embora façamos a apropriação conceitual atribuída a eles como “influenciadores digitais” (ou *influencers*), nosso entendimento é o de que são melhor compreendidos na definição de “agentes do caos”.

¹⁵¹ Na política brasileira, se utiliza essa expressão para designar parlamentares com pouca expressão ou influencia dentro do congresso, são geralmente políticos que não participam da mesa diretora, das principais e mais importantes comissões, bem como pouca aparição midiática.

2.1. De Olavo a Bolsonaro: nomenclaturas do caos organizado no Brasil recente

Olavo Luiz Pimentel de Carvalho, o Olavo de Carvalho, foi natural de Campinas, interior de São Paulo, onde nasceu em 29 de abril de 1947. Segundo filho de Luiz Gonzaga de Carvalho, que exercia como profissão a advocacia e Nicéa Pimentel de Carvalho¹⁵², Olavo casou-se com Roxane Andrade de Souza, com quem teve oito filhos.

Pouco se sabe de concreto acerca da vida do ideólogo que viria a se tornar o “guru” das direitas brasileiras. Em seu *currículo*, disponível em blog particular¹⁵³, aparece em destaque o início dos seus estudos na juventude:

Desde muito jovem iniciou seus estudos de filosofia, psicologia e religiões comparadas. Não tendo encontrado, na época, cursos universitários de boa qualidade sobre os tópicos que eram de seu interesse – e tendo recebido o registro de jornalista profissional por tempo de serviço, de acordo com a legislação que então entrou em vigor – abdicou temporariamente dos estudos universitários formais e buscou professores particulares e conselheiros qualificados que o orientassem.¹⁵⁴

Interessante evidenciar, segundo as informações supracitadas, que uma das principais características de Olavo – e do movimento que levaria seu nome – foi a tentativa de desqualificar as universidades e o universo acadêmico, tendo sempre uma postura antiintelectual e anticientífica, ao pregar fervorosamente com doses de ressentimento que os intelectuais e as universidades públicas tornaram-se espaços de “hegemonia esquerdista”.¹⁵⁵

Na década de 1970, Olavo de Carvalho ainda era um desconhecido que não tinha nenhuma aparição pública. O que sabemos é que “a partir de 1975, concentrou seus esforços no estudo das Artes Liberais” (Lógica, retórica, Gramática; Aritmética, Música, Geometria e Astrologia)¹⁵⁶, onde posteriormente vai se dedicar a astrologia.

Ao longo das décadas de 1980 e 1990, começou a ministrar cursos, conferências e palestras sobre astrologia, “sendo este momento em que começa a firmar-se como

¹⁵² ANDRADE, R.; PINHEIRO, É (org.). *Curriculum Vitae de Olavo de Carvalho*. 2005. Link: <https://olavodecarvalhofb.wordpress.com/2016/01/22/curriculum-vitae-de-olavo-de-carvalho/> Acesso: 20.12.2022.

¹⁵³ Também é possível acessar dados biográficos e trajetória em seu próprio site. Link: <https://olavodecarvalho.org> Acesso: em 04.12.2022

¹⁵⁴ ANDRADE; PINHEIRO, Op. Cit.

¹⁵⁵ Destaca-se ainda a busca de “professores particulares e conselheiros qualificados”: uma decisão que, décadas depois, reaparecerá em suas lives histriônicas e nos discursos de alguns de seus discípulos no ataque à suposta doutrinação “marxista” nas escolas públicas e na defesa intransigente do *homescholling*.

¹⁵⁶ ANDRADE; PINHEIRO, Op. Cit

intelectual de certo renome”¹⁵⁷. É também nesse período que Olavo começou a conquistar espaços consideráveis dentro da mídia hegemônica.

Gilberto Calil afirmou que, desde a década de 1980, Olavo buscava agradar um público com o viés mais conservador e reacionário e para isso passou a ocupar a classe dos editoriais conservadores da mídia brasileira. O intuito de ocupar estes espaços era o de criticar o que entendia ser o “pensamento vigente”, impregnado pela “hegemonia cultural” da esquerda no país desde o final da ditadura civil-militar. Nas palavras de Calil: “Sua lógica, reformulada em 2009, é a seguinte: como o aparelho ideológico burguês, do qual os marxistas falam, não existe, as classes superiores se encontram ‘sem defesa’ diante da ameaça comunista”.¹⁵⁸

Em 1996, escreveu um livro que o tornaria conhecido no mercado livreiro e no público em geral – “*O Imbecil Coletivo: atualidades inculturais brasileiras*”, lançado pela editora UniverCidade. Numa matéria publicada na Revista “Veja”, de novembro de 2018, Ana Clara Costa e Edoardo Ghirotto explicam como livro “O imbecil coletivo” abriu espaços na grande mídia para o guru da extrema-direita:

Quando *O imbecil coletivo* foi lançado, Olavo já havia publicado dez livros (de Aristóteles à astrologia), mas todos passaram em branco. Com o imbecil coletivo, ganhou certa fama de polemista e começou a integrar o panteão de escritores ‘de direita’. Colaborou com as revistas *Bravo!*, *República*, *Primeira Leitura* e *Época*, e teve uma coluna no jornal *O Globo*, do qual foi demitido em 2005, ano em que se mudou para os Estados Unidos como correspondente do Jornal do Comércio.¹⁵⁹

Ao debater sobre os conteúdos, os ideais e os espaços de poder ocupados por Olavo de Carvalho dentro das mídias, Lucas Patschiki relata que, entre os anos de 1980 a 2000, Carvalho passou a trabalhar em instituição militar e uma série de revistas, jornais e editoras – ou seja, em aparelhos privados de hegemonia burguesa sustentados por corporações empresariais (Grupos Abril, Folha) e entidades de classe (FIESP) – todos herdeiros da ditadura que “transitaram” sem grandes problemas para a

¹⁵⁷ PATSCHIKI, Lucas. **Os litorais da nossa burguesia: o Mídia sem Máscara em atuação partidária** (2002-2011). Dissertação (Mestrado - História) - Faculdade de História, Letras e Ciências Humanas, Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Marechal Cândido Rondon, 2012, p. 33

¹⁵⁸ CALIL, Gilberto. “O astrólogo que inspira Jair Bolsonaro”, **Le Monde Diplomatique** – Brasil, edição 151, 31 jan. 2020. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/o-astrologo-que-inspira-jair-bolsonaro/> Acesso em 27/01/2022.

¹⁵⁹ COSTA, A.; GHIROTO, E. “Eu sou o segundo governo - Quem é o guru da direita que conquista fiéis com cursos on-line e vocabulário obscuro, ensinará filosofia a parlamentares e indica ministros para Bolsonaro”. In: **Revista Veja**. 30 de novembro de 2018. Link: <https://veja.abril.com.br/politica/eu-sou-o-segundo-governo/> Acesso: 20.01.2022.

“redemocratização” do país: entre os anos de 1998 e 1999, Olavo ocupou o cargo de diretor de texto da “Biblioteca do Exército”, editando o livro *“O Exército na história do Brasil”*; de 1999 a 2001, editor de publicação da série “Biblioteca de Filosofia” da Editora Record; no mesmo período, diretor da editora UniverCidade, e entre os anos de 2000 a 2005, foi colunista semanal do jornal “O Globo” – sem deixar de mencionar suas experiências de trabalho como colunista/escritor na “Folha de São Paulo”, “O Estado de São Paulo” e revista “Época”.¹⁶⁰

Patschiki reitera que entre o período entre 1996 e 2005, pode ser considerado o ápice da vida jornalística de Olavo¹⁶¹, fazendo com que o nome do “guru” fosse convertido rapidamente em atração especial nas edições de 2000 a 2005 do Fórum da Liberdade – um dos principais e mais disputados eventos de organização das classes dominantes no Brasil. Nas palavras de Flávio Casimiro, ele pode ser considerado um verdadeiro reduto das direitas e do conservadorismo no Brasil.¹⁶²

Sua ascensão, porém, adquiriria um novo patamar ideológico quando da criação do blog “Mídia sem Máscara” (MSM), em 2002. Como afirmou Lucas Patschiki, foi com o MSM que “[...] Olavo de Carvalho passa a organizar uma série de intelectuais em torno de si, criando um instrumento poderoso para unificar organizativamente e ideologicamente a direita fascistizante”¹⁶³. Não por coincidência, o mesmo ano em que o Partido dos Trabalhadores ganharia as eleições presidenciais com Luís Inácio Lula da Silva: um “prato cheio” para o avanço dos discursos conspiracionistas de Olavo.

Mas foi três anos mais tarde, em 2005, quando passou a morar na Virgínia, Estados Unidos, que Olavo tornará este avanço em projeto na internet com a criação, ao lado do MSM, do “True OutSpeak”, um programa de “Talk Radio” – hoje diríamos um podcast – que, posteriormente, ganharia formato audiovisual no Youtube.

Nele, o já conhecido “guru das redes” promovia cursos (“anticomunistas”) de “Filosofia” e exercitava seu arsenal escatológico. Em meio ao andamento dos governos de Lula no Brasil, tratava-se de lutar contra o “gramscismo”, o “esquerdismo” e o “petismo” e, em seu bojo, contra a militância de determinados sujeitos históricos (negros, indígenas, mulheres, LGBTQIA+) que reivindicavam a garantia constitucional de direitos, ainda que dentro da ordem liberal-democrática burguesa.

¹⁶⁰ PATSCHIKI, Op. Cit., p. 42.

¹⁶¹ Idem, p. 43

¹⁶² CASIMIRO (2020), op. cit., p. 70.

¹⁶³ PATSCHIKI, Op. Cit, p. 46.

Figura 2 – Matéria publica no El País sobre Olavo de Carvalho



Recorte feito de matéria publicada no jornal EL PAÍS, mostrando a influência de Olavo de Carvalho no então governo eleito de Jair Bolsonaro.¹⁶⁴

Os discursos histriônicos, eivados de ódio, e a imagem de “grande intelectual” e crítico acerbo da “dominação comunista” proporcionariam a Olavo um poderio e amplitude maiores nas redes após as Jornadas de Junho de 2013, que, como tratamos no primeiro capítulo, representou o momento-chave de ascenso e fortalecimento de sujeitos, grupos, movimentos e organizações das direitas – com ênfase na extrema direita. É nesta conjuntura pós-2013 que ele será visto como o principal veiculador de uma suposta “guerra cultural” organizada pelas esquerdas no Brasil e no mundo através de um projeto “globalista”.

Evidente que, sendo um fantoche da subordinação tupiniquim ao capital-imperialismo, Olavo não fora o criador da “guerra cultural”. Este discurso ideológico, espólio dos regimes nazifascistas, mas também do contexto da “Guerra Fria” e das ditaduras latino-americanas, reaparece a contar dos anos 1970 com a emergência de extremas-direitas nos Estados Unidos e Europa e o fim das ditaduras no Brasil e América

¹⁶⁴ “Olavo de Carvalho, o Brasil só fala dele”. In: **El País** – Brasil, 27 de novembro de 2018. Link: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/11/27/politica/1543319632_709659.html Acesso: 05.02.2021.

Latina¹⁶⁵, que passam a anunciar uma cruzada contra o “marxismo cultural” e a “hegemonia gramscista”.¹⁶⁶

Olavo, porém, imbuído de uma versão místico-fundamentalista entronizada em redes da extrema direita (especialmente a norte-americana) soube aproveitar-se da guinada extremista nos Estados Unidos, Itália, Hungria, para juntar-se na “guerra cultural” aos “engenheiros do caos” social, político, cognitivo e ideológico – tendo Steve Bannon como um de seus principais baluartes.¹⁶⁷

Na sua esteira, formava “discípulos” que se alocavam em lugares estratégicos na “sociedade política” (mas não apenas), capilarizando o pensamento conspiratório, anticomunista e reacionário¹⁶⁸, caso dos que assumiram cargos importantes no governo de Jair Bolsonaro, tendo três deles alçados à condição de ministros de Estado – Velez Rodriguez e Abraham Weintraub, na Educação, e Ernesto Araújo, nas Relações Exteriores.¹⁶⁹

No entanto, precisamos voltar alguns anos, quando poucos se importavam com (e apostavam em) Jair Bolsonaro e na emergência do bolsonarismo para que possamos entender a influência exercida por Olavo de Carvalho e do olavismo no Brasil com suas assertivas de cariz anticomunista e conspiratório.

Álvaro Bianchi enfatiza que a repercussão e aceitação de suas ideias deve-se ao fato de que elas fornecem respostas simples e sentido aos medos alimentados por um exército de pequenos e médios empresários, profissionais liberais e trabalhadores autônomos afetados pela crise econômica e pelas transformações na sociedade brasileira nas últimas duas décadas.¹⁷⁰ Para esses grupos, que Gilberto Calil intitula como uma pequena

¹⁶⁵ GRECCHI, Cecília. A Alt-Right e o racismo na internet. In: **O Cosmopolítico**, v. 6, n. 2, dezembro de 2019, p. 52-63; Sobre o macartismo e seus desdobramentos nos EUA, ver: COSTA, op. Cit., p. 37-40. Sobre as diversas manifestações da extrema-direita europeia atual, de partidos neonazistas e grupos reacionários às forças burguesas ultraliberais, mas tendo em comum o nacionalismo chauvinista, a xenofobia, o racismo, o ódio a imigrantes, a islamofobia e o anticomunismo, ver: LÖWY, op. Cit., p. 653-654. Sobre o ORVIL (1989), o “livro negro” dos militares sobre a suposta dominação comunista no Brasil pós-ditadura e sua quase invisível influência na atuação de sujeitos e organizações de extrema direita no Brasil contemporâneo ver: CASTRO ROCHA, op. Cit., p. 254 e segs.

¹⁶⁶ Em entrevista, falando sobre as reações anti-marxistas e anti-Gramsci na América Latina, Álvaro Bianchi afirmou: “As primeiras reações já datam dos anos 1970 e um anti-gramscismo latino-americano começa a se manifestar no início dos anos 1980. No Brasil, isso chega tardiamente, comparado com o Chile e a Argentina, por exemplo. E chega por intermédio de Olavo de Carvalho, que diz que começa a se preocupar com o gramscismo e o gramscismo petista em 1987”. In: ZAMBELLO et. al, op. Cit., p. 70.

¹⁶⁷ DA EMPOLI, op, cit., p. 103.

¹⁶⁸ BUGALHO, Henry. **Quem é Olavo de Carvalho?** Vídeo no canal Carta Capital publicado em 10 de junho de 2020. Link: <https://www.youtube.com/watch?v=s-7MCJfx7NI> Acesso: 25.01.2022.

¹⁶⁹ BBC News: **Quem são os discípulos de Olavo de Carvalho que chegaram ao governo e ao congresso.** 01/2019. Link: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-46802265> Acesso: 24.01.2022.

¹⁷⁰ BIANCHI, A. Olavo de Carvalho é um efeito da nova direita, e não sua causa. Entrevista especial de Álvaro Bianchi. **Notícias**, São Leopoldo: Instituto Humanitas Unisinos, 19 dez. 2018. Link:

burguesia em crise¹⁷¹, “Olavo de Carvalho apresenta uma explicação simples para a queda: marxistas, feministas e gays teriam provocado a crise da civilização cristã e empurrado a sociedade para o abismo”.¹⁷²

Bem antes, na Itália fascista de Mussolini, Antônio Gramsci já havia indicado que “[...] existe em todos os países um estrato da população – a pequena e média burguesia – que considera ser possível resolver estes gigantescos problemas com metralhadoras e pistolas. É este estrato que alimenta o fascismo, que fornece seus efetivos”.¹⁷³ Para efetivar esses ideais e atingir esse público, Olavo encontrou na internet e redes sociais uma saída para reproduzir e disseminar a “guerra cultural” e a paranoia “anticomunista”. Sobre a retórica do ódio anticomunista em Olavo, porém, sabemos atualmente que não é novidade na história.

Na verdade, eles constavam em documentos provenientes da ditadura civil-militar brasileira desde a segunda metade da década de 1980¹⁷⁴, onde era possível identificar no discurso e no ideário dos militares, que a esquerda queria obter o consenso e a hegemonia para trilhar o país ao caminho do comunismo¹⁷⁵. Segundo Castro Rocha, o que Olavo fez – não sem certa “inteligência” – foi ressignificar o delírio anticomunista dos militares, e trazê-los à tona, criando inimigos, todavia não se dissociando do discurso das forças armadas de que a esquerda tentaria buscar a hegemonia por meio do aparelhamento do Estado e das instituições. O que torna plausível dizer que entre os militares e o futuro “guru” de Bolsonaro havia claros vasos intercambiáveis.¹⁷⁶

Neste âmbito, a participação ativa de Olavo em diversos espaços institucionais e aparelhos privados de hegemonia nos anos 1990 e 2000 fariam alçar ao posto de referência intelectual para uma parcela significativa da “nova direita” – Castro Rocha fala

<http://www.ihu.unisinos.br/159-noticias/entrevistas/585547-olavo-de-carvalho-e-um-efeito-da-nova-direita-e-nao-sua-causa-entrevista-especial-com-alvaro-bianchi>. Acesso: 20.06.2022.

¹⁷¹ CALIL, Gilberto. Olavo de Carvalho e a ascensão da extrema-direita. *Argumentum*, 13(2), 2021, p. 64–82. Link: <https://doi.org/10.47456/argumentum.v13i2.34166>. Acesso: 20.06.2022.

¹⁷² BIANCHI (2018), Op. Cit., s/n.

¹⁷³ GRAMSCI, Antônio. *Escritos Políticos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, v. 2 (1921-1926), 2004. p. 46-47.

¹⁷⁴ Cabe citar a história do “Orvil”. O documento com quase mil páginas, cujo nome oficial é “As tentativas de tomada do poder”, sempre circulou entre os militares da reserva que haviam integrado a estrutura repressiva da ditadura militar. Link: <https://apublica.org/2021/08/os-ecos-do-orvil-em-2021-o-livro-secreto-da-ditadura/#Link1>. Acesso: 28.01.2021

¹⁷⁵ Sobre a entrevista com o historiador Lucas Pedretti, que afirmou ser as teorias conspiratórias de Olavo um espólio ideológico das Forças Armadas para combater a esquerda com o fim da ditadura, ver: “Entrevista: ‘Delírios de Olavo de Carvalho aprofundam ideias surgidas nos quartéis brasileiros’”. In: *The Intercept* Brasil, 29 de janeiro de 2022. Link: <https://theintercept.com/2022/01/29/olavo-de-carvalho-teorias-militares-esquerda-lucas-pedretti/>. Acesso em 27.03.2022

¹⁷⁶ CASTRO ROCHA, op. Cit., pp. 270-271.

de uma juventude de classe média (personificada, por exemplo, nos três proprietários da empresa Brasil Paralelo) identificada com a ideologia anticomunista, as teorias conspiratórias e o ressentimento e ódio contra minorias¹⁷⁷ – o que oferece um panorama da relevância assumida pelo “guru” a contar da década de 2010. Como salienta Flávio Casimiro:

[...] a imagem de Olavo de Carvalho não foi construída por Bolsonaro e seus crias, como muitos críticos do autor querem afirmar, mas, ao que tudo indica, foi sua influência e conexão com esse movimento crescente do pensamento reacionário que ajudaram a construir o fenômeno do bolsonarismo.¹⁷⁸

Ultrapassando a figura de Olavo de Carvalho, devemos analisar e entender o “olavismo” como um conjunto de meios e recursos, empregados para atuação da extrema direita e do próprio bolsonarismo – tendo o entendimento de que a influência do “guru” nesse movimento é extremamente importante para entender sua gênese, especialmente nas redes sociais. Para Castro Rocha, o “olavismo” é um sistema de crenças que tem como fulcro o anti-intelectualismo e que usa do que ele intitula de “retórica do ódio” para difundir suas teorias. Como enfatiza o autor:

[...] A difusão de uma linguagem própria e vagamente conceitual; a disseminação da retórica do ódio como forma de desqualificar adversários; o palavrão como argumento de autoridade; a reconstrução revisionista da história da ditadura militar; a identificação do comunismo como um inimigo interno a ser eliminado uma e outra vez (e sempre de novo); a presunção de uma ideia bolorenta de alta cultura; a curiosa pretensão filosofante; a divertida veneração pelo estudo de um latim sem declinações e pelo desconhecimento metódico de um grego, grego de fato; a elaboração de labirínticas teorias conspiratórias de dominação planetária; a adesão iniciática a um conjunto de valores incoerentes; a utilização metódica da verve bocagiana, aqui reduzida a três ou quatro palavrões e a dois verbos – bem entendidos: ir e tomar.¹⁷⁹

Esse “sistema de crenças” de que trata Castro Rocha circulou de forma intensa a contar das manifestações de movimentos e grupos de direita a contar dos anos de 2014 e 2015. Cabe lembrar que seus seguidores mais fiéis lançaram uma frase que logo foi convertida em um mantra das “novas direitas” nas ruas e redes: “*Olavo tem razão*”.

¹⁷⁷ Idem.

¹⁷⁸ CASIMIRO (2020), Op. Cit., p. 74.

¹⁷⁹ CASTRO ROCHA, op. Cit., p. 71-72.

Era comum ver nas manifestações essa frase em camisetas e cartazes dos manifestantes. Posteriormente, esse movimento ganhou adeptos de diferentes meios e espaços, principalmente nas redes sociais dos setores mais reacionários. Foi esse contexto, por sinal, de ascenso ultraconservador e ultraliberal, que criaria um “clima ideológico” favorável a consolidação das visões conspiracionistas e anticomunistas de Olavo entre frações reacionárias da burguesia e pequena burguesia tanto na consumação do Golpe de 2016 e nas eleições presidenciais de 2018.

Assim, torna-se possível identificar a presença de Olavo e do que ficou conhecido por olavismo (a retórica do ódio, o caos cognitivo, informacional e político, a “guerra cultural”) não apenas nos intercâmbios doutrinários das Forças Armadas – vide sua participação ativa na produção do “Orvil”, o “livro anticomunista” das Forças Armadas publicado no final da década de 1980 – mas, nos termos de Badaró Mattos, no tripé ideologia/movimentos coletivos/organização política que convencionou-se chamar de bolsonarismo¹⁸⁰, tendo a figura de Jair Bolsonaro como epicentro.

Um exemplo dessa relação podemos identificar após a eleição de 2018, quando Jair Bolsonaro fez uma transmissão ao vivo nas redes sociais, logo após sua eleição para presidente, em cima da mesa onde falava o recém-eleito presidente, encontrava-se o livro *“O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota”* confirmando sua relação interessada com o “guru” e a influência relativa que este exerceria no início do governo Bolsonaro¹⁸¹. Passemos a este.

Jair Messias Bolsonaro, tal qual Olavo, nasceu em Campinas, mas em março de 1955. Filho de Percy Geraldo Bolsonaro e Olinda Bonturi Bolsonaro. Em 1977 concluiu o curso de oficiais na Academia Militar das agulhas negras (AMAN), e em 1983 formou-se em Educação física na Escola de Educação física do Exército.

No ano de 1988, alçaria ao posto de capitão, mas agora como militar da reserva, no mesmo ano em que começara a explorar as “delícias” da carreira política, tendo sido eleito vereador na cidade do Rio de Janeiro. Dois anos depois, em 1990, um salto político: eleito deputado federal em 1989, permanecerá no cargo durante sete mandatos consecutivos até se tornar candidato à Presidente da República em 2018.¹⁸²

¹⁸⁰ MATTOS, op. Cit., p. 168. Em especial, o Cap. III do livro.

¹⁸¹ Idem, p. 172.

¹⁸² “Jair Messias Bolsonaro”. In: **FGV/CPDOC online.** Link: <https://www18.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/jair-messias-bolsonaro> Acesso: 28.01.2023.

Tendo raríssimos projetos propostos e aprovados¹⁸³, Bolsonaro começou a ganhar notoriedade pública na mídia corporativa a contar dos anos de 1990 a partir de discursos e práticas “sem filtro”, marcadas pela ferrenha polarização ideológica: fosse defendendo a ditadura civil-militar de 1964 ou elogiando a atuação de torturadores (como Brilhante Ustra), fosse destilando ódio a mulheres, negros, indígenas, homossexuais e militantes de esquerda, Bolsonaro teve sua imagem pública sendo retroalimentada e superexposta pela mídia, auxiliando a forjar uma espécie de “estilo próprio” (para muitos, “sincerão”) que se tornou uma das características do então deputado e seus asseclas¹⁸⁴. Mas não podemos reduzir Bolsonaro ao “sincerão”.

Pela mídia hegemônica, era possível encontrar desde 1990, publicações de matérias que davam espaço as pautas políticas de Bolsonaro como parlamentar, fosse no Estado do Rio de Janeiro, fosse em Brasília.¹⁸⁵

Em quase todas elas, a presença do discurso autoritário, misógino e reacionário (com teor fascista) estava presente. As pautas eram das mais diversas: anti-direitos humanos, anti-comunidades indígenas, a apologia à tortura e ao uso da violência, defesa da pena de morte, defesa da memória ditadura civil-militar, entre outros – em discursos sempre atravessados pela retórica do ódio.

Dentre as reportagens analisadas, alguns pesquisadores identificaram episódios de insultos do então deputado contra outras pessoas, como o que segue abaixo:

O deputado Jair Bolsonaro (PPB-RJ) chamou o cardeal arcebispo de São Paulo d. Paulo Evaristo Arns, de ‘desocupado’, ‘vagabundo’ e ‘megapicaretas’ durante discurso no plenário da Câmara. Procurado pela Folha, d. Paulo disse que não comentaria as declarações feitas em Brasília pelo deputado Jair Bolsonaro”. (Folha de S. Paulo, 20 mar. 1998, p. 4).¹⁸⁶

A retórica do ódio em Bolsonaro encontra vazão no estilo agressivo do “guru” da extrema direita, pois como afirma Gilberto Calil: “a escrita de Olavo de Carvalho se

¹⁸³ “Em 27 anos na Câmara, Bolsonaro só aprovou dois projetos de lei”. In: **Portal Vermelho**. Link: <https://vermelho.org.br/2018/09/21/em-27-anos-na-camara-bolsonaro-so-aprovou-dois-projetos-de-lei/> Acesso: 20.04.2022.

¹⁸⁴ Uma compilação de dez frases absurdas que Jair Bolsonaro disse em declarações ao longo dos anos, pode ser lida em: **Esquerda Diário**, 28 de dezembro de 2018. Link: <https://www.esquerdadiario.com.br/As-10-frases-mais-terriveis-de-Bolsonaro-27039> Acesso: 27.05.2022.

¹⁸⁵ NASCIMENTO, L; COSTA, S; ALECRIM, M; OLIVEIRA, J; OLIVEIRA, M. “Não falo o que o povo quer, sou o que o povo quer”: 30 anos (1987-2017) de pautas políticas de Jair Bolsonaro nos jornais brasileiros. In: **Revista Plural** (USP), v. 25, p. 135-171, 2018.

¹⁸⁶ Idem, p. 148.

caracteriza por seu gosto pela vulgaridade e por seu tom belicoso. Essa agressividade se apresenta como uma garantia de autenticidade, que lembra o estilo de Bolsonaro”.¹⁸⁷

Esses discursos e práticas extremistas, porém, saíam das páginas de jornais e das ruas para ganhar um foro privilegiado e um espaço cada vez mais amplificada nas redes sociais. Temas como maioria penal, desarmamento, direitos humanos, direitos das mulheres, cotas raciais, reforma agrária e demarcação de terras indígenas – que sempre estiveram na “mira” de políticos, empresários e latifundiários na história do Brasil – passam a se tornar alvos de constante ataque de Bolsonaro e seus seguidores em canais do Youtube, páginas do Twitter e grupos de WhatsApp.

É no período anterior a 2018 que as redes de extrema direita no Brasil adquirem musculatura digital – constituindo a base ideológica e organizacional do bolsonarismo – e ajudam a sedimentar a figura “mítica” que Bolsonaro assumiria entre um número crescente de seguidores. Entre as manifestações das direitas de 2014 e 2015, o Golpe de 2016 e o governo ilegítimo de Temer, APHs como MBL, Instituto Millenium e Brasil Paralelo, ao lado de influenciadores digitais como Arthur do Val, Nando Moura e Allan dos Santos, passaram a aglutinar forças junto às classes dominantes em torno de um projeto autocrático-burguês que imantava a voracidade dos interesses do capital empresarial-financeiro.

Uma outra questão que norteia a pesquisa consiste em debruçar-se sobre as formas de atuação e organização de sujeitos e grupos bolsonaristas. O bolsonarismo, que aqui entendemos como ideologia associada ao movimento de massas e a um determinado padrão de comportamento e ação que é constituído por características que alguns pesquisadores consideram de cariz (neo)fascista.

Este fenômeno tem alguns aspectos que precisam ser evidenciados e analisados para que possamos entender sua gênese. Um deles consiste em vinculá-los a transformação de Bolsonaro, da questionável carreira de ex-capitão e de parlamentar do “baixo claro” à condição de um “líder nacional”, já perceptível nas eleições de 2014. Marcelo Badaró Mattos, por exemplo, observou que:

[...] o crescimento da votação política de Bolsonaro em 2014 já foi expressão, por um lado, da reorganização da ultradireita política no país após 2013, e por outro lado, uma realocação do próprio deputado, agora disposto a ocupar um lugar de destaque nesse processo.¹⁸⁸

¹⁸⁷ CALIL (2020), op. Cit..

¹⁸⁸ MATTOS, op. Cit., p. 171.

Vemos que Bolsonaro passa a ocupar espaços importantes dentro da política parlamentar, da mídia jornalístico-televisiva e das redes sociais, e, numa espécie de “efeito manada”, faz destes espaços formas de conseguir de alçar voos pessoais e a seus filhos em cargos políticos dentro do Estado.

Mas, para além dessa constatação a olhos nus por um analista no Brasil atual, Badaró Mattos destaca que

[...] para entender a construção política que Bolsonaro e os que se puseram ao seu redor desenvolveram desde então, é preciso ter em conta novos elementos, ou novas ênfases, que passam a compor seu discurso e constituem os pilares ideológicos do bolsonarismo.¹⁸⁹

É a partir disso que podemos entender e identificar as características que fazem parte do bolsonarismo e seus fundamentos ideológicos e materiais. Por exemplo, o historiador Carlos Zacarias Sena Júnior é bastante enfático ao definir as afinidades eletivas entre o bolsonarismo e os fascismos, mesmo os de vertente “histórica” como o italiano e o alemão. Segundo o autor:

Um dos fenômenos associados à ascensão da extrema-direita no Brasil, é o surgimento do “bolsonarismo”. Chama-se de bolsonarismo a um tipo de comportamento político, surgido nos últimos anos, ao qual se vinculam pessoas ou grupos de pessoas que se mobilizam em torno de ideias como antipetismo e o anticomunismo, o vitimismo e o pânico moral, a mobilização política e o culto da violência, o neoliberalismo e o ataque aos direitos e tudo àquilo que se relaciona ao Estado de bem estar social oriundo de políticas públicas e de inclusão. O bolsonarismo repete, no Brasil, o que aconteceu ou acontece em outras épocas ou em outros países, onde uma crise aguda e aparentemente incontornável, produziu saídas permitindo a ascensão de líderes carismáticos que trouxeram propostas de soluções fáceis para todos os problemas da vida, economia, política e sociedade. Na Itália e na Alemanha nos anos 1920/30, a crise do pós-guerra e uma conjuntura de intensa luta operária, revolucionária e de esquerda, exasperou os setores médios que, ressentidos pela falta de perspectivas, partiram em busca de alternativas que tinham na ideia de que havia um “nós” e um “eles” como um dos elementos mobilizadores mais importantes. Tal atitude, que não deixou de contar com o apoio de parte fundamental das classes dominantes e dos atores políticos tradicionais, deu ensejo para que se apoiasse o saneamento político, que atingiu parcelas da sociedade e dos grupos políticos de esquerda, e depois se ampliou, alcançando a todos os que se colocavam no campo da oposição. O que ocorre no Brasil, que tem similitude com o que acontece em países como Hungria, Polônia, Itália e mesmo nos Estados Unidos, onde governantes

¹⁸⁹ BADARÓ. M. Op. Cit. 2020. p. 171.

outsiders e de extrema-direita ascenderam, encampando um discurso antissistêmico e alternativo ao que chamam de velha política, mesmo com as características que nos permitem apontar as semelhanças com os movimentos nazifascistas históricos, têm suas peculiaridades. O fato, contudo, é que qualquer que seja o nome que se dê ao fenômeno, no qual o bolsonarismo se inclui e cujos derivativos oriundos da conceituação não negam seu aspecto principal, começam a produzir um consenso que diz tratar-se daquilo que de mais próximo ao fascismo existiu na história, desde o fim da Segunda Guerra, em 1945.¹⁹⁰

Badaró Mattos, corroborando em parte a linha analítica de Zacarias, entende que o bolsonarismo é constituído de pilares característicos do que ele chama de “neofascismo à brasileira”, sendo o principal deles:

[...] a busca de uma “teoria” neofascista. Como ocorrera com o fascismo, o neofascismo não inventa teorias sociais novas, apropria-se e reinterpreta elementos do velho fascismo, mas também de outras formulações conservadoras difundidas nas últimas décadas.¹⁹¹

Para este historiador, o bolsonarismo enquanto neofascismo precisa ser entendido por uma tripla dimensão: ideologia, movimento coletivo e organização política. As duas últimas, de alguma maneira, foram trabalhadas no primeiro capítulo, quando tratamos das “novas direitas” no Brasil vendo-as numa perspectiva histórica e indissociáveis de formas organizativas (e financiadas) de cariz reacionário e fascistizante.

A dimensão ideológica está assentada em um discurso de ódio atravessado pela defesa do legado ditatorial com suas práticas virulentas de tortura e eliminação de opositores, mesclada a concepção milicianista de poder. Integra ainda a esta lista suas declarações de teor racista, machista e homofóbico¹⁹². Mattos afirma ainda, neste âmbito, como o Olavo de Carvalho tornou-se uma espécie de “cimento filosófico” que confere sentido às ações de Bolsonaro, seus filhos e apoiadores nas redes sociais para justificar qualquer “teoria” conspiratória, a postura anti-intelectual e anticientífica e a violência contra as lideranças e movimentos das esquerdas.¹⁹³

Quanto aos conteúdos produzidos pelo “guru” em livros e canais de comunicação, assinala Mattos, cabe dizer que eles “reciclaram para o Brasil elaborações da ultradireita estadunidense, nomeadamente de estrategistas como William S. Lind e divulgadores

¹⁹⁰ SENA JÚNIOR., Carlos Zacarias, “Bolsonarismo”. In: **Esquerda Online**, 3 set. 2019. Link: <https://esquerdaonline.com.br/2019/09/03/bolsonarismo/> Acesso: 30.04.2022

¹⁹¹ MATTOS, op. Cit. p. 171. Para um entendimento basilar acerca da construção histórica e teórica do fascismo, ler: KONDER, Leandro. **Introdução ao fascismo**. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

¹⁹² Idem, p. 172-173

¹⁹³ Ibid., p. 172-177.

como Rush H. Limbaugh”, que defendiam a existência, desde o final dos anos 1960, de uma “‘longa marcha’ da esquerda para controlar os aparatos de ensino e a produção cultural e midiática, centrada em elementos como a negação das crenças cristãs e a valorização de um ‘novo homem’ comunista [...]”.¹⁹⁴

Demian Bezerra de Melo também tece excelente análise conceitual entre o fascismo histórico e o substrato ideológico do bolsonarismo do século XXI identificando traços e características que as aproximam. Segundo Melo, as teorias da conspiração e o “marxismo cultural” difundidos por Olavo de Carvalho e seu séquito constituem o núcleo central do conteúdo ideológico do bolsonarismo.¹⁹⁵

Melo reafirma o caráter não inovador do anticomunismo de Olavo e dos olavistas; não obstante, ele entende que o “guru” e seu movimento cumpriram o papel de reciclar as velhas narrativas anticomunistas segundo as quais “os vermelhos” estavam apostando no caminho “pacífico para o poder”, como diziam os golpistas em 1964.¹⁹⁶

Outro fator importante é que o bolsonarismo corresponde a um segmento de classe da sociedade civil que, em contexto de crise de hegemonia, de manobras jurídicas e midiáticas e de rearticulação das frações burguesas representativas do grande capital, torna-se o sujeito decisivo na encampação de uma agenda ultraconservadora e reacionária que, em chave de análise gramsciana, é porta de entrada e enraizamento do projeto fascista: a pequena burguesia.

No rastro das reflexões de Poulantzas sobre a ideologia da “nova pequena burguesia”, Gilberto Calil nos explica as razões deste papel singular desta fração burguesa em contextos de crise de hegemonia:

A análise da ideologia da pequena burguesia deve ter como ponto de partida sua posição peculiar frente às duas classes antagônicas fundamentais, o que lhe impõe um limite bastante definido: “*A pequena burguesia, pelo lugar que ocupa na determinação de classe de uma formação capitalista, não tem posição política de classe autônoma a longo prazo. As duas classes fundamentais são a burguesia e o proletariado: existem então somente, no sentido forte de ideologias de classe, aquelas duas classes fundamentais politicamente opostas até o fim*” (POULANTZAS, 1975, 313). Em vista disso, Poulantzas designa como “subconjunto ideológico pequeno-burguês” os “efeitos da ideologia burguesa (dominante) sobre as aspirações próprias dos

¹⁹⁴ Idem, p. 171-172. Ver também: MUSSI, Daniela & BIANCHI, Álvaro. “Os inimigos de Gramsci”. In: **Jacobin – Brasil**, 2019, p. 89-91.

¹⁹⁵ MELO, Demian B. de. Bolsonarismo como fascismo do século XXI. In: REBUÁ, E.; COSTA, R.; GOMES, R.; CHABALGOITY, D. (Org.). **(Neo)fascismo e educação: reflexões críticas sobre o avanço conservador no Brasil**. Rio de Janeiro: Mórula, 2020, p. 12-46.

¹⁹⁶ Idem, p. 30.

*agentes pequeno-burgueses relativamente à sua determinação específica de classe” (314). Sua conformação será marcada pela polarização a que é submetida a pequena burguesia [...]*¹⁹⁷

Enquanto ideologia, Rodrigo Nunes classifica o bolsonarismo em quatro níveis que se articulam entre si¹⁹⁸. O primeiro deles consiste nas diferentes matrizes discursivas que se combinam dentro do bolsonarismo, o segundo nível é a gramática comum que assegura a comunicação e compatibilidade dessas matrizes discursivas, o terceiro, são as condições afetivas que asseguram a receptividade dessas matrizes em diferentes segmentos sociais, o quarto nível seria o nível da infraestrutura organizacional, que abarca os influenciadores das redes e mídias sociais que disseminaram essas matrizes discursivas do bolsonarismo.

Cabe aqui explicar minimamente esses quatro níveis do bolsonarismo. A começar pelo primeiro, que consiste nas diferentes matrizes discursivas que se combinaram na formação do bolsonarismo. Entre elas estão: o militarismo (apoio a políticas de lei e ordem e uso extrajudicial da força), o anti-intelectualismo (rejeição da ciência em favor da religião e da experiência pessoal) e o empreendedorismo (característica do neoliberalismo, onde o sujeito é empreendedor de si mesmo).

O segundo nível consiste na gramática comum que assegura a comunicação e compatibilidade dessas matrizes discursivas, ou seja, embora possa haver um militarismo ou anti-intelectualismo de classe alta e baixa, os dois lados ainda podem se entender e se identificar, especialmente quando confrontados com o que eles se opõem (criminalidade, uso de drogas, sexualidade desenfreada, leniência com 'marginais', doutrinação esquerdista). O terceiro nível representa as condições afetivas que asseguram a receptividade dessas matrizes em diferentes segmentos sociais, onde as pessoas mais pobres, extremamente sensíveis a flutuações negativas na economia, identificam uma saída no discurso bolsonarista (caracterizado por culpar a esquerda) para a crise.

O quarto nível seria o nível da infraestrutura organizacional, que abarca os influenciadores das redes sociais (Youtube, Twitter, Facebook, Whatsapp) que disseminaram as matrizes discursivas e ideológicas do bolsonarismo e onde estão alocados grande parte dos aparelhos privados de hegemonia da máquina bolsonarista.

¹⁹⁷ CALIL, Gilberto. Pequena burguesia e projeto social. In: SILVA, Carla L.; CALIL, Gilberto G. & KOLING, Paulo J. (orgs.). **Estado e Poder: abordagens e perspectivas**. Cascavel: Edunioeste, 2008, p. 97-98 (Coleção Tempos Históricos, 4).

¹⁹⁸ NUNES, Rodrigo & GAGO, Veronica. “Direitas, Fascismos, Bolsonarismo”. In: **Webinário do Grupo de Pesquisa “Materialismos”**, canal YouTube, Sessão 2, 11 de agosto de 2021. Link: <https://www.youtube.com/watch?v=220s0FPuRRo> Acesso: 10.10. 2022.

Para esta pesquisa, nos aproximamos desse quarto nível, para que possamos entender a atuação desses influenciadores das “novas direitas” dentro dos espaços das mídias sociais, bem como este campo, aproximou as pessoas dos políticos, criando uma dinâmica de interação entre eleitor e candidato. Segundo Abreu e Melo:

A expansiva atuação da nova direita nas redes sociais além de provocar a emergência de líderes extremistas, entre os quais destaca-se o deputado federal Jair Bolsonaro, também propiciou o crescimento de um intenso movimento virtual a favor da redução da maioria penal, contra o estatuto do desarmamento, contra os direitos das minorias sociais, contra as políticas de ação afirmativa e de renda mínima do governo federal, sobretudo, contra o petismo.¹⁹⁹

Essa atuação nas redes sociais da extrema-direita, tanto no Brasil com Jair Bolsonaro, mas também no mundo todo, com Trump nos Estados Unidos, Salvini na Itália e Orban, na Hungria, são exemplos de como esses grupos souberam fazer o uso massivo das mídias/redes sociais para criarem narrativas e disseminarem discursos radicais e reacionários na sociedade, mexendo com o imaginário das pessoas que criavam inimigos inexistentes dentro da sociedade.

Estrategistas políticos, como Steve Bannon nos EUA, Arthur Finkelstein, na Hungria, Olavo de Carvalho e Carlos Bolsonaro no Brasil, captaram que as mídias sociais são hoje um campo fértil para propagação de discursos e cooptação das massas. Estes encarnam a concepção de “engenheiros do caos” já mencionada anteriormente.²⁰⁰

Por último, e não menos importante, entendemos ser necessário diferenciar os adeptos do bolsonarismo e os eleitores de Bolsonaro, ou seja, reconhecer nem todo eleitor de Bolsonaro é bolsonarista. No entanto, é preciso reconhecer também que nada impede que “antigos” eleitores do atual presidente continuem a proliferar discursos misóginos, xenofóbicos e racistas nas redes sociais, especialmente em um contexto crítico das comunicações em que a certos sujeitos em canais do Youtube ou páginas do Facebook, Twitter e Telegram, é cancelada a legitimidade de ser a “voz oficial” da ideologia extremista.

A partir daí podemos compreender a explosão de canais e páginas de extrema direita tratando dos mais variados assuntos dentro das redes sociais, evidenciando como esses

¹⁹⁹ ABREU, J. M., & MELO, D. P. Redes sociais e comportamento político violento: uma síntese das ameaças aos direitos humanos no Brasil. In: **JURIS - Revista da Faculdade de Direito**, 27(2), 2017, pp. 139–154. Acesso em: <https://doi.org/10.14295/juris.v27i2.7103>

²⁰⁰ EMPOLI, op. cit., p. 18.

sujeitos individuais e coletivos se apropriam dos novos espaços midiáticos para se comunicar com o público e disseminar suas ideologias.

Fato é que as relações sociais de produção e reprodução capitalista no século XXI têm sido ligeiramente influenciadas por esses (nem tão) novos espaços: sem abandonar as dimensões das lutas de classes nas ruas ou em programas televisivos, não podemos compreender o que vem a ser as “novas direitas” que ascenderam e se fortaleceram no Brasil e no mundo contemporâneo na última década, e, em particular, o olavismo e o bolsonarismo sem, antes, reconhecer os processos e impactos das transformações ocorridas na mídia hegemônica em suas configurações tecnológicas e políticas representadas pela internet e as redes sociais.

Além disso, não podemos deixar de evidenciar o papel dos chamados “influenciadores digitais” nesse campo, pois como uma atuação semelhante a uma “tropa auxiliar de choque”, esses sujeitos disseminam teorias conspiratórias e discursos reacionários na constante defesa de ideais ultraliberais e reacionários. Formados na escola olavista e tendo entrado, em distintos momentos, para as fileiras do bolsonarismo, eles constituíram-se em legítimos “agentes do caos” – foram os casos de Nando Moura, Artur do Val “MamãeFalei” e Allan dos Santos. Interessam-nos os dois primeiros.

2.2. “Influenciadores digitais” ou “agentes do caos”? trajetórias, perspectivas e teia de relações de dois representantes das “novas direitas” nas redes

Conforme discorreremos até aqui, a sociedade capitalista contemporânea vive altamente conectada as mídias digitais, na qual a expressão “online” já não mais se dissocia do que chamamos de “real”.

O espaço virtual representado por mídias sociais e plataformas digitais tornou-se um campo privilegiado no qual estão inseridos o que tem sido denominado de “influenciadores digitais” ou *influencers*²⁰¹. Trata-se, segundo esta terminologia, de sujeitos (individuais ou coletivos) que produzem e/ou difundem conteúdos cujo objetivo tem sido o de buscar - como o próprio nome aponta - influenciar comportamentos e ações dentro e fora das redes sociais. No entanto, entendemos que estes sujeitos e o lócus por onde agem, permite irem além de meramente “influenciar”.

²⁰¹ PEDRI, D.; GOMEZ, T.; CEMBRANEL, P. Influenciadores Digitais e o Poder de Decisão Desempenhado sobre seus Seguidores In: **Revista de Psicologia**, v. 14, p. 151-163, 2020. Link: <https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/view/2779> Acesso: em 29.06.2022.

Antes de mais nada, precisamos ter o entendimento do que significa esse termo influenciador e a sua relação com os sujeitos aqui elencados, entendendo-os como exercem influências em seus seguidores e consumidores de suas produções, especialmente no YouTube.

O termo “influenciador digital” (em inglês *digital influencer*) surge na década de 2010. De acordo com Giles, o termo refere-se a uma pessoa “comum”, cujo seu entorno mais próximo e seus seguidores na internet o reconhecem como uma fonte segura de informações²⁰². No Brasil, esse termo passou a ser utilizado de forma mais comum a partir de 2015, quando ocorreu a entrada de novos aplicativos na esfera de produção de conteúdos que deixavam de se restringir a uma plataforma específica.²⁰³

Segundo Michel Foucault, não se pode falar de qualquer coisa em qualquer época²⁰⁴, partindo dessa afirmação do autor entendemos que não podemos discutir ou tratar de influenciadores digitais, nos moldes atuais em nenhum outro período da história que não seja o nosso e isso significa que é nossa sociedade atual, com todas suas características sociais, econômicas e tecnológicas, que sustenta a eclosão desses novos profissionais.²⁰⁵

Temos visto nos últimos anos a facilitação da visibilidade midiática de pessoas anônimas não ligadas a grandes conglomerados de mídia tradicional, debatendo e influenciando pessoas comuns com seus discursos e produções,

De um lado, temos um cenário que facilita a participação dos sujeitos. Um cenário marcado pelo “[...] choque da inclusão de amadores como produtores, em que não precisamos mais pedir ajuda ou permissão a profissionais para dizer as coisas em público” (Shirky, 2011, p. 50). De outro lado, estamos em uma sociedade em que a imagem de si é cada vez mais valorizada. O fazer ver (Debord, 1997) é intensificado com a possibilidade de ver e ser visto em espaços e tempos diferentes (Thompson, 2008). Portanto, participar está diretamente relacionado a mostrar-se, implodir a dicotomia entre o público e o privado (Karahawi, 2015). Sumariamente, esse é o cenário que ampara a emergência de novos perfis profissionais como o de blogueiro e, mais tardiamente, o de influenciador digital.²⁰⁶

²⁰² PRIMO, Alê; MATOS, Ludimila; MONTEIRO, M. C. **Dimensões para o estudo dos influenciadores digitais**. Salvador: EDUFBA, 2021. v. 1.

²⁰³ KARHAWI, Issaaf. Influenciadores digitais: conceitos e práticas em discussão. In: **Comunicare**, Edição especial de 70 anos da Faculdade Cásper Líbero, São Paulo, v. 17, p. 47-61, 2017. p. 53. Link: <https://www.researchgate.net/publication/341983923> Acesso: 14.07.2022.

²⁰⁴ FOUCAULT, Michel. 7.ed. **A arqueologia do saber**/Michel Foucault; tradução de Luiz Felipe Baeta Neves, -7ed. - Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008. p. 50.

²⁰⁵ KARHAWI, Op. Cit., p. 48.

²⁰⁶ Idem.

Por outro lado, não podemos entender a participação ativa destes “amadores como produtores” (blogueiros, influenciadores) em espaços tecnológicos apenas como resultado de discursos e práticas do “ver e ser visto em espaços e tempos diferentes” ou de “implodir a dicotomia entre o público e o privado”.

Não é possível refletir este problema sem que façamos uma articulação dialética com as relações de produção e reprodução do capital, em seu processo de financeirização e expansão imperialista dos mercados²⁰⁷ (o que inclui o papel das tecnologias de comunicação e informação), posto que viabiliza tanto o funcionamento da “sociedade em redes”, quanto a eclosão destes “profissionais do mundo digital”.

Foi esse processo de crescimento e expansão das tecnologias da informação e comunicação que serviram de fulcro para a proliferação e ascensão de atores, tanto individuais como coletivos da extrema direita no âmbito das mídias sociais. As plataformas digitais foram se popularizando conforme a internet se massificava, em consequente elas passaram a ter uma maior importância por parte do sistema capitalista visto que ela proporcionou a mobilidade de capitais entre distintas partes do mundo.²⁰⁸

Ao fim e ao cabo, o que temos é um tipo de retroalimentação entre essas plataformas digitais e mídias sociais e os interesses de megacorporações empresarial-financeiras, na medida em que para “viver em rede”, as pessoas precisam constantemente disponibilizar seus dados pessoais para conseguirem fazer parte desse mundo, ou seja, as *big techs* exploram os dados daqueles que acessam seus serviços, em troca de propiciar percepções e conteúdos que eles desejam, fazendo com que seja possível que o público-alvo de cada conteúdo ali compartilhado seja atingido. Foi o que a psicóloga americana Shoshana Zuboff intitulou de “capitalismo de vigilância”.²⁰⁹

A distribuição de narrativas que antes eram restritas a um oligopólio midiático pertencente a setores da mídia tradicional pré-internet, figuradas por pessoas-chaves, ou que precisavam do crivo de um corpo editorial passaram a dividir o “espaço da informação” com essas novas plataformas digitais e os atores que nela surgiam, os que aqui chamamos anteriormente de “profissionais das mídias digitais”.

²⁰⁷ MARTINS, Op. Cit., p. 43.

²⁰⁸ Ibid., p. 44.

²⁰⁹ No capitalismo de vigilância, as Big Techs usam tecnologias da informação e comunicação (TIC) para expropriar a experiência humana, que se torna matéria-prima processada e mercantilizada como dados comportamentais. O usuário cede gratuitamente as suas informações ao concordar com termos de uso, utilizar serviços gratuitos ou, simplesmente, circular em espaços onde as máquinas estão presentes.

A respeito disso, cabe ressaltar que esses espaços, careciam de uma legislação ou aplicação da lei em meados do final da primeira década de 2010, como afirma Silveira:

Um grande mercado de dados e uma microeconomia da interceptação de informações pessoais se fortaleceu a partir do final da primeira década do século XXI (SILVEIRA, 2017). A limitação desse mercado só pode ser dada pela legislação de proteção de dados pessoais e pelo direito a privacidade. Todavia as corporações que operam essa economia atuam nos vazios legais e nas fragilidades das leis e dos órgãos de execução.²¹⁰

Amparados nessas lacunas da legislação e da dificuldade na aplicação das leis, a extrema direita driblou os limites impostos e entendeu que dentro dessas plataformas digitais encontrava-se o manancial que possibilitaria a emergência e o fortalecimento de seus “agentes do caos”, pautados em uma agenda reacionária que buscava na sociedade alimentar a discórdia, o medo, o preconceito, o insulto, a polemica de raça ou gênero, proporcionando um engajamento que pretendia superar os debates considerados enfadonhos da “velha política”.²¹¹

Dentre estes agentes, deparamo-nos com dois sujeitos-chave no contexto histórico do Brasil recente que, através dos seus discursos enunciados em seus próprios canais no Youtube ou em publicações pela internet serviram de esteio para pensar criticamente as questões postas anteriormente: estamos nos referindo a Arthur do Val e Nando Moura, representantes de uma juventude das “novas direitas” no Brasil recente.

A razão da escolha destes dois nomes parte do princípio de que eles foram (e são) sujeitos que participaram (e ainda participam) ativamente, nesta última década, da ascensão e de grupos e movimentos de extrema-direita, na disseminação de *fake news* e na replicação de valores reacionários e ultraliberais na internet e redes sociais.

Discípulos mais ou menos tácitos de Olavo de Carvalho (embora tenham externado rompimento), eles compartilham das mesmas teorias conspiratórias difundidas pelo “guru” e suas posições contra o “globalismo” e a “hegemonia cultural da esquerda”. Em nosso entendimento, dita participação carrega um modo específico de atuação ideológica. Apropriando-nos das reflexões de João Cezar de Castro Rocha, podemos afirmar que

²¹⁰ SILVEIRA, Sérgio Amadeu. A noção de modulação e os sistemas algorítmicos. In: Joyce Souza; Rodolfo Avelino; Sérgio Amadeu da Silveira. (Org.). **A sociedade de controle**. Manipulação e modulação nas redes digitais. São Paulo: Hedra, 2018, v. 1, p. 34 (p. 31-46).

²¹¹ DA EMPOLI, op. Cit., p. 88.

Moura e do Val – mas não apenas eles – agiram, entre 2014 e 2018, na função de agentes do caos.

Num contexto de “tomada de assalto” das mídias e redes por movimentos e grupos de extrema-direita – reunidos em torno do “bolsolavismo” – uma das táticas ostensivas na “mídiosfera” digital consistiu, após as jornadas de 2013 e o início da crise do governo Dilma, em arregimentar e “dar voz” a sujeitos geradores de um constante “caos” com o objetivo deliberado de confundir *rumor* e *fato* e liquefazer o debate público.

Para entender inicialmente a discussão, basta que vejamos a figura 3²¹² em que podemos visualizar as “tendências de pesquisa” (visualização, engajamento) dos canais “Nando Moura” e “MamaeFalei”. Nela, o primeiro começa a crescer em número de pesquisas a partir de agosto de 2014 no buscador da Google e na plataforma do Youtube. Já o canal do segundo emerge em abril de 2016, um ano depois da criação de seu canal no YouTube.

A partir de novembro de 2015, é possível identificar um pico de interesse e engajamento no canal de Nando Moura (azul), período que coincide com o processo de impeachment da presidenta Dilma Rousseff e o Golpe de 2016, mas com significativa queda (2017) alternada com um pequeno pico em 2018. Por sua vez, o pico de interesse e engajamento no canal de Arthur do Val (vermelho) mantêm-se relativamente baixo até o ano de 2015, até que, a partir do Golpe de 2016 vê crescer o número de visualizações e compartilhamentos, tendo uma forte elevação em 2018, justamente em um período de contrarreformas, ataques a direitos sociais e aprofundamento da crise no país.

²¹² Informações do próprio site <https://www.trends.google.com.br>, relatam que esses gráficos representam o interesse de pesquisa relativo ao ponto mais alto no gráfico de uma determinada região em um dado período. Um valor de 100 representa o pico de popularidade de um termo. Um valor de 50 significa que o termo teve metade da popularidade. Uma pontuação de 0 significa que não havia dados suficientes sobre o termo.

Figura 3 - Termo de pesquisa dos canais "Nando Moura" e "MamaeFalei" na plataforma Google Trends – pesquisas no YouTube (jun.2013-jan.2019)



Fonte: trends.google.com

Além disso, aderentes aos “ensinamentos” anticomunistas, antimarxistas e reacionários de Olavo de Carvalho, Moura e do Val incorporaram e disseminaram discursos tanto de teor conspiratório, baseados numa suposta luta contra o “gramscismo” e a “hegemonia cultural da esquerda”, quanto de certo alinhamento com teses de setores empresariais ligados ao capital financeiro e à corrosão de direitos sociais – o que os aproximaria, em 2016, do círculo de Jair Bolsonaro.

Um parêntesis. Expusemos brevemente sobre a funcionalidade dos agentes na parte introdutória da dissertação, quando nos referimos às noções de “caos cognitivo” e “analfabetismo ideológico” propostos por João Cezar Castro Rocha para analisar a capilaridade nas redes sociais do que chama de “sistema de crenças” Olavo de Carvalho.

Queremos reforçar, em diálogo com este autor, que tais sujeitos e o que eles enunciaram nas redes no período aludido não podem ser ignorados ou subestimados e que suas atuações vão além do rótulo de “youtubers” ou de “influenciadores digitais”. Se não os consideramos “intelectuais orgânicos”, tampouco deixamos de ver neles sujeitos que, tendo certa formação intelectual, foram educados por correntes doutrinárias (imantadas na figura de Olavo) que objetivavam disseminar a retórica do ódio, a provocação verborrágica e a derrisão da política.

Visto como “influenciador” e tendo sido deputado estadual por São Paulo entre 2019 e 2022, Arthur Moledo do Val, também conhecido como “mamaefalei”, atualmente com 36 anos, nasceu em São Paulo, capital, em 1986.

Seu pai, Manoel Costa do Val Filho, é um empresário do ramo de resíduos e sucatas, possuindo uma empresa, a “Imperial Produtos Siderúrgicos LTDA”²¹³ - o que já demonstra que Artur detinha boa condição financeira antes de se aventurar pelas redes. No entanto, é no liame entre as ruas e as redes que encontraremos a sua emergência como um “agente do caos”.

Em entrevista recente ao podcast “Podihhcast”, Arthur do Val explicara como surgiu a ideia do nome de seu canal e como esse processo de produzir conteúdo nas plataformas digitais iniciou.²¹⁴ No vídeo, disponível no YouTube, “mamaefalei” destaca que antes de produzir material audiovisual na plataforma, estudou Engenharia Química, teve postos de combustíveis e estacionamento de carros.

Com o resultado das eleições de 2014 e a vitória do PT e Dilma Rousseff, relata que teria vendido todos os negócios e pensado em sair do país. Contudo, parece que não concretizou qualquer dos objetivos. Pois, é justamente neste contexto – de crise de hegemonia – que ele teve conhecimento de outros sujeitos que estavam começando a atuar na sociedade exigindo o impeachment da presidenta: no podcast, cita o Partido Novo, o MBL e o Vem Pra Rua!. Neste momento, segundo o relato, decide criar o canal intitulado de “mamaefalei”.

Na mesma entrevista, afirma que o pseudônimo “mamaefalei” surgiu em 2015, antes mesmo de criar o canal no Youtube com o mesmo nome, que, atualmente, possui mais de 2,6 milhões de seguidores²¹⁵. No canal, à princípio, utilizava apenas uma câmera, muitas vezes em um cenário simples, com apenas uma parede atrás, dando um tom neutro para o vídeo ou até mesmo andando na rua para tratar sobre temas relacionados a política e a sociedade, principalmente em manifestações de movimentos como o MST, MTST, CUT e outras manifestações da esquerda.

Esse é um ponto importante para entendermos as ascensão desse sujeito nas mídias digitais, pois as primeiras produções audiovisuais de seu canal que fizeram sucesso e obtiveram views eram caracterizados por uma espécie de “cobertura” de manifestações e atos em diferentes pontos do Brasil em que mamaefalei indagava pessoas em atos públicos de diversos eventos organizados pelos movimentos de esquerda ou que

²¹³ Sobre a empresa do pai de Arthur do Val ver o link: <http://cnpj.info/Imperial-Produtos-Siderurgicos-Ltda> Acesso: 30.06.2022

²¹⁴ “Como surgiu o canal ‘MamaeFalei’”. In: **Podihhcast**, 24 de agosto de 2021. Link: <https://www.youtube.com/watch?v=Zic1QJ9klnk> Acesso: 05.05.2023.

²¹⁵ A criação do Canal “mamaefalei” é datada de 25 de maio de 2015. Ver em: <https://www.youtube.com/c/Mamaefalei/about> Acesso: 22.09.2022.

possuíam, em seu vislumbre, alguma ligação com o que as pautas da extrema direita, como a corrupção, a liberdade e o comunismo.

Segundo Do Val, a ideia foi criar um canal com um nome chamativo proveniente do ambiente íntimo, familiar: “quem é a primeira pessoa que você faz uma pergunta chata? Tua mãe”, e assim passou a usar o nome para o canal. Aliás entendemos que esse pseudônimo, é utilizado por do Val como uma referência a sinceridade (falo o que penso), vinculando-a com a transparência de uma criança, pois elas possuem características espontâneas de dizer o que pensam, sem filtros e o próprio *slogan* do seu canal é “vamos questionar tudo”, dando a entender que tudo que sabemos ou que chega até nós através das notícias, não condiz com a realidade.

Seus vídeos ganharam notoriedade rapidamente, fazendo com que em 2016 o Movimento Brasil Livre (MBL) despertasse interesse em sua pessoa e o convidasse para ser um membro do movimento, no qual faz parte até os dias de hoje²¹⁶. Como o próprio do Val relatou, sua relação com o MBL começou após um de seus vídeos “explodir” nas redes no ano de 2016. Nas palavras dele: “o Movimento Brasil Livre (MBL), com quem fiz parceria, me ligou, propondo colocar a logo deles e eles divulgariam”²¹⁷ seus conteúdos. Essa relação com o MBL é um dos pontos-chaves a ser analisado, pois como já discurremos aqui, nosso foco também são as relações e ligações que esses sujeitos possuem com outros APH e atores da extrema direita.

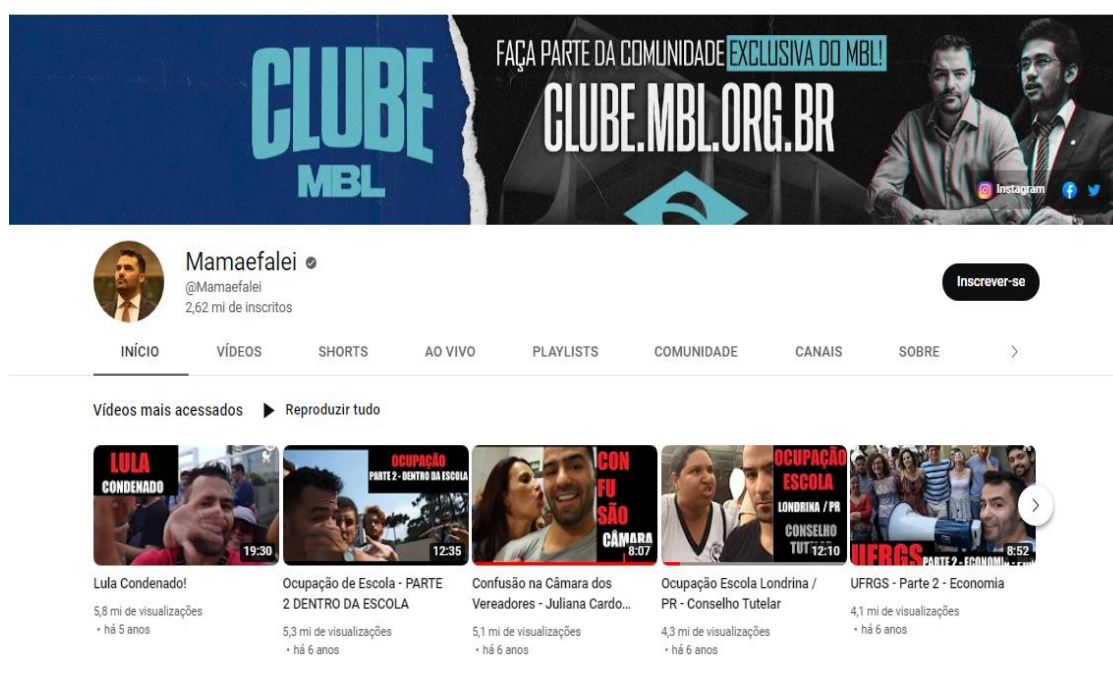
Com um discurso de que estava apenas cobrindo as manifestações, *mamaefalei* ia até essas manifestações com uma câmera em mãos e criava polêmicas ou buscava “inflamar” o ambiente com pautas e ações que no calor do momento causavam revolta nos participantes, exercendo o verdadeiro papel de agente do caos.

Essa revolta, provocada por ele e a fustigante câmera na mão, servia de munição para que editasse as imagens preferidas e taxasse esses movimentos ligados a setores da esquerda como violentos, antidemocráticos e sem diálogo, além de produzir capas sensacionalistas para seus vídeos, como podemos perceber na figura abaixo.

²¹⁶ “Sempre quis ser político e meu plano para 2018 é ser candidato, diz Arthur do Val do canal *mamaefalei*”. In: **Boletim da Liberdade**, 07 de maio de 2017. Link: <https://www.boletimdaliberdade.com.br/2017/05/07/sempre-quis-ser-politico-e-meu-plano-para-2018-e-ser-candidato-diz-arthur-do-val-do-canal-mamae-falei/> Acesso: 18.07.2022.

²¹⁷ Idem.

Figura 4 - Página Inicial Canal Mamãe Falei no YouTube



Fonte: <https://www.youtube.com/@Mamaefalei/featured>

É possível identificar na imagem acima, dois aspectos importantes para a compreender nossa análise. O primeiro é que os vídeos com maior visualização em seu canal possuem um denominador comum, que é o de ir em manifestações de movimentos de esquerda, produzir o caos e a balbúrdia, e o segundo a relação explícita com o Movimento Brasil Livre (MBL), onde do Val faz propaganda do “Clube MBL”, que é uma espécie de comunidade com assinatura mensal dos conteúdos e materiais produzidos pelo grupo, no canto superior da tela inicial do seu canal.

Entender essa relação Mamaefalei/MBL é essencial para compreendermos a atuação e a organização do mesmo enquanto “agente do caos” produtor de conteúdo audiovisual dentro do YouTube, posto que atuou a partir de 2016 na produção e difusão de materiais audiovisuais alinhados com os discursos e a marca MBL. Assim, embora não seja o foco da presente pesquisa, consideramos uma breve biografia do MBL deve ser feita a fim de contextualizar.

O MBL foi criado em 2013, a sua primeira aparição digital, é datada de 17 de junho de 2013, com a criação da página no Facebook. Na esteira do surgimento de diversos outros movimentos que se organizaram nas Jornadas de Junho do mesmo ano, possui forte ligação com uma rede internacional de institutos e *think tanks* de caráter ultraliberal e conservador, como o Atlas Network e a Students For Liberty. Como afirma Colombo:

O MBL surgiu nas bases de uma grande organização transnacional, a Students For Liberty, criada em 2008, pelo presidente da rede Atlas Network, o argentino Alejandro Chafuen, voltada para a formação de líderes estudantis liberais no nível da educação básica e do ensino superior. Sua extensão no Brasil, o Estudantes Pela liberdade, foi criada em 2012. A partir das Jornadas de Junho, fundam o MBL para atuarem nas manifestações como um “movimento”.²¹⁸

Acerca da fundação do MBL, Marina Amaral entrevistou Juliano Torres, fundador e diretor executivo do Estudantes pela Liberdade (EPL), onde este evidenciou que o MBL foi uma marca criada pelo EPL para participar de manifestações políticas, sem envolver e prejudicar as *think tanks* americanas, que são proibidas pela legislação local de fomentar ou participar diretamente de atos políticos:

Quando teve os protestos em 2013 pelo Passe Livre, vários membros do Estudantes pela Liberdade queriam participar, só que, como a gente recebe recursos de organizações como a Atlas e a Students for Liberty, por uma questão de imposto de renda lá, eles não podem desenvolver atividades políticas. Então a gente falou: ‘Os membros do EPL podem participar como pessoas físicas, mas não como organização para evitar problemas. Aí a gente resolveu criar uma marca, não era uma organização, era só uma marca para a gente se vender nas manifestações como Movimento Brasil Livre. Então juntou eu, Fábio [Ostermann], juntou o Felipe França, que é de Recife e São Paulo, mais umas quatro, cinco pessoas, criamos o logo, a campanha de Facebook. E aí acabaram as manifestações, acabou o projeto. E a gente estava procurando alguém para assumir, já tinha mais de 10 mil likes na página, panfletos. E aí a gente encontrou o Kim [Kataguri] e o Renan [Haas], que afinal deram uma guinada incrível no movimento com as passeatas contra a Dilma e coisas do tipo. Inclusive, o Kim é membro da EPL, então ele foi treinado pela EPL também. E boa parte dos organizadores locais são membros do EPL. Eles atuam como integrantes do Movimento Brasil Livre, mas foram treinados pela gente, em cursos de liderança. O Kim, inclusive, vai participar agora de um torneio de pôquer filantrópico que o Students For Liberty organiza em Nova York para arrecadar recursos. Ele vai ser um palestrante.’²¹⁹

Essas declarações nos permitem prescrever a forte relação entre o MBL e esses grupos, bem como perceber que boa parte dos integrantes do MBL, foram formados pelo EPL, mas que ao longo dos anos foram adaptando-se ao “calor” dos anseios da sociedade e aí que entram figuras como Artur do Val.

²¹⁸ COLOMBO, Luiza. **A Frente Liberal-Ultraconservadora no Brasil: reflexões sobre e para além do “movimento”** Escola Sem Partido. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2018.

²¹⁹ AMARAL, Marina. A nova roupa da direita. In: **Agência Pública**. São Paulo, 23 de junho de 2015. Disponível em <<https://apublica.org/2015/06/a-nova-roupa-da-direita/>>. Acesso em 05/05/2023.

Acerca desse caráter transitório das posições do MBL, Gobbi comenta que

O histórico do MBL é de um movimento em rápida transformação. Apesar de sua origem entre os quadros do EPL, o MBL assumiu a missão de massificar o libertarianismo e, para isso, precisou fazer um discurso com uma estética mais popular e não se manifestar sobre diversos assuntos que ferem o senso comum para poder se aproximar das massas, fortalecer o impeachment de Dilma Rousseff e ter viabilidade eleitoral.²²⁰

É a partir disso que nos anos posteriores à sua fundação e, principalmente, após as eleições de 2014 e o conturbado ano de 2015 os integrantes do MBL, acrescido do ingresso de Arthur do Val, viram a possibilidade de crescer enquanto agentes “polemizadores” nas redes, adotando pautas reacionárias, antipetistas e antiesquerda que cresciam como temas da extrema direita no Brasil. Por conseguinte, todas as produções audiovisuais de Do Val, alinharam-se a pautas ultraliberais, conservadoras e antiprogressistas, juntamente com a atuação em rede dele com outros APH e outras organizações das direitas.

A difusão desses ideais não surgiu originalmente no âmbito das redes, mas foi através das plataformas digitais que esses sujeitos encontraram espaços, apoio financeiro e organizacional de uma rede preexistente de organizações, que passaram a se organizar na “sociedade civil”²²¹ e lançar candidaturas políticas, ou seja entendemos que essa “teia” já existia anteriormente, mas foi na internet que eles identificaram a possibilidade de se organizar politicamente. Segundo Camila Rocha:

Tal amálgama foi possível em virtude da união de diferentes grupos que possuíam, e ainda possuem, tensões importantes entre si mas que se unificaram em torno do anti-esquerdismo e do anti-petismo. Apoiados principalmente na popularização das teses defendidas pelo escritor Olavo de Carvalho, a maioria das lideranças, militantes e simpatizantes da nova direita entende que desde a redemocratização e a fundação do Partido dos Trabalhadores, a esquerda, liderada pelo PT, mas que também abrangeria outros partidos como o PSDB, teria voltado seus esforços para a construção de uma hegemonia cultural junto à sociedade civil que lhe possibilitasse conquistar e permanecer no Estado a qualquer custo, daí a soma dos esforços dirigidos a combater o esquerdismo na sociedade civil e o petismo na arena institucional.²²²

²²⁰ SILVA, Danniel Gobbi Fraga da. **Identidade em ambiente virtual**: uma análise da rede estudantes pela liberdade. 2016. Dissertação (Mestrado em Ciências Políticas), Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

²²¹ ROCHA (2018b), Op. Cit. 2019, p. 124.

²²² ROCHA, (2018a), op. Cit., p. 18.

Conforme Camila Rocha, apesar de serem heterogêneos, esses sujeitos e grupos da extrema direita aglutinaram-se em uma agenda reacionária, conservadora-ultraliberal para a difusão de seus ideais e a disputa pela hegemonia; e essa relação talvez tenha sido um dos pontos chave para o sucesso desses sujeitos em legitimar as suas ideias.

Neste sentido, é que pode ser compreendido o crescimento exponencial de engajamento e participação do canal de Artur do Val, em um contexto no qual os principais nomes do MBL, Kim Kataguirí e Fernando Holiday, alçariam carreira na “velha política” sendo eleitos, respectivamente, para os cargos de deputado federal e vereador por São Paulo em 2018. O mesmo ocorreria com Do Val.

Nas eleições de 2018, envolto por um discurso reacionário e bem alinhado ao bolsonarismo, “mamaefalei” foi eleito para a Assembleia Legislativa de São Paulo com mais de 450 mil votos – o segundo deputado estadual mais votado do Estado. Na Assembleia Legislativa paulista, do Val se destacou com projetos contra a população mais pobre, como por exemplo o projeto de lei nº 300/2020, que dispõe do fim da meia entrada para eventos no Estado de São Paulo²²³, e o projeto de matriz liberal, nº 849/2019 que tem o objetivo de limitar a decisão do Estado em políticas econômicas que, segundo a ementa do projeto, garantia “direito” ao livre mercado.²²⁴

Se pensarmos nas características desses dois principais projetos apresentados por mamaefalei, podemos identificar a migração de algumas das pautas que o atravessam, das redes, para as ruas, ou melhor, para o campo político institucionalizado que, ele e outros defensores/as dessas pautas radicais do livre mercado passaram a ocupar pós- eleições de 2018. Não obstante, elas não são exclusivas desses sujeitos, visto que já eram tratadas nas décadas de 1980 e principalmente 1990, quando o Brasil viveu o avanço do projeto neoliberal defendido por vários setores políticos e empresariais da sociedade.

Outro ponto pode ser destacado: a relação de Artur do Val com o olavismo. Em um vídeo publicado em 15 de agosto de 2018 (figura 2), ele fez menção a Olavo de Carvalho, na qual assinalava como o “professor” estava sendo prejudicado pelas grandes plataformas (Facebook, Twitter) que bloquearam suas contas em vésperas de eleição, insinuando que todas as páginas de direita sofreram com bloqueios propositalmente.

²²³ O projeto de lei nº 300/2020 proposto pelo deputado chegou até ser aprovado em plenário, mas foi vetado pelo governador de São Paulo. <https://www.dgabc.com.br/Noticia/3819733/deputado-insiste-no-fim-da-meia-entrada> In: **Diário do Grande ABC**, 02 de dezembro de 2021. Acesso: 23.02.2022.

²²⁴ Projeto de lei nº 849/2019, que regulamenta os artigos 177 a 179 da Constituição do Estado, dispondo sobre liberdade econômica e garantia de livre mercado. In: **Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo**, 06 de agosto de 2019. Link: <https://www.al.sp.gov.br/propositura/?id=1000278284> Acesso: 04/11/2021.



Figura 5 – Em vídeo postado em sua plataforma no Youtube, podemos ver a interação desses dois influenciadores, Arthur do Val e Nando Moura em torno da figura de Olavo de Carvalho.²²⁵

Um elemento neste vídeo que nos chama a atenção é a presença do comentário de Nando Moura, o próximo “influenciador digital” que vamos apresentar aqui. Podemos identificar nessa imagem a aproximação intelectual desses sujeitos com Olavo de Carvalho, como eles se associam na defesa do “guru” e ainda são – mesmo que neguem – “olavistas”.

Se voltarmos um ano antes, teremos uma visão um pouco mais nítida desta associação entre Arthur, MBL e olavismo. Numa entrevista concedida em maio de 2017 para o “Boletim da Liberdade” – uma espécie de órgão midiático oficial na internet do “Fórum da Liberdade” – Artur do Val tratava de sua trajetória, inspirações, supostas perseguições e projetos futuros.

A frase de entrada da entrevista com o influenciador já exibía um tom belicista e polarizador característicos da ofensiva olavista – embora houvesse uma supervalorização do conteúdo no Boletim com o objetivo de impulsionar a página: “*‘Ou é guerra, ou é a política’, diz Arthur do Val, do ‘Mamãe Falei’, ao defender que liberais lutem na política*”.²²⁶

²²⁵ Imagem extraída do vídeo “Olavo de Carvalho – Recado”, onde em aproximadamente 13 minutos e meio, Arthur do Val faz a defesa de Olavo de Carvalho. Link: <https://www.youtube.com/watch?v=cMVGfuC49qY> Acesso: 06.11.2022.

²²⁶ Além de apresentá-lo nos primeiros parágrafos como um “homem de coragem” na luta contra as esquerdas e como tal “atitude” lhe rendera centenas de seguidores: “*Corajoso, Arthur ganhou enorme notoriedade depois que começou justamente a dar as caras nos movimentados protestos e eventos de petistas, psolistas e companhia, com o aparelho de gravação na mão, perguntas simples e disposição para*

Uma passagem importante da entrevista, envolvendo a explosão do seu canal no Youtube, referia-se às aproximações com *think tanks*. Após dizer que “três vídeos bombaram” quando fora para a rua (nas manifestações contra e a favor do impeachment de Dilma), Arthur destacara que “o Instituto Liberal de São Paulo entrou em contato comigo e me chamou para ir à Câmara dos Vereadores, onde haveria uma pauta em discussão sobre o Uber”, seguido pelo “Movimento Brasil Livre (MBL), com que (*sic*) fiz parceria, me ligou, propondo colocar a logo deles (*nos vídeos de Arthur*) e eles divulgariam”, selando seu ingresso no MBL. Acresce-se o fato de que a então conhecida página “Socialista de Iphone” replicara um de seus vídeos.²²⁷

Se o convite do IL-SP, em 2016, para acompanhar discussão na Câmara sobre um projeto de lei do então vereador Police Neto (PSD) que buscava regulamentar o uso do aplicativo “Uber” na capital paulista – gerador de disputas entre a Prefeitura de São Paulo, administrada por Fernando Haddad (PT), a bancada parlamentar empresarial e os sindicatos dos taxistas²²⁸ – traz indícios da frente liberal-ultraconservadora²²⁹ em combater possíveis ingerências do poder público, não menos significativa era a sua percepção do significado do “humor” e seu “uso” político – atravessada pelo discurso olavista de mesclar ausência deliberada de fundamentação, caos cognitivo, desqualificação pública e defesa irrestrita de “liberdades”:

O humor é maravilhoso em qualquer discurso – **seja liberal, de esquerda ou de extrema direita, o que for**. Sou totalmente contra o discurso do politicamente correto. **Expor alguém ao ridículo é a melhor maneira de abraçar as pessoas para dentro da sua ideia**. Deixo inclusive aqui meus parabéns a uma página que vem fazendo isso muito bem, a Corrupção Brasileira Memes. Eles zoam todo mundo igualmente, **mas se fossem tendenciosos como alguns acusam, também não veria problema nenhum. Acusam-me de ser parcial, e**

simplesmente deixá-los falar – e muitas vezes demonstrando que os manifestantes não faziam a menor ideia do que estavam fazendo ou defendendo. Já são mais de 540 mil inscritos no canal, com 32 milhões de visualizações em 170 vídeos já publicados, a maioria superando as 100 mil visualizações, algumas batendo a marca das 700 mil”. In: **Boletim da Liberdade**, op cit.

²²⁷ Idem.

²²⁸ “Prefeitura articula com Câmara dos Vereadores para regularizar Uber”. In: **G1**, 08 de abril de 2016. Link: <https://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2016/04/prefeitura-articula-com-camara-dos-veredores-para-regularizar-uber.html> Acesso: 15.09.2022.

²²⁹ De acordo com Colombo, a frente liberal ultraconservadora tem como fundamentos ideológicos de sua agenda a predominância do indivíduo sobre o Estado; a liberdade absoluta do mercado e a defesa irrestrita da propriedade privada. COLOMBO, op. Cit., p. 22. Estas são características, por sinal, que veremos definida em outras chaves interpretativas, como a que enxerga nestes fundamentos a presença do “anarcocapitalismo” de Mises e Rothbard ou, numa teoria geral de análise da doutrina liberal, procuram categorizar como “ultraliberalismo”. Trataremos um pouco disto no cap. 3, quando analisarmos uma das pautas principais da agenda das “novas direitas” ao qual Nando Moura e Arthur do Val estão inseridos.

eu sou mesmo. Sou tendencioso mesmo. Defendo as liberdades.
(grifos nossos) ²³⁰

E encerrava a entrevista falando sobre o título da chamada do Boletim, com uma resposta um tanto contraditória, se pensarmos na frase de efeito da chamada e na afirmação anterior. Ao contrário de lançar-se como “antissistema” ou um defensor acerbo da “guerra cultural”²³¹, Arthur projetava sua trajetória pessoal em direção à carreira política em 2018, antecipando o fisiologismo e a relação com a “velha política” assumida por ele e outros integrantes do MBL:

Meu plano é em 2018 ser candidato a deputado estadual, ingressar na política e fazer a diferença para mudar o Brasil. Quero me candidatar já, e o Kim [Katagui, coordenador do MBL] também, para deputado federal. A ideia é que pretendemos emplacar representantes de nossas ideias em todas as esferas. Emplacar deputados estaduais, gostaríamos de apoiar ao menos um governador com ideias liberais, um senador e quem sabe, um candidato a presidente, dando exemplo para todo o país em todas as esferas. Para nossas ideias triunfarem, só existem duas alternativas: ou é guerra, ou é a política, para colocar em prática. Então, vamos à política! (grifos nossos)

Como, porém, atingir objetivamente esse plano?

No quadro abaixo, podemos identificar a “teia” de relações que aproximam Mamaefalei com *think tanks* e outros sujeitos que atuam de forma semelhante, como afirma Mayara Balestro dos Santos “no sentido de fortalecer as alianças no nível político-tático – com a ideologia na qual representa”. ²³²

²³⁰ BOLETIM DA LIBERDADE, op. Cit.

²³¹ Isto não contradiz a nossa assertiva de que sujeitos como Arthur do Val atuavam como “agentes do caos”, conforme temos ressaltado. Aliás, esse agenciamento – referente de mediação – contempla a produção e a veiculação de uma “memória discursiva”, segundo Eni Orlandi, que em termos ideológicos pode ser operado pelos sujeitos através de distintas (e contraditórias) fontes ou “camadas” de discursos. É o que Eni Orlandi denomina de “interdiscurso”. In: ORLANDI (2013), op. Cit., p. 31-32.

²³² SANTOS, Op. Cit., p. 81.

Figura 6 - Teia de Relações de Mamaefalei com atores coletivos e individuais da Extrema direita. (2014-2018)

Movimento Brasil Livre (MBL)	Movimento que surgiu após as jornadas de junho de 2013, mas que ganhou força em 2014. Possui relação direta com MamaeFalei, onde o mesmo ingressou em 2016 e atua ativamente até os dias atuais.
Instituto Liberal – SP (LIDE)	Instituto Liberal de São Paulo é um think tank fundando em 2014 que difunde valores liberais e ultraliberais. Em nossos registros.
Atlas Network	Talvez o maior dos Think Tanks que tem como objetivo formar e fomentar outras organizações de caráter liberal ao redor do mundo.
Students Of Liberty	Movimento criado em 2008 pelo presidente da Atlas Network Alejandro Chafuen, com intuito de formar líderes estudantis liberais.
Estudante Pelas Liberdade (EPL)	Extensão do movimento SFL no Brasil, criado em 2012 com o mesmo objetivo e posteriormente influencia na fundação do MBL.
Movimento Escola Sem Partido (ESP)	Movimento/projeto estimula a perseguição e a retórica agressiva de alunos e membros da comunidade, ao representar os professores como “doutrinadores” e defender que eles não tenham liberdade de expressão no seu ambiente de trabalho.
Jair Bolsonaro (Bolsonarismo)	Ex presidente da República e principal defensor das pautas extremistas defendida pela extrema direita no Brasil, bem como representante máximo do que veio a ser o bolsonarismo.
Olavo de Carvalho (Olavismo)	Lider e “guru” intelectual das direitas no Brasil, parte da reorganização e atuação desses grupos das direitas, deu-se sob influência de Olavo e do que vem a ser chamado de olavismo.
Nando Moura	Também Youtuber, ascendeu na esteira dos descontentamentos da população de 2014 e 2015, colocando-se contra esquerda e o comunismo, assim como MamaeFalei, foi também um defensor assíduo de Bolsonaro e das ideias de Olavo.
Allan Dos Santos	Jornalista e Blogueiro com atuação nas redes, um dos atuantes mais extremistas e radical, fundou o Terça Livre, onde criou várias teorias conspiratórias e disseminou Fake News.

Fonte: Elaborado pelo próprio autor²³³

²³³ Quadro elaborado através da pesquisa de relações existentes entre Mamaefalei e esses sujeitos. A elaboração seguiu a premissa de identificar aproximações diretas ou indiretas através de quadros organizativos que atravessam o MBL e o próprio do Val.

Na tabela acima, é possível evidenciar de forma objetiva a teia de relações entre Mamaefalei, aparelhos privados de hegemonia burguesa e sujeitos individuais e coletivos representativos da extrema direita no período analisado.

Como podemos ver, o quadro possui nomes elencados em certa ordem que mostram e incidem em Do Val diferentes graus de influência. Os primeiros explicitam as relações orgânicas com sujeitos e aparelhos que formam o modo como agencia ideologicamente seus discursos pelas redes. No entanto, nem sempre existe uma conexão direta entre eles. Os nomes que vêm a seguir permitem mostrar as relações indiretas, porém sintomáticas, com movimentos e grupos organizados dentro da sociedade que defendem uma agenda reacionária e ultraliberal, mesmo que possuam alguma heterogeneidade programática.

Destaque notório, no primeiro caso, ao Movimento Brasil Livre, da qual é partícipe, porém atravessado pelas influências de Olavo de Carvalho e Jair Bolsonaro e sua pertença – ainda que negada – às hostes olavistas e bolsonaristas entre os anos de 2014 e 2018. Não menos importante a sua ligação – via MBL – junto a *think tanks* como o Instituto Liberal de São Paulo e com organizações empresariais com poderio político-econômico no Estado de São Paulo e do país, caso do “Grupo de Líderes Empresariais” (LIDE), criado em 2003 pelo empresário e ex-governador de São Paulo, João Dória.²³⁴

No segundo caso, temos *think tanks* nacionais e internacionais – como “Students for Liberty” e sua filial brasileira, “Estudantes pela Liberdade”, laboratório do MBL – ambas financiadas pela poderosa “Atlas Network”, que acabam por conectar-se, de modo indireto, a Artur do Val (pois este não é um membro originário do movimento). Apesar de serem representados como círculos menores da teia de mamãefalei, se vistos da lente da atuação do MBL entre 2014 e 2018 ganham um expressivo peso no plano tático.

O mesmo pode ser dito sobre o Movimento “Escola sem Partido” (MESP): embora nunca tenha assumido a posição de pertença ou militância junto ao MESP, uma parte dos vídeos postados no canal de Artur no Youtube alinha-se à pauta daquele movimento, como a veiculação de uma ilusória educação “apartidária”, a suposta doutrinação “comunista” dos professores e a defesa de práticas coercitivas.

²³⁴ Segundo Flávio Casimiro, o LIDE foi criado com o objetivo de “[...] representar os interesses mais específicos das frações mais abastadas da classe dominante no país [...] A partir de uma organização estrutural internacionalizada, o LIDE tem como objetivo a reformulação do Estado com vistas a viabilizar o aprofundamento da ‘economia de mercado’ e da internacionalização dessa fração da burguesia brasileira”. In: CASIMIRO (2018), op. Cit., p. 206-207.

Vale destacar ainda que, em 2016, no contexto das ocupações escolares por estudantes secundaristas contra o sucateamento da educação pública e a contrarreforma do ensino médio no Paraná, integrantes do MBL estiveram nas ruas e nas redes atuando na desmobilização e desqualificação da luta dos estudantes em defesa da escola pública laica e democrática²³⁵. Ações de cunho reacionário que retroalimentavam as ofensivas do MESP na internet, na Câmara Federal e em Assembleias Legislativas.²³⁶

O segundo agente do caos em nossa análise, Nando Moura, possui uma trajetória de interação e, posterior, atuação ideológica nas redes anterior a de Artur do Val. Moura é caracterizado como “influenciador digital” e, sem que o negue, identificado com um público jovem das direitas contemporâneas. Entre os anos de 2014 a 2018, Nando Moura pendulou entre a formação olavista e uma nítida aproximação ideológica com o bolsonarismo, até romper formalmente após a vitória de Jair Bolsonaro.

Filho de Antônio Luiz Cagnin – professor da escola de artes e cinema da Universidade de São Paulo (USP), Luiz Fernando de Moura Cagnin nasceu em São Paulo em 1984. Apresenta-se nas redes como guitarrista, produtor musical, músico de uma banda de heavy metal e professor particular de música.

Sobre este último, apesar de veicular a profissão de professor particular e dizer que a sua renda provém das aulas ministradas para crianças e jovens, é possível detectar que Nando Moura possui outras fontes de renda, da qual ele não costuma enfatizar em suas redes. Pois, além de auferir recursos com a monetização de seus vídeos no canal do YouTube, possui uma livraria virtual – a “Livraria Nando Moura” – que, dentre as obras vendidas, comercializa o próprio livro “Mestres do Capitalismo” e cursos online como “Mestres do Capitalismo” (homônimo do livro) e o “Master Class Nando Moura”. Sobre o primeiro curso online, falaremos mais à frente.

Em pesquisa pela plataforma digital, descobrimos que Moura criou o seu canal no Youtube em 11 de setembro de 2011²³⁷. Seu primeiro vídeo, porém, foi postado em 08 de dezembro do mesmo ano: nele, aparece (em tese) fazendo um solo de guitarra. Intitulado “Nando Moura - Improviso - Pandora101”, o vídeo tem até hoje pouco mais de 90 mil

²³⁵ Exemplos: “MBL monta contraofensiva para desocupar escolas no Paraná”. In: **El País** – Brasil, 31 de outubro de 2016. Link: https://brasil.elpais.com/brasil/2016/10/29/politica/1477698231_566717.html Acesso: 25.04.2021; “Aliado de Temer, MBL tenta desarticular ocupações escolares no Paraná”. In: **Carta Capital**, 28 de outubro de 2016. Link: <https://www.cartacapital.com.br/politica/aliado-de-temer-mbl-tenta-desarticular-ocupacoes-escolares-no-parana/> Acesso: 26.04.2021.

²³⁶ PAIVA, op. Cit., p. 228 e segs.

²³⁷ Canal Nando Moura. Link: <https://www.youtube.com/user/MrNandomoura101/about> Acesso: 14.08.2022.

visualizações. O canal, que leva o seu próprio nome, possui mais de 3 milhões de inscritos.²³⁸

Ao analisar o seu canal, percebemos que ele iniciou sua trajetória no YouTube publicando vídeos de solos de guitarra e de sua banda, a Pandora101 e que os primeiros anos de seu canal foram exclusivamente relacionados à sua formação musical, onde predominavam postagens de solos de guitarra e violão, covers de bandas de heavy metal e comentários sobre o mundo do rock.²³⁹

Todavia, nota-se uma mudança significativa entre o final de 2014 e início de 2015, quatro anos após a criação do canal. É possível identificar uma espécie de “virada radical” na produção e nas pautas de seus materiais audiovisuais, bem como uma reconfiguração da estética do seu canal. Em um vídeo publicado em janeiro daquele ano – e que não encontra-se mais disponível na plataforma digital – intitulado “A posse da marmota”, Nando criticava duramente a posse da candidata recém eleita à Presidência da República, Dilma Rousseff, bem como seu antecessor, Luís Inácio Lula da Silva.

Não temos mais acesso ao conteúdo. Porém, se pensarmos no contexto histórico da postagem do vídeo, não vemos dificuldade em reconhecer as referências ao pleito eleitoral de 2014 (suspeita de fraude nas urnas, possível apoio ao candidato do PSDB, Aécio Neves) e à um insuspeito rancor de classe média dirigido aos governos petistas (queda de popularidade de Dilma, acusações de corrupção, crise econômica).

Portanto, é a contar do segundo mandato de Dilma Rousseff que podemos evidenciar sua guinada ideológica à direita, representada pela substituição gradativa de vídeos sobre bandas e tutoriais de música – exceção feita à ridicularização de certos estilos musicais, como o funk e o sertanejo universitário – pela produção diária de outros tipos de vídeos, a partir de então contendo pautas voltadas às críticas constantes ao Partido dos Trabalhadores e à implantação do “comunismo” no Brasil.

Alicerçado em teorias conspiratórias, Nando Moura pautava os seus conteúdos em tom raivoso, quase sempre gravados em um cenário simples de sua casa, um quarto ou escritório, contendo apenas computador, câmera e cadeira e sem uso de “cromaqui” ou outro recurso visual como plano de fundo.²⁴⁰

²³⁸ “Nando Moura - Improviso - Pandora101”. In: **Canal Nando Moura**, 08 de dezembro de 2011. Link: <https://www.youtube.com/watch?v=cuajxmT8xoA> Acesso: 30.11.2021

²³⁹ Podemos visualizar a atuação inicial de Nando Moura nas redes sociais em um vídeo publicado por ele em 22 de dezembro de 2011. Até o tom de fala difere de seus vídeos pós-2014. Link: <https://www.youtube.com/watch?v=b2TaQ4tgJXk&t=67s> Acesso: 07.05.2022.

²⁴⁰ “Quem é Nando Moura?” In: **Canal Meteoro Brasil** – YouTube, 22 de dezembro de 2018. Link: <https://www.youtube.com/watch?v=qaKcoHSy910> Acesso: 21.05.2022.

Seguindo um *modus operandi* semelhante a Artur do Val, Nando Moura percebeu que vídeos sobre esses temas possuíam um grande fluxo de visualizações e um aumento expressivo de seguidores. Como resposta, passou a produzir materiais audiovisuais que eram postados diariamente no YouTube portadores de um discurso marcado pela revolta e o ódio contra o “status quo” e, principalmente, direcionado ao que identificava como os inimigos a combater: a “esquerda” e o “comunismo” (reduzindo-os à ótica do PT).

Diferente de Artur do Val, Nando Moura não foi atraído pelo olavismo, mas tornou-se uma espécie de discípulo nato do “guru” nas redes. É isto, em boa parte, que explica a sua guinada extrema à direita a partir de 2015 – e não exclusivamente um mero sentimento antipetista ou anti-esquerda. Não apenas seguia os “ensinamentos” de Olavo, como, em pouco tempo, tornou-se um revendedor das obras do ideólogo e “correia de transmissão” do olavismo em seu canal do YouTube.

Em seus vídeos, era possível notar a enunciação de discursos atravessados pela retórica do ódio de Olavo de Carvalho baseada não apenas na opressão do “marxismo cultural” e na suposta implantação do “comunismo” pelo PT, como também o desprezo pelo conhecimento científico produzido nas universidades e pelos professores “doutrinadores”. Não menos importante, a presença de temas defendidos pela esquerda como feminismo, gênero, socialismo, nazismo, ditadura, comentados sem fundamento científico, quase sempre abordados através de um comportamento histriônico e agressivo diante da câmera – numa espécie de “mimese virtual” de Olavo de Carvalho. Tais ações o tornaram uma “celebridade” nas redes.

É o que vemos numa matéria (hoje apenas disponível em formato HTML) feita pelo site “Vice Media Brasil” – uma filial da empresa norte-americana do ramo digital “Vice Media Group”²⁴¹ – em 02 de maio de 2016, na qual Moura conversara por telefone com o jornalista João Paulo Vicente. Nas palavras do jornalista:

Metaleiro de cabelão e fã de cultura pop, **o próprio Nando seria a encarnação do mal em décadas passadas**. A literatura impura dos gibis nos anos 50 e 60, o exagero do rock nos anos 70, o demoníaco RPG nos 80, **os videogames que transformariam todas as crianças dos 90 em assassinos em potencial** — os ingredientes contraculturais se somam, mas **resultam num cara que grita a todo pulmão** contra mudanças sociais e culturais. Criado há cerca de quatro anos, o canal de Youtube de Nando surgiu com postagens pontuais sobre sua banda, Pandora 101, **mas houve uma guinada no final de 2014 para uma**

²⁴¹ VICE MEDIA GROUP. Link: <https://www.vicemediagroup.com/> Acesso: 05.02.2023.

plataforma na qual usa um misto de lógica e agressão adolescente para defender essa agenda conservadora. (grifos nossos) ²⁴²

Título da matéria: “*Nando Moura, o metalheiro que ninguém conhecia, exceto milhões*”. E, na parte inferior, o foco principal: “*Ele não gosta da pecha de ‘youtuber’, se define como professor de violão, headbanger, conservador liberal e explicou por que, entre outros vídeos, postou ‘A PUTA VERMELHA CAIU #TCHAUQUERIDA’*” ²⁴³

Para além do evidente teor sensacionalista e impulsionador do site, o subtítulo portava elementos simbólicos de forte significação político-ideológica do contexto histórico em que a conversa telefônica ocorrera e a matéria fora publicada: no dia 17 de abril daquele ano, a Câmara Federal aprovara com 367 favoráveis de deputados, 137 contrários e 7 abstenções, o processo de impeachment de Dilma Rousseff e autorizava o Senado a julgar a então presidenta por “crime de responsabilidade” ²⁴⁴. Mas, mesmo antes do processo em andamento do impeachment, Dilma sofreria ataques ostensivos, de nítido cariz misógino, em páginas e redes de direita e extrema direita.

Nesta conversa, destacaram-se várias asserções reveladoras da formação e das posturas de Nando Moura nas redes – apesar de negar a “*pecha de youtuber*”. Uma delas, de que a “mídia” distorcia “absolutamente tudo” que ele e Bolsonaro diziam. Outra, que entre as suas leituras de cabeceira, constavam as presenças de “*Platão, Aristóteles, São Tomé (sic) Tomás de Aquino, Santo Agostino, Olavo de Carvalho e Padre Paulo Ricardo como filósofos que admira*” (ao que parece, influência dos cursos ultraconservadores de Filosofia de Olavo).

Ou na vertente caótica, generalista e fascizante, quando, ao confundir “ódio” com “indignação”, tentava justificar o seu antipetismo, o impeachment de Dilma e a punição máxima existente em certos estados norte-americanos:

Tem que entender a **indignação do povo brasileiro. O ódio do brasileiro é justificado** pela realidade. A Dilma cometeu crime de altíssima traição contra o país, **e se fosse seguir a lei, a pena é a morte**. O ódio dos petistas é diferente, suplanta a realidade e a distorce de forma que só se vê o viés político. (grifos nossos) ²⁴⁵

²⁴² “Nando Moura, o metalheiro que ninguém conhecia, exceto milhões”. In: **Vice Midia Group** - Brasil, 02 de maio de 2016. Conseguimos visualizar somente em HTML, pelo link: [file:///C:/Users/morga/AppData/Local/Microsoft/Windows/INetCache/IE/F4XUS03A/Nando_Moura,_o_metalheiro_que_ningu%C3%A9m_conhecia,_exceto_milh%C3%B5es\[2\].html](file:///C:/Users/morga/AppData/Local/Microsoft/Windows/INetCache/IE/F4XUS03A/Nando_Moura,_o_metalheiro_que_ningu%C3%A9m_conhecia,_exceto_milh%C3%B5es[2].html) Acesso: 23.01.2023

²⁴³ Idem.

²⁴⁴ “Câmara autoriza instauração de processo de impeachment de Dilma com 367 votos a favor e 137 contra”. In: **Agência Câmara de Notícias**, 17 de abril de 2016. Link: <https://www.camara.leg.br/noticias/485947-camara-autoriza-instauracao-de-processo-de-impeachment-de-dilma-com-367-votos-a-favor-e-137-contras/> Acesso: 28.02.2023.

²⁴⁵ Ibid.

Mas é a tentativa de (auto)definir a posição político-ideológica que aprofunda mais o universo formativo de Moura. Para ele, havia uma “má interpretação” do que era “ser de direita”, possivelmente dirigida aos que entendia serem os inimigos a combater, os “petistas”, “esquerdistas” e “gayzistas”.

Com uma nítida pitada *hobbesiana* acerca do direito natural do homem e do Estado (governo) – acrescida de colorações ultraliberais, reacionárias e discriminatórias – Nando Moura partilhava com o jornalista a formação olavista de “agente do caos” cognitivo, informacional e político. Conforme lemos no diálogo abaixo:

[Ser de direita] “É uma posição libertadora, **que liberta o homem do Estado Absoluto. Eu sou conservador liberal.** Conversador na medida que é necessário conservar aquilo de bom que a sociedade conquistou, direito de pluralidade de religiões e ideias, **de empreender sem que o governo taxe uma porrada de impostos**, direito de democracia”. Provoco [Nando] sobre a questão de liberdade e igualdade para homossexuais, ele diz que o quê cada um faz na sua individualidade é problema seu. **“Mas temos que tratar os desiguais como desiguais.** A partir do momento que a força da lei iguala um casal homossexual com um heterossexual, eles têm direito de adotar um filho. **Até que se apresentem estudos irrefutáveis que têm a mesma condição de criar uma criança de uma família hétero, eu me oponho**”. (grifos nossos) ²⁴⁶

Por último: ao término da leitura do texto, percebemos que a dita “explicação” sobre a postagem relativa à Dilma não é publicada. Pelo contrário.

Um dia após a realização da conversa telefônica, havia sido consumado o processo de impeachment da então presidenta. Na ocasião, o jornalista enviou “uma mensagem perguntando a Nando se isso significava vitória”, mas não obtivera resposta. Porém, informava entre parêntesis: “(Momentos após o sim do deputado pernambucano do PSDB Bruno Araújo, que definiu a votação, Nando subiu um vídeo intitulado “A PUTA VERMELHA CAIU #TCHAUQUERIDA”).”. Passa-se então uma semana da conversa entre os dois, e, eis que Nando Moura “respondeu mais rápido que o usual: ‘A vida é uma luta constante. Só existe vitória na morte’” – um adágio que traz referências a certas características fascistas²⁴⁷, possivelmente aprendido com o “guru” Olavo.

²⁴⁶ Ibid.

²⁴⁷ Umberto Eco, por exemplo, elenca 14 características do que denominou de “Ur-Fascismo” ou o “fascismo eterno”. Embora precisemos ter muito cuidado para abordar o conceito de fascismo, o intelectual italiano aponta duas características fascistas que estão no cerne da frase de Nando: “9. *Para o Ur-Fascismo não há luta pela vida, mas antes ‘vida para a luta’ [...] o pacifismo é mau, porque a vida é uma guerra permanente [...] a partir do momento em que os inimigos podem e devem ser derrotados, tem que haver uma batalha final, depois do qual o movimento [fascista] assumirá o controle do mundo [...]*” e “11. *Nesta*

Aliás, o olavismo de Nando chegou a tornar-se tão explícito nas redes da época que ele insistia em assinalar o nome do “guru” como um “grandioso intelectual” de seu tempo, conforme vemos abaixo. Na imagem, é possível observar uma postagem de Nando enaltecendo algumas “obras filosóficas” de Olavo de Carvalho que se apresentavam para ele como as melhores “críticas” ao gramscismo. Tanto que indicava a compra dos livros de Olavo no site de sua própria livraria online.²⁴⁸



Figura 7 – Postagem de Nando Moura divulgando uma obra de Olavo de Carvalho e enaltecendo a crítica a Gramsci.²⁴⁹

Diferentemente das atuações de do Val, que possuem ligação com o MBL, as realizadas por Nando Moura entre os anos de 2014 e 2018 associam-se a outros sujeitos e organizações – não obstante as relações (mais ou menos estreitas) de ambos com o olavismo e o bolsonarismo. Ocorre que tivemos maior dificuldade em construir a teia de relações de Moura (ver adiante), pois os sujeitos e organizações das “novas direitas” no Brasil com quem ele possui certas afinidades e intercâmbios só podem ser verificadas em algumas de suas produções audiovisuais: casos em que ele cita artigos do Instituto Mises

perspectiva, cada um é educado para tornar-se um herói [...] Esse culto do heroísmo é estreitamente ligado ao culto da morte [...] O herói Ur-Fascista espera impientemente pela morte. Note-se, porém, que sua impaciência provoca com maior frequência a morte dos outros. In: ECO, Umberto. **O fascismo eterno**. São Paulo: Record, 2018, p. 52-54.

²⁴⁸ É possível identificar em vídeos do período analisado a forte divulgação de uma livraria que Nando possuía on-line onde ele divulgava dizendo que ali estavam os livros que mostrariam o verdadeiro conhecimento. Em um destes vídeos, publicado em julho de 2018 com o título “O que EU estou LENDO”, Nando nomeara os livros (ver texto acima) que estava lendo e informava que a disponibilidade em sua livraria. Link: https://www.youtube.com/watch?v=iGl_hqJ4sPI&t=374s Acesso: 10.05.2022.

²⁴⁹ Conta Nando Moura no Twitter. Link: https://twitter.com/moura_101/status/965983827377184769 Acesso: 23.04.2022.

Brasil, filmes da produtora negacionista Brasil Paralelo ou, ainda, na participação em canais de extrema direita (como o próprio do Arthur do Val).

Um parêntesis. Sobre este último aspecto, tomamos um exemplo nítido. Trata-se de um vídeo que não está mais disponível nas redes²⁵⁰, postado em 29 de outubro de 2016²⁵¹ no então canal “Terça Livre”, criado e comandado por Allan dos Santos – figura carimbada desde os anos de 2014 na difusão das ideias de extrema-direita e de Olavo de Carvalho nas mídias sociais. Com teorias conspiratórias, Santos talvez seja a figura mais fiel ao que intitulamos de olavismo e bolsonarismo, pois segue essas doutrinas até os dias atuais.²⁵²

Nesse vídeo, intitulado “#Debate: Arthur do Val & Nando Moura”, com duração de uma hora e quarenta minutos, os três abordaram diferentes temas como religião e política, aborto como método contraceptivo, liberação de drogas sintéticas e “barrigas de aluguel” para casais homossexuais.

Aparentando mais uma conversa de botequim às altas horas da madrugada do que realmente um “debate” – concepção inexistente na gramática de extrema-direita – Allan dos Santos atua como uma espécie de “moderador olavista”, isto é, tenta mediar a conversa, mas nunca deixa de externar sua verve verborrágica. Um ponto importante deste programa, foi observar uma postura extremamente conservadora de Nando Moura, colocou-se explicitamente contra o aborto, que ele considerara um crime hediondo.

Abaixo, temos a construção da teia de relações de Moura com atores individuais e coletivos das “novas direitas”, com viés ultraconservador e anarcocapitalista de extrema direita. Como dissemos, porém, houve uma dificuldade maior em delinear a teia.

²⁵⁰ Conseguimos assistir ao vídeo antes que fosse retirado, mas não a tempo de baixá-lo para posterior observação e análise.

²⁵¹ O vídeo original postado no dia 29 de outubro de 2016 não está mais disponível, mas é possível acessá-lo com a cópia que fizemos antes da indisponibilidade do mesmo. Link: https://drive.google.com/file/d/1gEi2bwyLf7IQ-WQq5X7DU1TcuhH3Vqo/view?usp=share_link

²⁵² Em meados de 2014, Santos funda o “Terça Livre”, uma mídia que ficou conhecida entre os conservadores reacionários, que tinha como objetivo principal, nas palavras do próprio Allan, “vencer o comunismo” e a “esquerda” no Brasil. Neste mesmo ano, o influenciador faz sua primeira menção a Olavo de Carvalho. Em 2021, uma derrota judicial fez com que o “Terça Livre” tivesse suas contas encerradas pelo YouTube. Apesar do canal possuir mais de 1 milhão de inscritos, a plataforma alegou que os conteúdos postados feriam os termos de serviço e as diretrizes da empresa. “YouTube retira canal ‘Terça Livre’ do ar”. In: **Congresso em Foco** – UOL, 15 de julho de 2021. <https://congressoemfoco.uol.com.br/temas/midia/youtube-retira-canal-do-terca-ivre-do-ar/> Acesso: 12.08.2022.

Figura - 8 Teia de Relações de Nando Moura com atores coletivos e individuais da Extrema direita. (2014-2018)

Olavo de Carvalho	É possível perceber que Olavo foi um dos maiores, se não o maior influenciador sobre a atuação de Nando Moura, evidenciando isso explicitamente em suas produções e atuação nas redes.
Instituto Mises Brasil (IMB)	Think Tank ultraliberal fundado em 2007, que defende o princípio do livre mercado baseado nas teorias de Ludwig Von Mises, Hayek e Murray, entre outros autores liberais e neoliberais.
Jair Bolsonaro	Ex presidente da República e principal defensor das pautas extremistas defendida pela extrema direita no Brasil, bem como representante máximo do que veio a ser o bolsonarismo.
Escola Sem Partido (ESP)	Movimento/projeto estimula a perseguição e a retórica agressiva de alunos e membros da comunidade, ao representar os professores como “doutrinadores” e defender que eles não tenham liberdade de expressão no seu ambiente de trabalho.
Brasil Paralelo	Aparelho de ação ideológica produtor e disseminador de narrativas audiovisuais de viés negacionista e de pautas ultraliberais. Aparece em algumas produções de Nando Moura.
Allan dos Santos	Jornalista e Blogueiro com atuação nas redes, um dos atuantes mais extremistas e radical, fundou o Terça Livre, onde criou várias teorias conspiratórias e disseminou Fake News. Tanto Nando como Do Val possuem ligação direta com Dos Santos.
Bernardo Kuster	Youtuber e influenciador digital que segue a mesma linha de Nando, compartilhando de teorias conspiratórias, anticomunismo e contra a esquerda. Em seu canal, produz vídeos nos mesmos moldes de Nando Moura e Do Val.

Fonte: Elaborado pelo próprio autor

O modo de elaboração do quadro de relações de Moura, seguiu os mesmos parâmetros realizados na de Arthur do Val – delimitado no período de 2014 a 2018. Os nomes foram elencados em ordem similar, conforme o maior ou menor grau de relação desses sujeitos com Nando Moura.

Podemos perceber que o primeiro nome, ou seja, que possui maior grau de relação com Moura, é compreendido pela influência de Olavo de Carvalho, conforme tivemos ocasião de destacar. De maneira semelhante, mas com um ponto de ligação mais distanciado, temos o nome do instituto Mises Brasil e de Jair Bolsonaro. Em termos gerais, esta tabela não difere da de Arthur do Val. Porém, num viés específico, nota-se que em Moura a presença maior da cartilha olavista (com o bolsonarismo sendo um desdobramento demarcado no tempo), enquanto em Do Val essa relação encontra-se paralela ao apoio à Jair Bolsonaro e contato com o bolsonarismo, ainda que, em ambos, o ponto de conexão central seja representado pelo MBL.

Outros nomes aparecem posteriormente na tabela e que também possuem uma relação com Nando Moura, todavia em grau menor, onde ele vai citá-los em algumas de suas produções, como Brasil Paralelo e Bernardo Küster²⁵³ e outros como Arthur do Val e Allan dos Santos, que dentro do período analisado, produziram conteúdos, como debates e conversas entre eles dentro de seus respectivos canais – como no caso do vídeo em que Santos reuniu Do Val e Moura.

Em relação a Bolsonaro, e ao que viria a ser chamado de bolsonarismo, na mesma conversa para o magazine “Vice Mídia Brasil”, o diálogo envolvendo o ex-capitão ganhou a seguinte conotação:

“As pessoas têm mania de distorcer o que eu, o Bolsanaro (*sic*), dizemos, por isso quero ter a entrevista completa”, disse [...] A comparação com o deputado carioca do PSC, **a quem entrevistou no final de fevereiro em um vídeo que beira as 800 mil visualizações, ajuda a entender o posicionamento político de Nando**, apesar de ele ressaltar que não concorda com 100% do discurso do ex-militar. **“Eu prefiro o Ronaldo Caiado (DEM – GO), mas se o Bolsonaro decidiu carregar esse fardo, eu vou votar em quem?”**, questiona. (grifos nossos)²⁵⁴

A entrevista citada por Moura foi veiculada em seu canal em forma de vídeo no dia 26 de fevereiro de 2016, intitulada “*Conversa: Nando Moura e Bolsonaro*”²⁵⁵. Realizada no gabinete do então Deputado Federal Jair Bolsonaro, a produção possui bastante simplicidade, com os dois sentados em um sofá e uma parede branca ao fundo.

²⁵³ Bernardo Küster é um “influenciador digital” e outro “agente do caos” alinhado às teorias de Olavo de Carvalho e defensor de Jair Bolsonaro, possui um canal no YT que leva seu nome, onde ele produz vídeos anti esquerda e com teorias conspiratórias seguindo a linha de Olavo e Nando. Sobre o canal de Küster ver: <https://www.youtube.com/@starkerbar/featured> Acesso: 21.02.2023.

²⁵⁴ Ibid.

²⁵⁵ “Conversa: Nando Moura e Bolsonaro - Parte 1”. In: **Canal Nando Moura**, 26 de fevereiro de 2016. Link: <https://www.youtube.com/watch?v=OQWRWVGv5hY&t=494s> Acesso: 18.01.2023.

Em tom amigável e afetuoso (muito diferente da “retorica do ódio” apresentada em seus vídeos) Nando fez perguntas Bolsonaro em relação a alguns temas que lhe seriam caros em 2016 e, mais ainda, quando tornara-se presidente, como “ideologia de gênero”, demarcação de terras indígenas e a exploração da Amazônia. Vale destacar um certo momento da entrevista, em que Bolsonaro responde a Moura sobre como agiria na área econômica caso “fosse” o Presidente da República, ao dizer “tem que deixar de atrapalhar o empresariado” – referindo-se as intervenções do governo e os excessos de impostos do Estado brasileiro.

Em vários momentos do vídeo, percebemos nas falas de Bolsonaro imaginário de como viria a ser um futuro governo do então deputado, com o mesmo citando a diminuição na demarcação de terras indígenas e a exploração dos recursos naturais desses locais, bem como contra os direitos trabalhistas, em outro trecho da conversa, Bolsonaro reproduz uma conversa que segundo ele estava ouvindo de empresários e que reafirma sua posição: “o que o empresariado tem dito pra mim é o seguinte, Bolsonaro o trabalhador vai ter que decidir, menos direitos e mais empregos ou todos os direitos e desemprego”. Esses são alguns dos pontos importantes que elencamos aqui visto que ao assistir o vídeo de Moura com Bolsonaro, identificamos resquícios da construção do então candidato a presidência, dois anos antes de 2018.

Ao lado da realização desta entrevista, reveladora (ao contrário do afirmado acima) do posicionamento político de Nando Moura no contexto de 2016, vale destacar uma questão em particular.

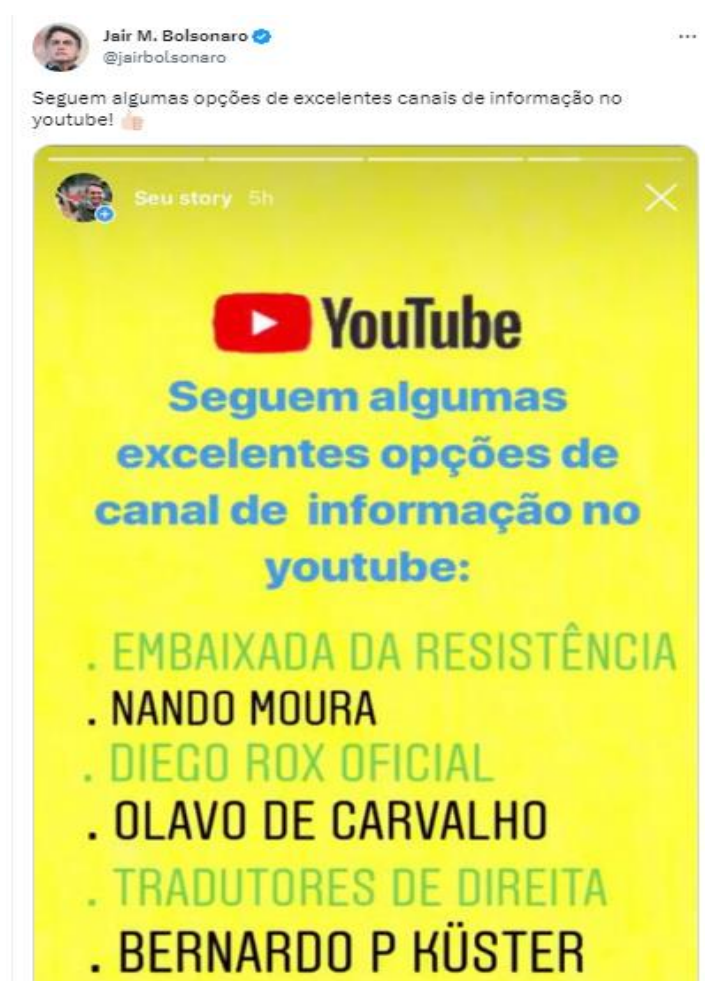
Falamos aqui da intrigante referência comparativa entre Ronaldo Caiado – conhecido latifundiário goiano, líder da reacionária União Democrática Ruralista (UDR)²⁵⁶, deputado e senador federal representante da bancada ruralista no Congresso Nacional – e o então deputado federal Jair Bolsonaro, ao que tudo indica como possíveis nomes cotados à época pelas direitas à Presidência da República (ficamos com esta

²⁵⁶ Segundo René Dreyfuss, a União Democrática Ruralista nasceu em maio de 1985, tendo como figuras de proa os latifundiários Ronaldo Caiado, Altair Veloso e Salvador Sidney Farina. Com o objetivo de “lutar com todas as armas, da intimidação ao poder econômico, não só contra as mudanças políticas e burocráticas em favor da reforma agrária — que as lideranças ruralistas consideravam ‘demagógica, de papel’ — mas também para exigir, o que seria, ‘a verdadeira política agrícola’”. Em meio ao processo de “transição democrática”, formulava críticas ao governo, setores progressistas da Igreja e aos partidos de esquerda, vendo nestes sujeitos coletivos que ensejavam imputar ao Estado (inimigo da “classe produtora”) a reforma agrária. Segundo o então presidente da entidade, Ronaldo Caiado: “isto jamais poderá ser promovido permitindo-se que esta máquina estatal, a pretexto de expansão de seus ônus sociais sonegue ou usurpe liberdades e direitos fundamentais, muito em especial o direito de propriedade”. In: DREYFUSS, René A. **O jogo da direita**. Rio de Janeiro: Vozes, 1989, p. 69-71.

percepção pelo uso que Moura faz da expressão “carregar esse fardo”, no caso de apresentar-se como candidato a presidente).

Ademais, em novembro de 2018 o então presidente eleito Jair Bolsonaro fez uma publicação em sua conta no Twitter, onde recomendava uma lista do que dizia ser “excelentes canais de informação no Youtube”, constando os nomes de Nando Moura, Olavo de Carvalho e Bernardo Küster ²⁵⁷, conforme vemos abaixo.

Figura 9 – Print Screen do tweet de Jair Bolsonaro feito em 2018



Fonte: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1061809199196368896?lang=pt> Acesso em 12/05/2023

²⁵⁷ Importante ressaltarmos que Nando Moura chegou a entrevistar Jair Bolsonaro em duas ocasiões, uma em 2016 e outra em 2018 (pouco antes das eleições). Os dois vídeos feitos com Bolsonaro são respectivamente o segundo e o terceiro vídeo mais vistos do canal de Nando e o produzido em 2018, chegou a ficar em “alta” dentro da plataforma, o que significa grande acesso e visualizações.

Enfim, a razão da escolha de Moura e do Val, dentre outros atores que citamos aqui, parte da assertiva de que, apesar das diferentes trajetórias desde 2014, podemos identificá-los membros diletos das “novas direitas”, de viés de extrema direita, influenciados em maior ou menor grau por Olavo de Carvalho e cuja ascensão coincide com a insurgência do bolsonarismo. Esses “influenciadores digitais”, que preferimos chamar de “agentes do caos”, fizeram dos espaços oferecidos nas redes sociais para difundir e propagar o pensamento ultraconservador, ultraliberal e reacionário.

E, embora seja necessário apontar que, após a vitória eleitoral de Jair Bolsonaro e o início de seu governo em 2019, Arthur do Val e Nando Moura irão romper com o então presidente da República – fazendo certa oposição ao modo “pouco radicalizado” e, atualmente, “corrupto” e “vendido” de Bolsonaro – entendemos que os dois, compõem parte do cerne ideológico do bolsonarismo.

Ao analisar as trajetórias desses sujeitos pelas redes sociais, buscamos identificar suas origens e ascensões, as formas de atuação e as teias de relações dos dois, com envolvimento diferenciado junto a sujeitos e organização ou aparelhos de doutrinação e ação ideológica, como Instituto Liberal, MBL, Mises Brasil e Brasil Paralelo, na difusão de projetos de cariz ultraliberal e ultraconservador.

Por último, precisamos considerar que as atuações reacionárias e de extrema direita de “agentes do caos” pelas redes sociais não podem ser dissociadas da dinâmica da luta de classes que, de modo algum, deve ser fetichizada pela forte presença das tecnologias virtuais em nosso cotidiano. Sem deixar de enfatizar uma certa hegemonia (e o nada desprezível domínio) de atuação político-ideológica da extrema direita nas redes sociais, entendemos também que estas servem como elementos de mediação da realidade concreta determinada pela recente configuração histórica do capital.²⁵⁸

Para que possamos compreender a atuação de Nando Moura e Artur do Val por “dentro” de seus próprios canais no YouTube, vamos analisar no terceiro e último capítulo os discursos presentes em produções de conteúdos audiovisuais de Moura e do Val por meio do elenco de duas pautas da agenda de extrema-direita que ambos propagaram e ajudaram a cimentar entre 2014 e 2018. Para tanto, utilizaremos as contribuições teóricas da Análise do Discurso (AD), especialmente com Eni Orlandi.²⁵⁹

²⁵⁸ FONTES, Virginia. **O Brasil e o capital imperialismo**: teoria e história. Rio de Janeiro: EPSJV/Editora, 2010.

²⁵⁹ Vale dizer, no entanto, que fizemos uso de modo introdutório e limitado, dada as dificuldades de aprofundamento da AD e da necessidade de cumprir os prazos para a entrega da dissertação.

CAPÍTULO 3.

“AGENTES DO CAOS” EM AÇÃO: PRODUÇÃO, ATUAÇÃO E PAUTAS

Quando pensamos na atuação da extrema direita dentro da internet, podemos enredar algumas características importantes, que permitem identificar as formas de difusão e capilarização de seus conteúdos nas redes. Um fator necessário de entendimento é a propagação do caos cognitivo, informacional e político que, no Brasil das últimas décadas, serviu a uma determinada “ordem” direcionada pelo espectro ideológico do olavismo e do bolsonarismo.

Contudo, entendendo este caos não como expressão da irracionalidade do sistema e da provocação nada consciente de desordens de diferentes graus na sociedade, e sim enquanto um conjunto heterogêneo de intencionalidades formadas e organizadas com o objetivo de disseminar práticas doutrinárias e arregimentar novos engajamentos nas redes, podemos chegar até este último capítulo que terá como foco principal compreender o *modus operandi* de agentes como Nando Moura e Arthur do Val. Baseando-se, em maior ou menor medida, nos “ensinamentos” de Olavo de Carvalho, eles foram capazes de produzir e veicular discursos que pretendiam “caotizar” o *status quo* vigente – associado a uma hegemonia “esquerdista” ou do PT – através do “desentendimento inteligente” próprio da retórica do ódio.²⁶⁰

Neste sentido, procuramos analisar algumas das produções audiovisuais desses agenciadores do caos cognitivo, informativo e político, tendo como referencial a teoria e certos procedimentos metodológicos da Análise do Discurso (AD) trabalhado por Eni Orlandi, cabe lembrar que fizemos um diálogo com a teoria, visto que não nos aprofundamos muito, a rigor com a AD. Como já dissemos, trilhando os caminhos marxistas de Michel Pechêux, porém com uma interpretação própria do discurso, Orlandi contribui para um debate importante sobre as relações entre linguagem, sujeito e ideologia em tempos de comunicações em crise (parafraseando o título do livro de Helena Martins).

Para Orlandi²⁶¹, se analisar discurso pressupõe refletir teoricamente sobre o funcionamento dos sentidos e dos significados dos distintos enunciados dos sujeitos e as formações ideológicas que os atravessam e forjam suas materialidades individuais e

²⁶⁰ CASTRO ROCHA, op. cit., p. 159.

²⁶¹ Ver em: ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. 13º Ed. Campinas: Pontes, 2020; _____. **Discurso em análise: sujeito, sentido, ideologia**. 2ª. Ed. Campinas: Pontes, 2012.

coletivas – não como algo “por detrás de”, mas sim enquanto memória e experiência constitutivas das relações sociais e de poder – então é possível reconhecer neste campo teórico um viés fértil para problematizar as formas de atuação, produção e pautas das “novas direitas” no Brasil contemporâneo.

Ciente de que um discurso nunca é exclusivo do sujeito enunciador, mas expressa social e politicamente os contextos e as condições de produção, buscar a compreensão dos sentidos de um discurso historicamente situado implica conhecer os “processos de significação” que o constitui e lhe permite (ou não) espalhar-se entre as diferentes formações ideológicas²⁶² – afetando indivíduos, grupos e classes sociais – que disputam o poder e a hegemonia em uma determinada “sociedade”, ou melhor, nos termos de Virgínia Fontes, numa relação ampliada entre Estado e sociedade civil

Com esta perspectiva, pretendemos analisar os discursos presentes nos vídeos de Moura e do Val e compreender eixos em comum existentes entre os dois sujeitos distintos no âmbito da produção e disseminação de conteúdos doutrinários. Ao mesmo tempo, analisar suas atuações e pautas, optando por selecionar pautas que os aproximam, no entendimento de que tais pautas, apesar das diferenças de produção e atuação, permitem construir alguns elos da agenda das “novas direitas” e de suas funções de agentes do caos.

Em vista disso, vê-se a importância de nos amparar na AD de Orlandi para deslindar as produções desses agentes que, na última década, ganharam espaços nas redes com discursos reacionários e extremistas: certamente não criado por eles, mas atravessados em suas enunciações nos vídeos postados no YouTube com a intenção de produzir consensos através do caos cognitivo, informacional e político em torno da agenda regressiva e ofensiva das direitas.

Essa agenda e as respectivas pautas são bem amplas e com diversos alinhamentos que, notadamente, se modificam na medida em que esses sujeitos veem-se na necessidade de continuar a manter os seus discursos no âmbito da “sociedade civil” e em nas relações ampliadas com o aparato estatal: “implantação do comunismo” ou do “gayzismo”, “ideologia de gênero”, “marxismo cultural” e “professores marxistas e doutrinadores” entrelaçam-se com valores ultraliberais como a defesa inexorável do mercado, o direito sagrado à propriedade privada, o Estado “guarda noturno” e a naturalização das desigualdades.

²⁶² ORLANDI (2020), op. Cit., p. 39-55. Sobre a práxis do discurso em análise, ou seja, o aspecto fundamental de sua não redutibilidade ao campo do próprio enunciado, ver: ORLANDI (2012), op. Cit., p. 34.

Os discursos recentes das frações de classes e das classes no interior das “novas direitas”, com suas bases em teorias conspiratórias ao longo do século XX²⁶³, consistem afirmar imperiosamente que o Brasil encontra-se permanentemente numa “guerra cultural”, liderada pelo “marxismo cultural” de Antonio Gramsci (e do “gramscismo”) e da “Escola de Frankfurt”, que querem dominar os espaços da “sociedade civil”, como escolas, universidades e meios de comunicação, e transformá-los em maneiras de “doutrinar” a população – lógica enraizada no olavismo, conforme capítulo anterior.

Cabe, porém, estabelecer alguns parâmetros. Tomaremos como base metodológica uma tabela exposta e analisada por Débora Messenberg em artigo citado nesta dissertação, para podermos compreender uma espécie de “raio-X” das formas de pensamento e atuação das “novas direitas” brasileiras nos últimos vinte anos, com destaque para a análise dos discursos de Nando Moura e Arthur do Val em seus canais do YouTube.

A autora define três campos semânticos – “antipetismo”, “conservadorismo moral” e “princípios neoliberais” (abaixo) – que, por seu turno, subdividem-se em subcampos, de modo que cada campo/subcampo apresente a existência de um quadro sintomático das “ideias-força” de grupos, movimentos e sujeitos das direitas.

Quadro 1 – Pautas defendidas pela extrema direita

Campos semânticos		
Antipetismo	Conservadorismo moral	Princípios neoliberais
<i>Ideias-força</i>	<i>Ideias-força</i>	<i>Ideias-força</i>
<i>Impeachment</i> (Fora PT, Fora Dilma, Fora Lula)	Família Tradicional	Estado Mínimo
Corrupção	Resgate da fé cristã	Eficiência do Mercado (privatização)
Crise Econômica	Patriotismo	Livre iniciativa (empreendedorismo)
Bolivarianismo	Anticomunismo	Meritocracia
	Combate à criminalidade / aumento da violência	Corte de política sociais
	Oposição às cotas raciais	

Fonte: MESSEMBERG, 2019, p. 194.

²⁶³ COSTA, op. Cit.

No quadro acima, Messenberg elucida a presença de pautas que estão sendo defendidas pelas “novas direitas”: o “antipetismo”, responsabilizando o partido como o causador de todos os problemas sociais que ocorreram no país, principalmente no que tange à corrupção; o conservadorismo moral que busca se amparar nos valores da família tradicional e contra pautas progressistas reestruturadas nos governos do PT; e os princípios neoliberais que promovem na sociedade “um sistema normativo” que abarca discursos e práticas que expandem a lógica do capital a todas as esferas e relações sociais”.²⁶⁴

Precisamos, por outro lado, entender as organizações das “novas direitas” e os sujeitos nelas compreendidos enquanto parte de redes ou *networks*²⁶⁵ que possuem ligações entre seus espaços de atuação, as produções de conteúdo e os discursos que defendem e veiculam pela internet.

É a partir das *networks* que esses grupos heterogêneos, porém alinhados ideologicamente em determinados momentos, difundem distintas pautas que se conectam através de alguns pontos – seja pela concepção religiosa fundamentalista, seja no campo econômico com valores ultraliberais – que buscam produzir a “polarização”. Desse modo eles conseguem aumentar o engajamento de seus conteúdos e atrair pessoas de diferentes visões e não somente aquele público fiel que já os acompanha.²⁶⁶

Por exemplo, analisando as movimentações das direitas e esquerdas no Facebook durante as manifestações de junho de 2013 em “Antipetismo e conservadorismo no Facebook”, Márcio Moretto Ribeiro realizou procedimento metodológico de análise à base de infográficos, procurando caracterizar o que chamou à época de “debate político” e de polarização ideológica no Brasil por meio de dois campos antagônicos: o *antipetismo* e o *anti-antipetismo*.²⁶⁷

²⁶⁴ MESSENBURG, D. A direita que saiu do armário: a cosmovisão dos formadores de opinião dos manifestantes de direita brasileiros. In: SOLANO & ROCHA, op. Cit., p. 206.

²⁶⁵ Network é um termo que vem do inglês (“net” é rede e “work” é trabalho) e significa rede de relacionamentos ou rede de contatos.

²⁶⁶ Em artigo publicado, Ruud Koopmans e Susan Olzak, discorrem sobre a percepção do público sobre conteúdos que geram maiores debates, para eles, existem três principais elementos que provocam a difusão de discursos controversos: visibilidade, ressonância e legitimidade. Dessa maneira a visibilidade diz respeito a como uma mensagem é apropriada pelos meios de comunicação – cabe aqui adicionar: dominantes. A ressonância, seria como essa mensagem é recebida. Já a consonância se refere às assimilações favoráveis dessa mensagem. In: KOOPSMANS, R. & OLZAK, S. Discursive Opportunities and the Evolution of Right-Wing Violence in Germany. In: **American Journal of Sociology**, Volume 110, Number 1, July 2004, p. 87-88. Link: <https://doi.org/10.1086/386271> Acesso: 20.06.2022.

²⁶⁷ RIBEIRO, Márcio M.. Antipetismo e conservadorismo no Facebook. In: SOLANO, Esther. (org.). **O ódio como política**. São Paulo: Boitempo, 2018, p. 85-90.

Sobre o antipetismo, em particular, sua análise identificara uma gama diferenciada de grupos e sujeitos das direitas entre os manifestantes. Apresentando “teias” de ligações entre sujeitos individuais (Sara Winter, Kim Kataguirí, Jair Bolsonaro, Major Olímpio) e coletivos (MBL, Mises Brasil, IL, Amigos da Rota, Mobilização Patriota), ele estruturou e nominou os grupos em quatro *clusters*: “policial”, “liberalismo econômico”, “páginas conservadoras” e “central” (sendo este último formado por grupos mais distantes, porém tendentes a serem capturados pelos outros três).²⁶⁸

Embora entendamos que esta análise tenha hoje seus claros limites avaliativos, ajuda-nos a compreender como os três clusters alimentavam o ódio contra defensores dos direitos humanos e uma educação humanista, taxados de “petistas”:

[...] Esses, chamados *esquerdopatas*, são os inimigos; fazem isso para manter a população ignorante e refém de programas sociais que perpetuam políticos corruptos no poder; Lula é o chefe dessa quadrilha que tem o controle do Judiciário [...] e dos movimentos sociais e sindicatos, que servem como braço armado de um governo mais preocupado em mandar dinheiro para países da América Latina e para sustentar vagabundos do que com os trabalhadores [...] o comunismo é um risco ainda maior do que a corrupção, pois ameaça a liberdade do ‘cidadão de bem’ [...]²⁶⁹

Rodrigo Silva²⁷⁰ mapeou e analisou (figura 11) os principais canais de extrema-direita brasileiros, procurando identificar-lhes as suas principais vozes e vertentes. Observando o mapa, vemos que alguns nomes ganham relevo à medida em que o autor agrupa os canais com maiores seguidores, visualizações e disseminações: dentre eles, à época, o “olavista” Nando Moura, a “bolsonarista” Joice Halsseman e Maro Schweder.²⁷¹

Schweder, o menos conhecido desses nomes, poderia até passar despercebido em um primeiro momento, por seu canal tratar de temas como autoconhecimento e espiritualidade; todavia, é possível garimpar em alguns de seus vídeos conteúdos dotados

²⁶⁸ RIBEIRO, op. Cit., p. 88-89.

²⁶⁹ Idem, p. 89-90.

²⁷⁰ SILVA, Rodrigo O. **Um mapa da direita no YouTube do Brasil através de métodos digitais**. Mestrado (Ciência da Comunicação - Cultura contemporânea e novas tecnologias). Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, 2018.

²⁷¹ Schweder possui um canal no Youtube, desde 23 de janeiro de 2015, ele é professor da rede básica do município de Blumenau, Estado de Santa Catarina, graduado em História pela UDESC atualmente conta com 222 mil seguidores em seu canal que ele descreve como “Espaço voltado para a discussão dos mais variados temas: política, espiritualidade, filosofia, teologia, cultura, comportamento humano, etc; com postagens semanais, objetivando levar palavras aos ouvintes, independente de que credo ou filosofia de vida pertençam”. Para visualizar o seu canal, ver: <https://www.youtube.com/@maroschweder-espiritualida9068/featured> Acesso: 24.03.2023.

de pautas ultraliberais, anti-esquerda e reacionárias. Nos vídeos disponíveis em seu canal, observamos que as pautas tratadas seguem a mesma linha ideológica de outros sujeitos da extrema-direita, como o Movimento Escola Sem Partido²⁷², o aborto²⁷³ e valores conservadores²⁷⁴, evidenciando o caráter reacionário do canal. Para Silva, desses sujeitos derivam duas principais vertentes:

[..] uma centrada na figura de Olavo de Carvalho (filosófica) e outra (liberal) com o canal Ideias Radicais como encadeador de uma vertente que tem como ponto de chegada o canal MameeFalei e o canal do Movimento Brasil Livre (MBL).²⁷⁵

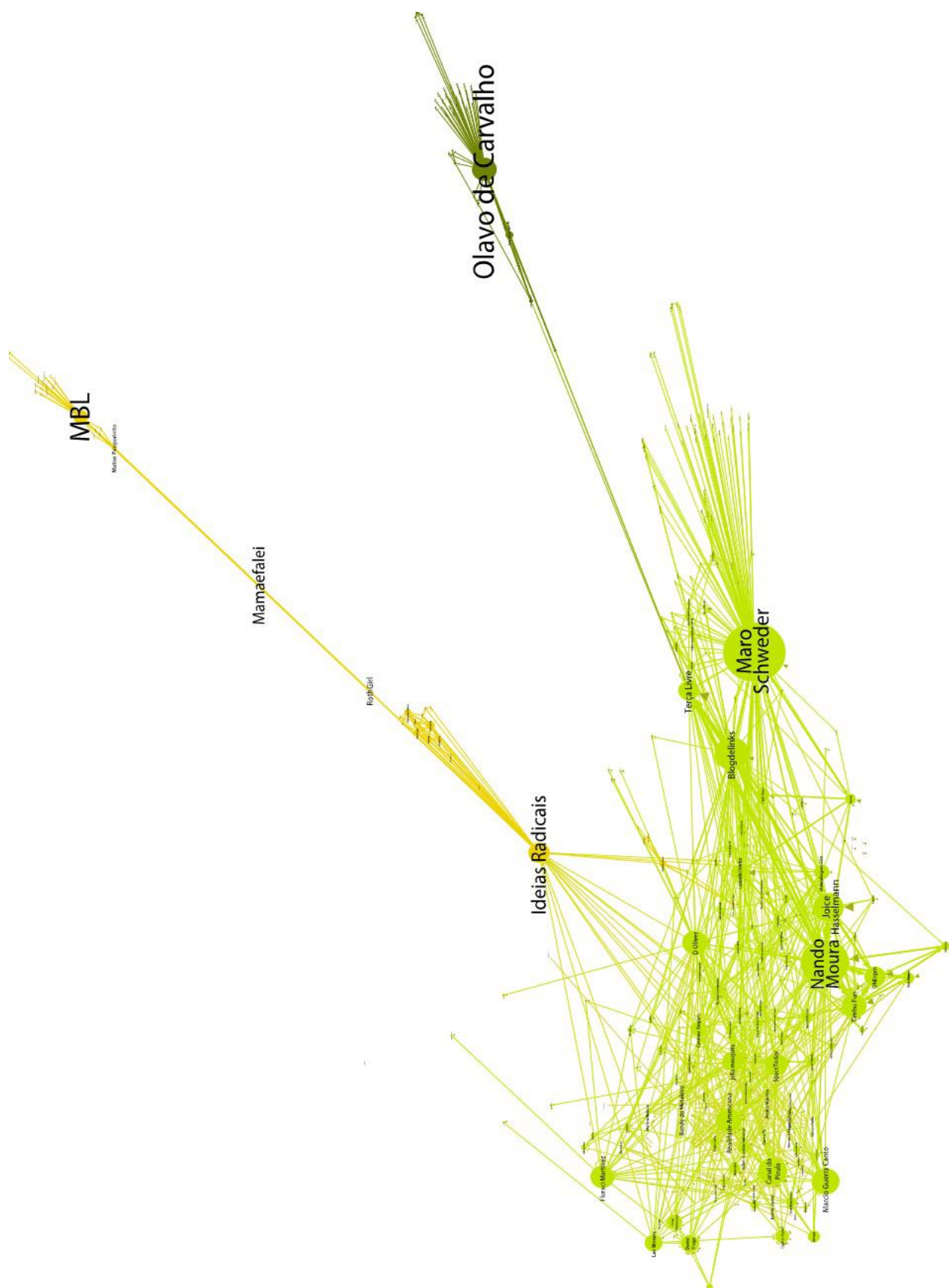
²⁷² “ESCOLA SEM PARTIDO - consulta pública!”, 18 de julho de 2016. Link: https://www.youtube.com/watch?v=69Gy7aka_oc Acesso: 24.03.2023.

²⁷³ “STF abre precedente para DESCriminalização DO ABORTO até 3 meses de gestação”, 30 de novembro de 2016. Link: https://www.youtube.com/watch?v=fLv_6XlvTDo Acesso: 25.03.2023.

²⁷⁴ “Liberais e Conservadores”, 02 de novembro de 2016. Link: <https://www.youtube.com/watch?v=2BsHBFCwnRg> Acesso: 23.03.2023

²⁷⁵ SILVA, op. Cit., p. 107.

Figura 10 – Mapa de interações entre os canais de direita no Youtube – Redes grau 1 todos os canais.



Os sujeitos citados fazem parte do rol de agentes do caos que ascenderam na esteira do fortalecimento das novas direitas no Brasil recente.

O canal “Ideias Radicais”, por exemplo, tem sua data de inscrição no YouTube em 16 de junho de 2014²⁷⁶, e, desde então, produz conteúdos que defendem valores ultraliberais, anarcocapitalistas e libertarianistas. Seu criador e fundador, Raphael Lima, faz parte do Conselho de Administração do Instituto Livre Mercado²⁷⁷, *think tank* nacional que presta assessoria para a Frente Parlamentar pelo Livre Mercado e que conta com parlamentares de vários Estados brasileiros²⁷⁸, dentre eles alguns que ascenderam politicamente nos últimos anos: casos de Marcel Van Hattem (Novo/RS) e Kim Katagiri (União/SP), liderança do MBL que, como mostra o infográfico, tem forte relação com o canal “Ideias Radicais”.²⁷⁹

Nas palavras de Rodrigo Silva:

A direita no *YouTube* do Brasil, está configurada desta forma. Na sua pluralidade, centra em figuras conservadoras cristãs e discriminatórias – características da extrema-direita – e que apoiam publicamente um candidato presidencial – Jair Bolsonaro. Em outras palavras, embora nenhum destes canais se auto-defina como extrema-direita, são nos detalhes indiretos, nas contradições e nas inferências que estes canais estão unidos. Não apenas ideologicamente, mas nas relações que estes possuem entre si.²⁸⁰

Para a nossa análise, selecionamos alguns vídeos de Moura e Arthur do VAL entre os anos de 2015 e 2018 e os agrupamos em duas grandes pautas, de maneira a poder identificar a ligação e as aproximações de seus discursos e a criação de “narrativas” em torno da obtenção de um consenso envolto a um projeto político-ideológico que sustenta a empreitada desses sujeitos e a disseminação de uma agenda reacionária, ultraliberal e anticomunista (anti-esquerda, antipetista).

As duas pautas escolhidas por nós concentram-se no binômio anticomunismo/antipetismo e no ultraliberalismo/anarcocapitalismo, que serão percorridos e analisados como fazendo parte de uma agenda em comum atravessa os discursos destes sujeitos agentes do caos em seus canais no YouTube.

²⁷⁶ Canal “Ideias Radicais”. Link: <https://www.youtube.com/user/ideiasradicais> Acesso: 22.03.2023.

²⁷⁷ “Instituto Livre Mercado – Quem Somos”. Link: <https://livremercado.org.br/quem-somos/#conselho-de-administracao> Acesso: 24.02.2023

²⁷⁸ “Instituto Livre Mercado - Membros”. Link: <https://fplivremercado.org/membros/> Acesso: 24.02.2023.

²⁷⁹ Como Silva analisa em seu infográfico, a “teia” de relações entre os canais das direitas no Youtube do Brasil é pautada em comunidades, podendo identificar relações próximas de conteúdos entre os influenciadores, seus canais e seus pares, fazendo com que algumas pautas sejam atravessadas por diferentes sujeitos, como o caso da pauta ultraliberal que, na imagem, atravessa MamaeFalei e MBL.

²⁸⁰ SILVA, Op. Cit. 2018, p. 108.

Vale dizer que a escolha justifica-se pelo fato de ambos estarem produzindo conteúdos semelhantes no recorte temporal, ou seja, apesar de existir outras pautas importantes para as “novas direitas” (e a extrema direita) como “desarmamento civil”, “escola sem partido” e “ideologia de gênero”, verificamos que as duas agrupadas repetem-se em seus vídeos com certa frequência.

Assim, ao lado de “fake news” (que não será tema deste trabalho), uma reciclagem do anticomunismo e a ideia de que as desigualdades sociais convivem naturalmente com os valores e práticas de mercado emergem nos discursos de Moura e do Val²⁸¹. É o que veremos nos tópicos a seguir.

3.1. Anticomunismo “embolorado” e ódio antipetista

O anticomunismo é uma pauta presente de longa data nas agendas políticas e ideológicas das direitas tanto no Brasil, quanto no exterior. Na historiografia brasileira, ele encontra-se devidamente contemplada por historiadores de distintas correntes historiográficas. Não será nosso enfoque aqui explorar as pesquisas sobre o anticomunismo no Brasil, mas os trabalhos de alguns pesquisadores como Carla Luciana Silva e Rodrigo Patto Sá Motta auxiliam a entender a construção imaginária e a práxis anticomunista na história do Brasil desde as primeiras décadas do século XX.²⁸²

Fundamental para nós é a compreensão do que tem ocorrido no Brasil das últimas três ou quatro décadas, quando um anticomunismo “embolorado”²⁸³ ganha progressivamente a cena política em meio a difusão de teorias conspiratórias e discursos

²⁸¹ Uma parte destas questões foi apontada e comentada no segundo tópico do capítulo 2.

²⁸² Sá Motta analisou na sua tese (transformada em livro) o anticomunismo no Brasil de 1917 a 1964 chegando à conclusão de que ele tem suas bases ideológicas no catolicismo, no nacionalismo e no liberalismo. In: MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Em guarda contra o "perigo vermelho": o anticomunismo no Brasil (1917-1964)**. 2000. Tese (Doutorado - História). São Paulo: FFLCH/USP, 2000. Carla Luciana Silva discutiu as campanhas anticomunistas orientadas na construção de imaginários sociais marcados por processos de elaboração de sentidos sobre o “inimigo” que objetivava romper o “status quo” da sociedade e de quais formas as correntes reacionárias de direita no Brasil dos anos 1930 esforçaram-se para enquadrar o comunismo como o “grande inimigo”. In: SILVA, Carla L. **Onda vermelha: imaginários anticomunistas brasileiros (1930-1934)**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

²⁸³ Apropriamos de expressão cara a João Cezar de Castro Rocha. Porém o autor, como nós, não vemos esse “bolor” como sinônimo de algo inerte ou envelhecido. Pelo contrário, o anticomunismo “embolorado” é portador de velhos e novos significados “práticos” mobilizados pelas direitas e, em particular, pelo “bolsolavismo” no Brasil recente. Embora atrelado ao discurso hegemônico no interior das Forças Armadas (o revanchismo, a ‘doutrinação’ de esquerda), não reduz-se a este e adquire, na “guerra cultural” e na “retórica do ódio”, uma musculatura ideológica fermentadora do caos pelas hostes de extrema direita nas ruas e nas redes. In: CASTRO ROCHA, op. Cit., p. 40-45.

liberais, reacionários e fascizantes na grande imprensa e nas redes sociais, especialmente ao longo da década de 2010.

Defesas de intervenção militar, saudações e elogios a torturadores, ódio às minorias, às esquerdas e movimentos sociais, Estado mínimo, moralismo ultraconservador e fundamentalista, anti-intelectualismo, ênfase na corrupção da política, odes ao livre mercado, à meritocracia e ao individualismo exacerbado, dentre outros, atravessaram (atravessam) discursos de parlamentares, empresários e intelectuais, encontrando formas organizativas e de doutrinação/disseminação em aparelhos privados de hegemonia de direita e extrema direita, já destacados neste trabalho.

É possível sintetizar estes elementos em Olavo de Carvalho²⁸⁴, ideólogo que pertence à “galeria de grandes heróis” de uma fração significativa dos representantes da extrema-direita no país, inclusive com um discurso que replica e atinge fortemente os setores militares e seu alto comando. Como afirma Demian Melo:

Carvalho certamente não inaugurou a paranoia anticomunista no Brasil, *mas cumpriu o papel de reciclar as velhas narrativas anticomunistas segundo as quais “os vermelhos” estavam apostando no “caminho pacífico para o poder”, como diziam os golpistas em 1964*. Tal noção é um dos muitos delírios paranoicos presentes na Doutrina de Segurança Nacional, ideologia central da ditadura militar que continua a informar o pensamento militar atualizado com novas tendências do pensamento anticomunista importadas do Atlântico Norte. Esse conspiracionismo ganhou novos contornos na narrativa do “marxismo cultural”, e a suposta nova estratégia dos marxistas não seria mais o ataque à propriedade privada (base do capitalismo), mas “a destruição da família tradicional”. Essa teoria recebeu as cores do anti-gramscismo já desenvolvido na América do Sul desde os anos 1980 dando o tom no Brasil daquilo que, para o contexto estadunidense, James Hunter chamou de *guerra cultural*²⁸⁵

Tal asserção faz entender alguns motivos da assídua defesa da atual extrema-direita bolsonarista na tríade “Deus, Pátria e Família”²⁸⁶. Esse *modus operandi*, utilizado para obter o consenso da população, esteve articulado a uma utilização crescente das mídias e redes sociais, com destaque para propagação das “fake news” e de discursos negacionistas (característicos das estratégias “bolsolavistas”).

²⁸⁴ Idem, p. 49. Castro Rocha fala mesmo em um “sistema de crenças” em Olavo, um sistema retroalimentado, reiterativo e desqualificador – portanto, nada afeito ao debate público – cujos termos-chave são *esquerdismo, globalismo, Nova Ordem Mundial, gramscismo, ideologia de gênero, PT e PSDB como siameses comunistas*, dentre outros.

²⁸⁵ MELO, op. Cit., p. 30-31.

²⁸⁶ Lema criado pelo fascismo e utilizado pelo integralismo no Brasil, primeiro com a Ação Integralista Brasileira (AIB) e nos dias atuais continua sendo utilizado pela Frente Integralista Brasileira (FIB) fundada em Janeiro de 2005. Cf. <https://integralismo.org.br/apresentacao/>

Neste sentido, pensar as produções discursivas de Nando e do Val nas redes, bem como os seus efeitos deliberadamente caóticos, significa também entender as estratégias adotadas pela extrema direita brasileira para "forjar consensos"²⁸⁷ a todo custo em torno de uma agenda reacionária. Percebemos dois movimentos.

O primeiro consiste na ascensão desses sujeitos enquanto aparentes “influenciadores digitais” que eclodem nas redes após as jornadas de junho de 2013 com um discurso anticomunista, antipetista e hostilizador do então governo Dilma e, um segundo, que consiste em compreender os discursos desses sujeitos indissociáveis da defesa de pautas caras ao bolsonarismo e o apoio ao então candidato Jair Bolsonaro para a Presidência da República. Assim, passamos a analisar os vídeos e produções de Nando e Arthur do Val, com o objetivo de identificar a pauta selecionada e como ela atravessa o discurso dos dois agentes do caos em alguns vídeos em seus canais no YouTube.

O primeiro vídeo a ser analisado, foi publicado no canal de Nando Moura em 21 de abril de 2015. intitulado “PT- Golpe de Estado oficial!”²⁸⁸, este material audiovisual constrói uma narrativa de que o Partido dos Trabalhadores, daria um Golpe de Estado e instauraria uma ditadura comunista no Brasil.

Nando Moura aparece sentado em uma cadeira com um computador atrás, no que parece ser o escritório de sua casa – composição visual “típica” de boa parte dos vídeos do seu canal. Entendemos talvez, que isso funciona como uma espécie de estratégia na construção de uma imagem, de um ambiente “clean” para que o mesmo fique em evidência e que, para quem assiste preste atenção somente nele, talvez essa seja uma das estratégias de Nando para prender a atenção de quem o assiste.

Possivelmente a “simplicidade” de seus vídeos, feitos sem grandes edições e apenas com uma câmera em sua frente, funciona como um chamariz para que as pessoas vejam que se trata de um cidadão normal que se revoltou contra as barbaridades que ocorrem no Brasil e que seus ouvintes, podem e devem fazer o mesmo.

Cabe ressaltar que o contexto de produção desse material audiovisual é marcado pelas recentes manifestações que haviam ocorrido em 15 de março e em 12 de abril 2015, onde os manifestantes foram as ruas (vestidos de verde amarelo) protestar contra a

²⁸⁷ FONSECA, op. Cit.

²⁸⁸ “PT - Golpe de Estado oficial!”. **Canal de Nando Moura**. Youtube, 21 de abril de 2015. Link: <https://www.youtube.com/watch?v=4EYRaeh62FQ&t=75s> Acesso: 20.08.2021.

corrupção e em especial a saída do governo de Dilma²⁸⁹. É bem possível que este tenha sido um dos principais motivos que fizeram Nando Moura produzir o vídeo, ou seja, o contexto de protestos e a instabilidade política tornaram-se vetores que possibilitaram – e emprestaram certa legitimidade – à produção discursiva naquele momento.

Essa insatisfação política que foi bem utilizada por Nando, proporcionou que o mesmo construísse narrativas colocando o PT como um inimigo da população brasileira, que nessa época já estava inflamada pela abrupta mudança no cenário econômico que diminuiu o poder de compra e aumentou o custo de vida do brasileiro.

Tem-se abaixo o primeiro trecho que destacamos:

Agora é oficial é o próprio PT que está dizendo com todas as letras, é o próprio PT que diz com todas as letras que quero golpe de estado para que prevaleça no brasil uma ditadura igual à de cuba igual à da Venezuela. Não sou mais eu que estou dizendo é o próprio PT, foi divulgado no próprio site do PT no caderno de teses divulgado pelo PT que será apresentado no 5º congresso nacional do PT. Então amigo agora sim são eles que estão revelando aquilo que nós estávamos alertando nos últimos anos pra você se você não acredita mais você é um perfeito idiota porque são eles que estão dizendo agora não sou mais eu não.²⁹⁰

Torna-se importante, de antemão, contextualizar o período em que esse vídeo foi produzido. Estávamos, como já foi dito, no começo do novo mandato de Dilma Rousseff na Presidência da República.

Segundo mandato tumultuado, no qual o governo da presidenta observava a sua popularidade cair nos três primeiros meses de 2015, depois de ter uma das maiores aprovações de um mandatário desde a redemocratização²⁹¹. Ao lado deste cenário adverso, assistíamos a uma mudança de orientação jurídico-política e ideológica da “Operação Lava Jato”, marcada pela realização deliberada de mandatos de busca e apreensão de políticos e empresários então ligados ao PT e a transformação de seus principais representantes (Sérgio Moro) em arautos da “justiça” e da “liberdade”.²⁹²

²⁸⁹ Ver este assunto em: “Os protestos pelo Brasil”. In: **Revista Época**, 12 de abril de 2015. Link: <https://epoca.oglobo.globo.com/tempo/noticia/2015/04/12-de-abril-os-protestos-pelo-brasil.html> Acesso: 19.06.2022.

²⁹⁰ “PT- Golpe de Estado oficial!”, op. Cit.

²⁹¹ “De campeã de popularidade a 62% de rejeição: seis momentos-chave no governo Dilma”. In: **BBC – Brasil**, 15 de março de 2018. Link: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/03/150318_dilma_aprovacao_reprovacao_cc Acesso: 25.03.2023.

²⁹² “Linha do tempo da Lava Jato”. In: **G1 – Especiais**, 04 de setembro de 2015. Link: <https://especiais.g1.globo.com/politica/2015/lava-jato/linha-do-tempo-da-lava-jato/> Acesso: 25.03.2023

Nas ruas (e nas redes), em vários estados do país, ocorriam as manifestações “verde-amarelas” de março: entre “Fora PT” e pedidos de impeachment de Dilma, gritas por “intervenção militar já” e posturas “anticorrupção”, elas expunham não apenas setores pequeno burgueses ressentidos e enraivecidos ante a política econômica governo petista²⁹³, mas um quadro organizativo ao extremo das direitas que envolvia partidos políticos, entidades patronais, associações comerciais e industriais, federações e, em particular, movimentos ultraconservadores de base social e etária jovem (MBL, Vem pra Rua)²⁹⁴

Porém, o que nos move neste vídeo tem uma natureza específica, embora irrigada pelas demais partes acima. Com a vitória apertada nas urnas, seguida de acusação de estelionato eleitoral (encabeçada por “caciques” do PSDB), o tema da fraude nas urnas eletrônicas como etapa fundamental de perpetuação do PT no poder ganhava espaço nas mídias e movimentava as “guerras” nas redes sociais.

Envolvidos neste contexto, embora legitimados pela ideologia conspiracionista e reacionária de Olavo, influenciadores digitais como Nando Moura aproveitaram o clima de instabilidade e crise para surfar na onda do antipetismo e de tudo que era alinhado com pautas anti-esquerda.

Na condição de “agentes do caos” da extrema-direita, passariam a produzir e disseminar vídeos que acenavam para um suposto “golpe” do PT com vistas a implantar o “comunismo”, o “bolivarianismo” ou a “ditadura comunista” no Brasil. Mais: que esse golpe teria sido publicizado pelo próprio partido no “Caderno de Teses” do 5º Congresso Nacional do PT, que seria realizado em Salvador entre os dias 11 e 13 de junho de 2015.

É o que se percebe nas condições de produção discursiva enunciada por Moura, cujo trecho transcrevemos. Condições proporcionadas, por exemplo, pelo nítido avanço neofascista no Brasil depois de 2013 com sua violência ostensiva e a derrocada de direitos sociais básicos. Mas existe uma outra visada.

No trecho em que afirma, categórico, “nós estávamos alertando nos últimos anos para você”, entendemos que Moura, ao falar em nome de um coletivo aparentemente sem rosto (“nós”), deixa entrever uma “memória discursiva”, na qual podemos identificar –

²⁹³ “Protestos neste domingo”. In: **El País** – Brasil, 15 de março de 2015. Link: https://brasil.elpais.com/brasil/2015/03/15/album/1426449254_501340.html#foto_gal_1 Acesso: 22.03.2023.

²⁹⁴ Cf. DEMIER, op. Cit., p. 86; SOLANO & ROCHA, op. cit.

naquilo que está “autorizado” a dizer – outros sujeitos que, até mesmo antes dele, produziram discursos antipetistas e anticomunistas, pois como afirma Orlandi:

[...] a memória discursiva – sustenta o dizer em uma estratificação de formulações já feitas mas esquecidas e que vão contribuindo uma história de sentidos. É sobre essa memória, de que não detemos o controle, que nossos sentidos se constroem, dando-nos a impressão de sabermos do que estamos falando. Como sabemos, aí se forma a ilusão de que somos a origem do que dizemos. Resta acentuar o fato de que este apagamento é necessário para que o sujeito se estabeleça um lugar possível no movimento da identidade e dos sentidos: eles não retomam apenas, eles se projetam em outros sentidos, constituindo outras possibilidades dos sujeitos se subjetivarem.²⁹⁵

Nesta perspectiva, vemos que uma memória discursiva é acionada e pode ressurgir – sem que enunciador detenha o controle – em novos sentidos produzidos por discursos extremistas e “polemizantes”, tal qual os evocados por Nando Moura e outros agentes do caos.

Assim, ao lado da dimensão fetichizada das mídias sociais, fruto de uma real aceleração temporal no fluxo de (des)informação possibilitada pela expansão volátil do capital financeirizado nas plataformas digitais, tem-se que o dizer destes sujeitos aparenta ser portador da ação “novidadeira”, ou em outra expressão, da “bomba” que procura alimentar a retórica do ódio anticomunista/antipetista e antimarxista – a “geleia inimiga” que deve ser combatida.

É o caso da “presença” da doutrinação ideológica de Olavo de Carvalho no trecho citado do vídeo, que mesmo não sendo verbalmente citado, surge entremeado no dizer de Nando, quando, ao referir-se ao Congresso do Partido dos Trabalhadores (e, sub-repticiamente, ao “perigoso” tema do Caderno, “*Resgatar o petismo do PT*”) alertava de modo histriônico sobre o golpe e a ditadura comunista em (suposta) marcha no país em 2015 “anunciada” pelo próprio partido.

Evidente que ele não fora o único a polemizar e nem mesmo Olavo consistira no “profeta do apocalipse” em pleno século XXI – basta lembrar as estratégias propagandísticas e operacionais anticomunistas do IPES no contexto do golpe de 1964 e as diversas atuações golpistas e desinformativas da mídia hegemônica no Brasil recente e, nos Estados Unidos, a emergência e fortalecimento da *alt-right* a contar dos anos 1970.

²⁹⁵ ORLANDI (2020), Op. Cit., p. 52.

Ou seja, o discurso de Nando que remete aos de Olavo possui outras camadas discursivas, mas apresenta-se, a seu modo, como disruptivo e imediatista.²⁹⁶

Contudo, para analisar o discurso anticomunista de Moura basta que façamos uma breve pesquisa para verificar que seus argumentos não apenas são ausentes de base empírica, como não passam de liquefação do debate, servindo, pelo contrário, como uma forte munição na “guerra simbólica de produção de significados”.

Acessando o Caderno de Teses do 5º congresso do PT, mencionado por Moura, verificamos que em nenhuma passagem do documento existe qualquer frase relacionada com “golpe”, “ditadura comunista” ou algo do gênero²⁹⁷. A tática de falar sem base científica, vinha do guru Olavo.

Em outro trecho mesmo não dizendo explicitamente, evidenciamos que ele refere-se à Operação Lava Jato e que o PT quer acabar com ela e com os seus membros:

Eles querem libertar todos os mensaleiros todos os petroleiros e perseguir todos aqueles que julgaram, contra todos os juízes que foram contra que em que quiseram justiça, eles querem destruir as instituições democráticas do Brasil de uma vez por todas, eles querem eliminar todos os outros partidos que não sejam comunistas, socialistas nos moldes do PT.²⁹⁸

Nesse trecho podemos identificar que além do cunho lavajatista no discurso de Moura, é perceptível encontrarmos resquícios do discurso olavista de pânico moral, inflando o discurso em um tom exagerado, como por exemplo utilizando a palavra *todos* em uma sequência, dando a entender em forma de pânico moral que “todos os envolvidos” na Operação Lava Jato seriam soltos e que os juízes que participaram dos processos seriam perseguidos a mando do governo petista.

Assim, este seu discurso utiliza da velha retórica fascista de criar uma dicotomia social entre o “nós” sujeitos que querem o bem da sociedade e “eles”, que aqui seriam os comunistas, esquerdistas e o PT. Esse pânico moral utilizado por Moura certamente foi

²⁹⁶ Isto ajuda entender, inclusive, porque o “jogo extremo” das direitas no Brasil (e no mundo) contemporâneo, na internet e redes sociais, articula-se com discursos ideológicos negadores do debate público e de cariz “antissistema”. Mais do que pessoas ou líderes falando “em nome de”, encontra-se um projeto social reacionário e ultraliberal que busca liquefazer o tempo da reflexão, da divergência, da construção de consensos progressistas ou emancipatórios. Ao mesmo tempo que compõe o espaço do interdiscurso deste projeto, no qual a produção de novos sentidos guarda certas relações “esquecidas” com discursos historicamente situados em outros contextos de produção.

²⁹⁷ Sobre o Caderno de Teses do 5º Congresso Nacional do PT, realizado em Salvador entre os dias 11 e 13 de junho de 2015, ver: <https://eniomeneghetti.files.wordpress.com/2015/04/caderno-teses-pt.pdf> Acesso: 25.02.2023.

²⁹⁸ “PT- Golpe de Estado oficial!”, op. Cit.

absorvido de Olavo e do Olavismo, e é uma mecânica utilizada por ele e outros agentes do caos da extrema-direita no processo recente de fascistização da sociedade brasileira.

Em outro vídeo, podemos identificar em seu discurso, baseado na lógica olavista e a sua visão conspiracionista a respeito do marxismo cultural. No vídeo publicado em 4 de abril de 2017, intitulado “Como CAGARAM o Brasil???”²⁹⁹, a narrativa construída por Moura, baseia-se na mesma premissa dicotômica de tratar o “eles” como os inimigos e ainda culpabiliza o Estado, pelos problemas da sociedade, que nesse caso estaria dificultando as pessoas de adquirirem bens de consumo (trataremos do discurso ultraliberal no próximo tópico desse capítulo).

No trecho a seguir podemos identificar no discurso a construção de sua narrativa:

[...] Você vive pra pagar conta. É importante se você se sentir nessa situação, tomar a pílula vermelha pra acordar, como naquele filme Matrix. [...] Então é importante você saber como é que eles, aí você vai entender quem são eles, como eles se infiltraram nas igrejas, nas redações de jornais, nos teatros, no cinema, nas escolas, na música, em todos os lugares. Eu recomendo aqui o Brasil Paralelo, que é um congresso de palestras de conhecimento, pra você saber o que é gramscismo, pra você saber o que é marxismo cultural, pra você saber o que é Foro de São Paulo.³⁰⁰ (Cortes nossos)

Seguindo a mesma estética que já citamos, Moura aparece em frente a câmera, possivelmente em sua casa, mas desta vez na área externa e não no costumeiro escritório que aparece em muitos de seus vídeos.

As condições de produção desse material já são diferentes do primeiro vídeo analisado, visto que aqui já estamos em um período em que o PT não estava mais governando o Brasil, pois a Presidenta Dilma já havia sofrido um golpe no ano anterior, não obstante, ele continua seguindo a cartilha Olavista de instruir que “eles” aqui entendidos como os comunistas/esquerdistas/marxistas e seus intelectuais continuam em posições importantes dentro de espaços da sociedade civil, reafirmando que o Brasil ainda estaria vivendo uma permanente *guerra cultural*, dentro da sociedade.

Destacamos na análise, a parte em que Moura faz analogia com o filme *Matrix* (1999) e a pílula vermelha (*Red Pill*). No filme, Morpheus oferece a Neo uma pílula azul ou uma vermelha, caso optasse pela azul, o personagem não teria conhecimento da

²⁹⁹ “Como CAGARAM O Brasil???”. In: **Canal do Nando Moura**. YouTube, 04 de abril de 2017. Link: <https://www.youtube.com/watch?v=mlIOveRE67k> Acesso: 17.09.2022.

³⁰⁰ Idem.

Matrix, que no filme era um mundo criado pelas máquinas para manter a humanidade sob seu controle, todavia, caso optasse pela *Red Pill* ele teria conhecimento dessa realidade paralela criada pelas máquinas, que aqui nesse caso específico da produção analisada, esse controle estaria sendo exercido pelo marxismo cultural e pela esquerda, sendo assim, a analogia feita é que como no filme, os brasileiros precisavam tomar essa pílula para saber quem são “eles”, e enxergar a “realidade”.

Acho importante destacar esse movimento discursivo de Moura, pelo fato de que as condições de produção e os sentidos produzidos em sua fala, evocam o interdiscurso que o atravessa, como aqui já foi citado, Moura fora olavista e utilizava da retórica conspiracionista em quase todos os seus vídeos. Em outro trecho, Moura vai disponibilizar alguns nomes que possuem palestras disponíveis na produtora negacionista Brasil Paralelo que ele achava interessante, além do “Congresso Brasil Paralelo que ele indicou:

[...] Mas existem diversas outras palestras lá (Brasil Paralelo), que você pode assistir on-line. Diversas palestras que eu recomendo. Tem Olavo de Carvalho, o Luis Philippe de Orleans e Bragança, o Ives Gandra, O Rodrigo Gurgel, o Pondé, o Jair e o Edu Bolsonaro, O Diego Casagrande, o Felipe Moura Brasil, Marcel Van Hattem, O Percival Pugina, são nomes fantásticos, cada palestra deles, são uma aula”.³⁰¹
(Cortes nossos)

Acima, podemos evidenciar novamente a presença da “teia” de relações atores e organizamos que abordamos nos capítulos 1 e 2, que buscam tecer a hegemonia da extrema direita no Brasil recente, onde todos estão produzindo conteúdo ou mesmo participando de várias *think tanks* e plataformas digitais.

Para Mayara Balestro dos Santos, inclusive, é possível identificar essa relação dessas organizações e como elas estão ligadas nessa espécie de “teia” que já elencamos aqui, “buscando capilarizar seus ideais e sua visão de mundo, a partir de seus intelectuais orgânicos e de outras esferas” que atuam para além do seu reduto.³⁰²

Basta fazer uma pesquisa simples para identificar que esses sujeitos supracitados possuem ligações para além da Brasil Paralelo, com outros *think tanks* e institutos empresariais e até mesmo em espaços midiáticos tradicionais, como analisou Balestro dos Santos quando a autora analisou uma das produções (“Congresso Brasil Paralelo”) que Moura cita em seu vídeo de 2017:

³⁰¹ Ibidem.

³⁰² SANTOS, Op. Cit., p. 85.

A primeira publicação feita pelo B.P. ocorreu nos dias 04 e 05 de novembro de 2016 – como acusado pelo sítio ‘web’ *Internet Archive Wayback Machine* – era um material audiovisual, dividido em seis partes, com temáticas relacionadas à história, política e economia, intitulado “Congresso Brasil Paralelo”. A produção contou com a participação de figuras da chamada “nova direita” que antes de participar desta empreitada já atuavam em espaços midiáticos e institutos empresariais – caso, por exemplo, de Olavo de Carvalho, que escrevera na Folha de S. Paulo, Planeta, Bravo!, Primeira Leitura, Jornal do Brasil, Jornal da Tarde, O Globo, Época, Zero Hora e Diário do Comércio, e o seu principal veículo de atuação, o Mídia Sem Máscara; do então deputado Federal Jair Bolsonaro, que participou de programas na TV aberta como CQC (Custe o que Custar), Pânico na Band e o programa da apresentadora Luciana Gimenez, o Superpop; do Presidente do Instituto Mises Brasil, Helio Beltrão; de Marcel Van Hattem, deputado federal pelo Rio Grande do Sul e filiado ao Partido de Arthur Moledo do Val, deputado estadual e youtuber, conhecido pelo pseudônimo “mamãe falei” e integrante do MBL; Eduardo Bolsonaro, deputado federal e o filho “03” do atual presidente, entre outros. Segundo a descrição da produção, “o objetivo era realizar o maior diagnóstico já feito — até então — sobre a situação econômica, política e cultural do Brasil”, o diagnóstico feito pela “nova direita”, conservadora nos costumes e liberal na economia.³⁰³

Todos esses atores fazem parte dessa extrema direita que ascendeu nos últimos anos do Brasil Recente e que focaram na defesa de pautas de caráter reacionário, ultraliberal para obter o consenso dentro da sociedade, trabalhando de forma conjunta em uma agenda que os aproximava ideologicamente, apesar de cada grupo e seus sujeitos possuírem suas especificidades.

Esses vídeos selecionados representam apenas uma pequena parte da produção de conteúdo antipetista e anticomunista que Nando Moura criou no período aqui analisado, visto que em uma breve busca em seu canal, podemos identificar diversos outros materiais audiovisuais produzidos desde a reeleição de Dilma até 2018, momento em que este agente passa a exercer posições explícitas de apoio a Jair Bolsonaro.

Abaixo, elaboramos um quadro descritivo geral com outras produções de Moura com conteúdos anticomunistas e antipetistas, com intuito contextualizar a importância dessa pauta na produção de seus conteúdos e para que possamos entender como foi construída uma das várias narrativas pertencente a essa agenda de classe que agentes do caos adotaram em suas produções nas redes.

³⁰³ SANTOS, Op. Cit., p. 61-62.

Quadro 2 – Vídeos de Nando Moura com conteúdo: anti esquerda, anticomunista e antipetista

Título do Vídeo	Data da publicação	Link do vídeo
Como o PT controla o Facebook?	17/01/2015	https://www.youtube.com/watch?v=f9DRIbDWB_Sg
Socialismo e Comunismo, Qual a diferença?	09/03/2015	https://www.youtube.com/watch?v=tw2HGgqTvbU&t=20s
O que dava pra fazer com o roubo do PT	27/04/2015	https://www.youtube.com/watch?v=VfYAevG6vu4
Karl Marx – O anticristo	28/10/2015	https://www.youtube.com/watch?v=5TjfR5SLI2g&t=367s
FIDEL MORREU: O diabo TREME	26/11/2016	https://www.youtube.com/watch?v=p7m-4dtGpM4
O Brasileiro MERECE um Lula	08/09/2017	https://www.youtube.com/watch?v=nu8gJDgSdIs
ENEM – Tem que esquerdar	05/11/2018	https://www.youtube.com/watch?v=gde0yJa7oU4

Fonte: Elaborado pelo próprio autor.

Feita a análise dos vídeos de Nando Moura, passaremos a analisar os discursos enunciados nas produções audiovisuais de Arthur do Val no canal “Mamaefalei” sobre a pauta anticomunista/antipetista, pois fez-se presente em sua atuação nas redes e nas ruas.

As características de estéticas dos vídeos de do Val seguem a mesma linha de Nando Moura, com apenas uma diferença operacional entre alguns dos vídeos. Construídos geralmente em dois cenários, um “clean” caracterizado por poucos detalhes, as produções audiovisuais desse influenciador mesclam entre as que ele faz em um cenário e as que ele dirige-se com a câmera até as manifestações de esquerda.

O primeiro vídeo selecionado intitulado “*PT, petistas e um desafio pra você!*”³⁰⁴ foi publicado no canal MamaFalei em 31 de agosto de 2015. Nessa produção vai se construindo uma narrativa de que não se pode defender os ideais PT. Antes, porém, identificamos uma diferença entre as produções de do Val e de Moura: enquanto as produções de vídeo do primeiro são marcados por uma preocupação mínima com estética visual, trilha sonora e tratamento de edição, no segundo, como dissemos, o cenário é

³⁰⁴ “PT, petistas e um desafio pra você”. In: **Canal “Mamaefalei”**. YouTube, 31 de agosto de 2015. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=QdyCb9zGJFo&t=267s> Acesso: 08.05.2022.

caseiro, um tanto tosco, com nenhuma (ou quase nenhuma) preocupação com aspectos visuais, sonoros e de cenário.

No vídeo mencionado acima, Do Val aparece em pé e ao fundo o cenário é marcado por uma parede com um tom não muito chamativo, aliás, como já citamos ele compartilha da mesma estratégia de Moura quando constrói essas produções cara a cara com a câmera, onde busca deixar o ambiente “clean” em uma estética que aparece constantemente em seus vídeos, fazendo com que isso proporcione ficar em evidência em frente a câmera, trazendo a atenção do espectador única e exclusiva para ele.

Figura 11 – Print do tema de abertura dos vídeos de Mamaefalei



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=QdyCb9zGJFo&t=267s>

Logo no início do vídeo, Do Val afirma que existiriam dois tipos de petistas, e como os apoiadores do PT se enquadram nesta distinção. Perceba leitor que ele já se coloca como um “prestador de serviço” em que ele ajuda aos seus ouvintes nas distinção dos dois tipos de petistas e como, segundo ele, estes grupos pensariam:

Basicamente existem dois tipos de petistas: o que pensa e o que não pensa. O que não pensa é aquele cara que ficou muito feliz quando o Lula aprovou lá o Bolsa Família, o cara ganhou lá o Bolsa Família e ficou muito feliz; e agora provavelmente é o cara que ta puto com a Dilma porque perdeu o emprego. Esse cara meu se não tem argumentação com um cara desse, esse cara é guiado por esmola”. [...] E ai tem o cara que pensa um pouquinho, e ai é que ta o drama, esse

cara normalmente não defende o PT, ele sem perceber defende os ideias do PT. [...] qualquer ideal de qualquer partido é a coisa mais linda do mundo. [...]³⁰⁵

Construindo a narrativa com argumentos de que o partido detinha os maiores níveis de corrupção existentes e que suas ideias, de características distributivas, não funcionavam, do Val aparenta uma “indignação” contra os que defendem o PT e suas políticas distributivas. Em um trecho podemos perceber a construção do argumento:

Toda política pra mim se resume só em duas coisas: ganhar e dividir, tudo. [...] Uns querem ganhar a qualquer custo, inclusive a custo da felicidade dos outros, não, isso ta errado. Mas outros querem dividir tudo, inclusive o que não tem, isso também ta errado, ou seja, políticas sociais insustentáveis só afundam o país e isso é o que ta no ideal do PT.³⁰⁶

Neste trecho, em que afirma que as políticas sociais do PT não funcionam, vemos que do Val traz um entendimento superficial sobre os significados e experiências históricas do socialismo ou do comunismo (algo inexistente, enquanto regime ou forma de governo na história do Brasil) quando afirma categórico que “outros querem dividir tudo, inclusive o que não tem” – evocando um discurso presente em distintos agentes do caos das “novas direitas”, que, alicerçados no *sistema de crenças* de Olavo de Carvalho, promoviam uma redução bisonha ao programa de governo do PT.

Em outro trecho, podemos identificar no discurso de MamaeFalei o apoio a Operação Lava Jato, tal qual como Moura, identificamos sua defesa e admiração pela figura do juiz Sergio Moro, em um trecho que ele sai em defesa do então juiz da 13ª Vara de Curitiba: “Tem gente que defende o PT, falando mal de outros partidos ou até do juiz Moro que está condenando os caras. [...] Cara você atacar o juiz que ta condenado as pessoas na Laja Jato é ridículo”³⁰⁷.

A relação de apoio à Operação Lava Jato, aliás, era uma constante em seus discursos. Em um vídeo intitulado “Rompe Jump – Lula Preso? – Foro privilegiado”, Arhur do Val comemorava uma possível condenação e prisão do então ex-presidente Lula, ao mesmo tempo em que criticara a nomeação dele para a Chefia da Casa Civil em 2016, vendo nesta ação uma tentativa de obter “foro privilegiado”.³⁰⁸

³⁰⁵ Idem

³⁰⁶ Ibidem.

³⁰⁷ Ibid.

³⁰⁸ “Rompe Jump – Lula Preso? – Foro privilegiado”. In: **Canal do Mamaefalei**. YouTube, 18 de dezembro de 2017. Link: <https://www.youtube.com/watch?v=IG-s1JOB1WI> Acesso: 14.03.2023.

Um outro vídeo selecionado, com postagem em seu canal em 21 de março de 2016, trazia o título: “Testando a militância petista na manifestação pro-governo do dia 18 de Março”³⁰⁹. Esse vídeo é o exemplo de um dos dois métodos de produção de conteúdo de do Val, onde utiliza uma câmera e adentra dentro de uma manifestação de apoio ao Partido dos Trabalhadores organizada pela militância e setores de esquerda.

Até a presente análise, este vídeo contava com mais de 1 milhão de visualizações e quase 70 mil curtidas positivas, o que o caracteriza como um dos mais vistos do canal. Isto permite inferir que os vídeos com maiores visualizações em seu canal possuem as mesmas estratégias de produção, ou seja, dirigir-se a manifestações de esquerda, e, em meio à multidão, causar transtornos e balbúrdia, travestidos de “questionamentos”. Podemos identificar na página inicial do seu canal, conforme abaixo, quais são os conteúdos com maior visualização.

Figura 12 – vídeos mais assistidos do canal Mamaefalei no YouTube



Fonte: <https://www.youtube.com/@Mamaefalei>

Analisando o vídeo selecionado, identificamos que Arthur do Val começa a produção sem nenhuma abertura, como costuma ocorrer em alguns de seus vídeos nesse formato e já inicia questionando um sujeito que está participando dos protestos indagando-o se ele é “contra ou a favor de Lula na Casa civil”, com uma resposta afirmativa o sujeito indagado por do Val responde que é a favor, logo após o mesmo faz outra pergunta “explica pra nós aqui, qual que é a importância da casa civil”.

³⁰⁹ VAL, Arthur do. “Testando a militância petista na manifestação pro-governo do dia 18 de março. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=58yys1cACYg> Acesso em 08/05/2023.

As condições de produção desse vídeo ocorreram no contexto de nomeação de Lula para o ministério da Casa Civil, anunciada em 16 de março de 2016³¹⁰. É sabido, hoje, que a nomeação fora suspensa pelo Supremo Tribunal Federal, com a afirmação de que a nomeação do ex-presidente representaria uma manobra política para impedir as investigações em andamento da Operação Lava Jato – pois, com o status de ministro, Lula passaria a ter “foro privilegiado” nas investigações, o que excluiria qualquer ação contra ele.³¹¹

Identificamos que o objetivo do vídeo é ridicularizar os manifestantes, para que o público pense que os que estão ali, não possuem capacidade de discernir sobre aspectos e objetivos da manifestação, inclusive o título “testando a militância petista” já é um indicativo de que a ideia não é questionar e sim ridicularizar a esquerda.

Assim como fizemos com Moura, elaboramos um quadro contendo outras produções de do Val com temas contra a esquerda, o comunismo, Lula e o PT. A seguir mostraremos um quadro elaborado com outras produções audiovisuais de Mamae falei com conteúdos anti esquerda, antipetismo e anticomunismo.

Quadro 3 – Videos do MamaeFalei com conteúdo: anti esquerda, anticomunista e antipetista

Título do vídeo	Data da publicação	Link do vídeo
Questionando a Militância	03/05/2016	https://www.youtube.com/watch?v=BF_ksvYFhBA
Contra Impeachment no Senado – Fora Temer / Volta Dilma	02/09/2016	https://www.youtube.com/watch?v=PdC6P5anZEY
MTST – Acampamento Paulista	06/03/2017	https://www.youtube.com/watch?v=W5TjIRqJsJ4
Manifestação Depoimento Lula - Curitiba	10/05/2017	https://www.youtube.com/watch?v=Sls_T-bb3Gc
Lula Condenado	26/01/2018	https://www.youtube.com/watch?v=XyNLryGRxvY&t=11s

³¹⁰“Planalto anuncia Lula como novo ministro da Casa Civil. In: **G1**, 16 de março de 2016. Link: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2016/03/planalto-anuncia-lula-como-novo-ministro-da-casa-civil.html> Acesso em 08/05/2023.

³¹¹Gilmar Mendes suspende nomeação de Lula como ministro da Casa Civil. In: **G1**, 18 de março de 2016. Link: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2016/03/gilmar-mendes-suspende-nomeacao-de-lula-como-ministro-da-casa-civil.html> Acesso em 08/05/2023.

De onde vem a Doutrinação – Paulo Freire	12/07/2018	https://www.youtube.com/watch?v=1cd1TjS_v4Y
--	------------	---

Fonte: Elaborado pelo próprio autor

Por sinal, grande parte dos seus vídeos de caráter antiesquerda e anti-PT são moldados nessa prática de desqualificar e ridicularizar manifestantes ou militantes de esquerda nas ruas, com o pressuposto caotizante de que, ao serem abordados, não sabem o definir conceitos, dados e fatos da realidade e nem que estão fazendo nas manifestações.

Ainda que possam realmente existir manifestantes de esquerda com pouca qualificação intelectual para responder questões sobre “o que é” ou “por que defende”, a prática utilizada associa-se a uma tática imediatista, constrangedora e antiética.

3.2. Valores ultraliberais e posições anarcocapitalistas

“Imposto é roubo”, “Estado não é necessário”, “livre mercado” e “liberdade econômica”: estes são alguns dos lemas propalados pelo grande empresariado, bancadas parlamentares e setores do capital financeiro, que contam com diversos aparelhos privados de hegemonia – Instituto Livre Mercado, Instituto Mises Brasil, Instituto Millenium, dentre outros.

Aparelhos dispostos a forjar consensos (à base de discursos de força) em torno de um ideário ultraliberal dotado de posições anarcocapitalistas que ecoam em estratos das “novas direitas” brasileiras³¹² e, por conseguinte, atravessam discursos de agentes do caos como Nando Moura e Arthur do Val. Cabe sublinhar que o estudo do ultraliberalismo e do anarcocapitalismo realizado nesta dissertação será feito de modo breve, necessitando de maior aprofundamento em pesquisas futuras.

Neste sentido, ao pensarmos como se deu o processo de hegemonia do pensamento ultraliberal, precisamos situá-lo em dois contextos históricos paradigmáticos, porém vividos de maneira assimétrica por países capitalistas centrais e os da periferia.

³¹² FONSECA, Francisco, op. Cit., p. 49-103; DAL PAI, Raphael. **Instituto Ludwig von Mises Brasil**: os arautos do anarcocapitalismo. Dissertação (Mestrado – História). 227f. Marechal Cândido Rondon: Universidade Estadual do Oeste do Paraná, 2017. “Imposto é roubo? Estado é quadrilha? o Instituto Ludwig von Mises Brasil” e o Estado. In: **Revista Interdisciplinaria de Estudios Sociales**, v. 1, p. 39-69, 2019, p. 39-69

De um lado, o contexto histórico de crise aguda das democracias burguesas, de “crack” financeiro e do Estado liberal-constitucional na Europa que promoveu o ascenso de regimes fascistas e a explosão da Segunda Guerra Mundial, e de outro, as crises sistêmicas do capital financeiro a contar da década de 1970 que colocou em cheque, nos países desenvolvidos em princípio, a concepção intervencionista do Estado na economia e na sociedade, colocando na ordem do dia os pilares ideológicos e materiais do projeto neoliberal, marcado pela desregulamentação dos mercados, pela reorganização/flexibilização dos direitos trabalhistas e pela defesa do individualismo.³¹³

Assim, os projetos de ação estatal baseados em propostas de intervenção na economia começaram a encontrar resistências e oposições em setores reacionárias da burguesia internacional, que viam no Estado o órgão supressor das “liberdades”, do “jogo do mercado” e dos direitos nada limitados dos “indivíduos”. Embora suas raízes estejam alicerçadas na “Sociedade Mont Pelèrin”, que reuniu intelectuais ultraconservadores como Friedrich Hayek, Ludwig von Mises e Milton Friedmann, somente a partir das décadas de 1970 e 80 (contexto de governos Reagan e Thatcher) na Europa e Estados Unidos, e das décadas de 1980 e 1990 em diante em países periféricos como o Brasil (contexto de fim da ditadura e de uma instável “transição democrática”) que o neoliberalismo fez valer seus termos.

Porém, em meio às próprias crises do capital, é que ganha espaço um processo de radicalização do neoliberalismo (e como “solução” do capitalismo em crise) através da emersão do pensamento ultraliberal.

Francisco Fonseca, por exemplo, vai enfatizar que a difusão e disseminação das ideias ultraliberales conquistarão espaços através da reorganização político-ideológica de grupos de direita que se apropriaram das doutrinas das “escolas de economia”: a Escola Austríaca, a Escola de Virginia e a Escola de Chicago.³¹⁴

Essas três escolas funcionam tanto como produtoras de princípios teóricos como propagadoras ideológicas, com grande capacidade de aglutinar e espalhar temas de uma Agenda antiintervencionista. O discurso básico dada as devidas peculiaridades de cada uma delas – e mesmo eventuais discordâncias –, conflui para o tema da liberdade

³¹³ ANDERSON, Perry. Balanço do neoliberalismo. In: SADER, Emir & GENTILI, Pablo (orgs.). **Pós-neoliberalismo**: as políticas sociais e o Estado democrático. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995, p. 09-23; HOBBSAWM, Eric. **A era dos extremos**: o breve século XX (1914-1991). São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

³¹⁴ FONSECA, op. Cit., p. 74.

individual, ou melhor, a perspectiva do individualismo. Portanto estas são, de forma panorâmica, as principais referências ultraliberais.³¹⁵

É a partir dessas correntes ideológicas que aparecerão no Brasil a contar dos anos 1980, publicações reeditadas dos principais teóricos do ultraliberalismo, como os citados Ludwig Von Mises, Friedrich von Hayek e Milton Friedmann, dentre outros. Sem entrar das diferenças existentes entre as suas concepções, importante destacar as funções restritivas que a doutrina ultraliberal estabelece para o Estado: a) garantia da ordem e da paz; b) garantia do direito “sagrado” à propriedade privada; c) garantia do livre mercado e d) garantia da desregulamentação e flexibilização dos mercados.³¹⁶

Para Fonseca, os ideólogos representantes dessas escolas, cada qual em sua particularidade, passaram a ser incorporados sem qualquer mediação da crítica por setores do grande empresariado no Brasil – caso, em seu estudo, das principais empresas midiáticas e os *think tanks* que expressam os seus interesses³¹⁷ – com o objetivo de disputar a hegemonia em um país em crise com os ideais ultraliberais. Principalmente, propondo uma visão de mundo na qual o mercado se autorregula e que a partir do “livre mercado” a sociedade dos indivíduos conseguiria superar todas as suas crises e se reinventar.

O que nos faz aproximar a “teoria geral” do ultraliberalismo a uma de suas particularidades doutrinárias: o libertarianismo ou anarcocapitalismo. A teoria do libertarianismo, tem origem no economista americano Murray Rothbard (1926-1995) e com seu aluno Hans-Herman Hoppe (1949). Essa corrente de pensamento veio a ser caracterizada posteriormente como anarcocapitalismo, que tem como uma das principais ideias a supressão do Estado e a defesa ampla da individualidade. Ambos pertenciam a corrente de pensamento vinculada a Escola Austríaca de economia, que tem como uma das figuras mais famosas, Ludwig Von Mises.³¹⁸

Em linhas gerais, o anarcocapitalismo é caracterizado pela defesa impetuosa de que o Estado é o responsável por criar restrições e “constrangimentos” às “livre-ações” dos indivíduos e que a sua emancipação só seria possível através do livre mercado e da

³¹⁵ Ibid, p.75.

³¹⁶ Ibid., p. 61.

³¹⁷ Ibid., p. 170.

³¹⁸ Ludwig Heinrich Edler von Mises (1881-1973) foi um economista teórico de nacionalidade austríaca e, posteriormente, americana, de origem judaica, que foi membro da Escola Austríaca de pensamento econômico. É conhecido principalmente por seu trabalho no campo da praxeologia, o estudo dedutivo das ações e escolhas humanas. O conceito de economia proposto por Mises e que terá importante influência na Escola, tem como pressuposto a ação humana individual como axioma praxeológico fundamental.

propriedade privada. Segundo Raphael Dal Pai, o anarcocapitalismo pode ser entendido em três eixos principais:

- 1) a não agressão aos não agressores e suas propriedades; 2) o entendimento de que o Estado é uma instituição agressiva e que não permite aos sujeitos fazerem uso pleno de sua liberdade e direitos; 3) uma vez que não existe “bens públicos” – na concepção do termo pelos anarcocapitalistas – o mercado teria plenas condições de oferecer os mesmos serviços do estado e de maneira superior.³¹⁹

Na visão dos anarcocapitalistas, o Estado não apenas representa o “vilão” da sociedade – que sobrecarrega os indivíduos de taxas e impostos, roubando-lhes os próprios meios de regular suas vidas pessoais e privadas – como esta seria operada de maneira muito mais efetiva se comandada pelas “mãos” da iniciativa privada.

Isto não quer dizer que a doutrina anarcocapitalista/libertarianista queira ou possa realmente eliminar o Estado. Tratando sobre as ações Instituto Mises Brasil, Dal Pai faz a seguinte observação:

[...] mesmo com o IMB defendendo que “libertários” não devem atuar dentro do Estado para mudá-lo, ou melhor, acalentando a não participação na esfera da “sociedade política”, a negação de uma relação com o Estado apenas se opera no campo das ideias, pois é a partir de sua relação com o Estado, como bem ressaltou Virgínia Fontes, que os aparelhos privados de hegemonia reforçam a si mesmos [...] ³²⁰

Portanto, é contra o “Estado de Bem-Estar Social” ou, no caso brasileiro, o combalido Estado democrático de direitos que precisaria desmontado para que o capitalismo financeiro se reproduzisse com maior “liberdade” e “segurança”.

Nesse sentido, podemos identificar uma faceta de Nando Moura – pouco exibida ou comentada por ele: a de *garoto-propaganda* e sócio ativista no campo do “empreendedorismo” e da financeirização no interior de uma gestora de investimentos, fundos de previdência privada e mercado de ações denominada “Clube do Valor”, com sede em Porto Alegre e em São Paulo (nesta capital, situada na famosa Avenida Faria Lima, a mesma que abriga FIESP e corporações empresariais).

De acordo com o site da gestora:

O Clube do Valor é uma gestora de investimentos fundada por Ramiro Ferreira e Bruno Strack. Analisando o mercado brasileiro, constataram

³¹⁹ DAL PAI (2019), op. Cit., p. 42.

³²⁰ DAL PAI (2018), op. Cit., p. 28.

que muitos brasileiros tem pouco ou nenhum conhecimento sobre investimentos, às vezes, tendo isso como algo fora de seu alcance. Determinados a mudar esse cenário, decidiram abrir a própria estratégia para qualquer pessoa interessada, assim nasceram o canal do YouTube, o blog e os nossos cursos. Hoje, contamos com mais de 80 colaboradores unidos por essa mesma missão.³²¹

– Embora não tenhamos descoberto quem seriam os “mais de 80 colaboradores”.

Dentre os “pacotes de investimentos” oferecidos pela empresa, um deles traz a participação ativa de um “empreendedor” em especial, o próprio Nando Moura: trata-se de um curso online denominado “Mestres do Capitalismo”.³²²

Criado em 2018 por Moura e Ramiro Ferreira, “Mestres do Capitalismo” é, nas palavras dos seus criadores, “um curso que promete transformar a vida dos brasileiros e ser um dos maiores cursos de educação financeira do mundo”³²³. Partindo das experiências de vida dos próprios criadores e, se seguido conforme os ensinamentos do curso, pode proporcionar aos clientes a saída de endividamentos e o máximo de ganho no mercado imobiliário e financeiro. Pois, como diz o lema da empresa: “Invista no maior patrimônio da sua vida: a Tranquilidade Financeira”.

Sem que nos aprofundemos, é bastante perceptível nesta atuação empresarial de Nando Moura com a gestora de investimentos “Clube do Valor” certas características ideológicas veiculadas por *think tanks* ultraliberais no Brasil desde as décadas de 1980 e 1990, marcadas por rescaldos doutrinários de Mises acerca da defesa do livre jogo do mercado e da propriedade privada como garantidores da ordem e da paz, contrapostos a quaisquer formas de intervenção do Estado³²⁴. O lema não deixa dúvidas: é a “tranquilidade financeira” o “maior patrimônio” que garante a segurança de cada um, e por conseguinte, de todos.

Voltando ao curso, tendo por base o primeiro vídeo publicado em canal homônimo com o objetivo de apresentar as “vantagens” do curso, podemos observar alguns pontos interessantes de análise do perfil ideológico de Nando Moura que, conforme dissemos, não era (e não é) explicitado pelo “influenciador”, e difere bastante da estética de produção dos vídeos “caseiros” e “toscos” postados no seu canal particular do YouTube.

³²¹ “Quem Somos”. In: <https://clubedovalor.com.br/sobre/> Acesso em 10/05/2022.

³²² Disponível em <https://clubedovalor.com.br/sobre/> Acesso em 10/05/2022

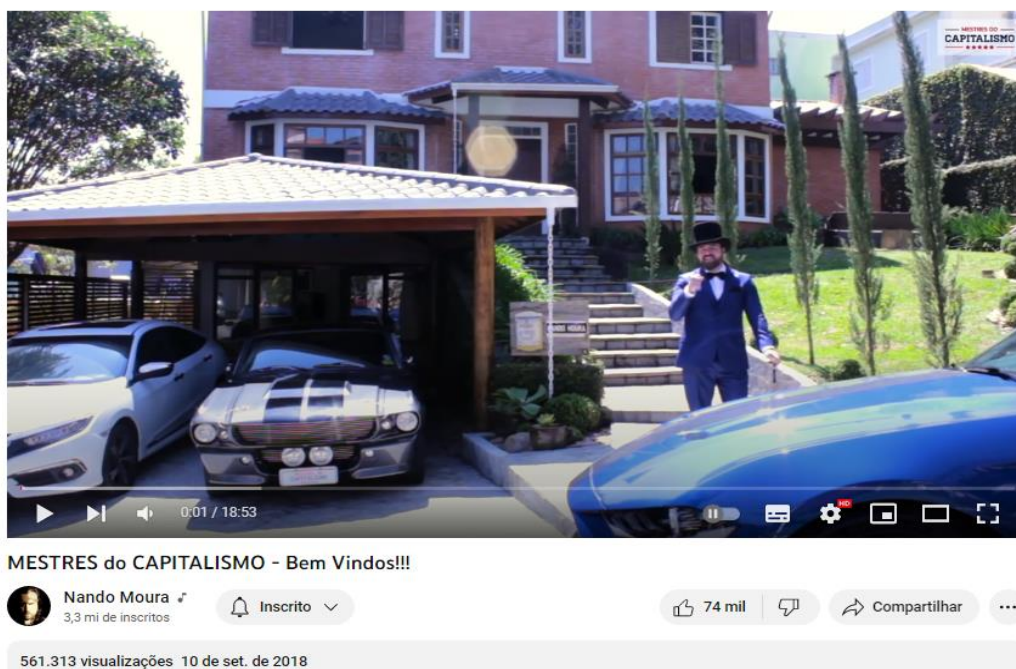
³²³ Página oficial da divulgação e venda do curso. <https://mestresdocapitalismo.com.br/> Acesso em 10/05/2023.

³²⁴ FONSECA, op. Cit., p. 60-62

Publicado em 10 de setembro de 2018, com o título de “Mestres do Capitalismo – Bem Vindos!!!”³²⁵, este vídeo contém uma estrutura de produção com montagem e edição de qualidade, um trabalho fotográfico e audiovisual profissional, a escolha de um cenário apropriado à performance do “homem de sucesso”, a exposição de carros de luxo e uma mansão (ao fundo).

Na posição de garoto-propaganda da produção audiovisual, Moura exibe um figurino aristocrático, com direito a cartola, gravata borboleta, bengala e terno de linho. Isto porque como ele próprio diz no início do vídeo: “Dias especiais, merecem roupas especiais: este é o ‘Mestres do Capitalismo’”. De fato, uma estética da exuberância, da riqueza e da conquista individual já chama a atenção do espectador.

Figura 13 – Corte inicial do vídeo de Nando Moura em “Mestres do Capitalismo”



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=HKp-r0eTK9U>

Na imagem acima, print do vídeo, temos a mencionada estética visual utilizada por Nando Moura e Ramiro Ferreira para promover o curso “Mestres do Capitalismo”. Neste enquadre, em particular, temos um efeito de conjunto que parece traduzir bem o “espírito” do curso e, por conseguinte, do “Clube do Valor”, que poderia ser resumido por uma frase

³²⁵ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=HKp-r0eTK9U> Acesso em 10/05/2023.

publicitária de tipo imperativo: “você pode ter todas estas maravilhas e muito mais. Então faça parte dos ‘Mestres do Capitalismo’”. É o que o vídeo sugere.

Para quem analisa a produção, é possível perceber que os responsáveis pela montagem e edição utilizam-se de algumas técnicas cinematográficas. Logo nos primeiros minutos, uma série de cortes rápidos, planos diferenciados (primeiro plano, plano americano ou médio, plano detalhe, plano aberto) e enquadramentos alternando rodas e placas de automóveis (com o nome de Nando Moura), o vestuário “garboso” – como ele próprio diz – e um “Rolex” de pulso, culminam com um movimento de baixo para cima que pretende evidenciar a pujança e a imponência do garoto-propaganda e, no decorrer do vídeo, a decisiva influência do produto a ser vendido (curso).

O cenário escolhido para as filmagens é sintomático: sua própria casa, que ele denomina de “mansão” e a “diferença gigantesca” desta com a “manchão” em que residia anteriormente (referindo-se a um vídeo anterior). Por que a comparação? “Eu consegui chegar até aqui com muito suor, sangue, criatividade”, para, na sequência, remeter ao curso dizendo que “os meus gestores financeiros, o Ramiro e o Bruno, vão te ensinar também no curso ‘Mestres do Capitalismo’”.

Em seguida, de dentro de um Mustang, lança mão de conhecido mantra do marketing do mercado financeiro e, no espectro ideológico, da perspectiva ultraliberal do curso, para identificá-lo com o discurso da “prosperidade” nos negócios privados:

Esse é o maior e mais completo curso de finanças pessoais e educação financeira já disponibilizado no Brasil. E você sabe que você vai precisar destes conhecimentos, se você quiser prosperar em um país como o nosso [...] eu quero que você preste muita atenção, por que aqui é o começo da mudança da tua vida financeira [...] a qualidade você já conhece: é como Brasil Paralelo, a Master Class, o curso de inglês do professor Julio Silveira... você pode ter certeza que nós vamos fazer tudo para honrar cada um dos centavos que você investiu aqui.³²⁶

Com duração de pouco mais de 18 minutos – na maior parte do tempo conduzida por Ramiro Ferreira – somos entronizados à proposta do curso de propiciar aos clientes uma vida de sucesso financeiro. É o que diz Ramiro: “neste vídeo, eu vou te mostrar o que separa as pessoas que conquistam o sucesso financeiro daquelas que vivem correndo atrás de dinheiro no final do mês”. Mas um detalhe: faz questão de afirmar que o curso

³²⁶ “MESTRES DO CAPITALISMO – Bem-Vindos!!!”, op. Cit. Cabe assinalar que a aparição de Moura reserva-se aos primeiros três minutos do vídeo, corroborando com nossa tese do papel dele de garoto-propaganda (embora também participe na condição de ministrante de aulas no curso).

não ensina “como ficar rico rápido e fácil”, nem se baseia em “pirâmides financeiras” ou “criptomoeda”, para asseverar:

É sobre a relação entre você e o seu dinheiro [...] é sobre ganhar mais e tomar boas decisões e trilhar um **caminho seguro (?)**, rumo a construção de um patrimônio que proporcione a você mais tranquilidade e **liberdade**.³²⁷ (grifos nossos)

Neste sentido, podemos notar que a pauta ultraliberal e anarcocapitalistas estão presentes, de certo modo, nos discursos enunciados por Nando Moura e Arthur do Val em seus vídeos nos respectivos canais do YouTube. Dito isto, passaremos a analisar como tal pauta relacionada ao campo político-econômico das “novas direitas” vem associada à tese de que a esquerda (PT) quer controlar a população através do Estado e da estatização da propriedade privada, privando as liberdades individuais e promovendo a “corrupção”.

Conforme afirmou Flávio Casimiro:

A aposta no discurso ultraliberal na economia e conservador nos costumes parece ter sido a junção conjuntural que melhor se apropriou e explorou as nuances do crescente sentimento de antipetismo na sociedade brasileira e do discurso “anticorrupção”. Esse sentimento foi fortemente funcionalizado, por um lado, diante da conjuntura de crise econômica e seus efeitos sociais [...] A própria direita tradicional e setores de centro-direita, inclusive considerados progressistas – como setores midiáticos, a exemplo da própria rede Globo – contribuíram substancialmente para o fortalecimento dessas concepções.³²⁸

No primeiro vídeo de Nando Moura, identificamos a presença do tema da cobrança de impostos. O vídeo, publicado no seu canal em 20 de janeiro de 2015 intitulado “IPVA – *Quais são seus DIREITOS?*”³²⁹, traz, como dissemos, Moura sentado em frente para câmera, sem muitos detalhes ao fundo. Diz o agente do caos:

O seu IPVA, já chegou? E o seu IPTU, já chegou? É ou não é um governo perverso que força o empresário a conceder em dezembro, que força a máquina pública conceder em dezembro, só para poder tomar tudo novamente em janeiro. Eu quero lembrar que quando você comprou seu carrinho, metade desse carro você já deu pro governo, se esse seu carro custou 35 mil reais, 17 mil reais foram pro governo só de imposto.³³⁰

³²⁷ Idem.

³²⁸ CASIMIRO (2020), Op. Cit., p. 151-152.

³²⁹ “IPVA – Quais são os seus DIREITOS”. **Canal do Nando Moura**. YouTube, 20 de janeiro de 2015. Link: <https://www.youtube.com/watch?v=Sf4evhPFB6c> Acesso: 17.03.2023.

³³⁰ “IPVA – Quais são os seus DIREITOS”, op. Cit.

Perceba neste trecho que a construção do discurso de Moura é feita envolta a cobrança de impostos sobre a compra de carros, aqui também podemos identificar a relação da teoria anarcocapitalista com a noção de que “imposto é roubo”. Em outro trecho seguinte, ele reafirma:

Mas mesmo assim o governo lhe escravizará pro resto da sua vida, lhe cobrando mais um imposto, em cima do seu carro, pelos próximos vinte anos. Eu quero que você entenda que o IPVA era para ser um imposto provisório, não era para ser um imposto perpétuo, mas hoje é um imposto perpétuo, por que? Porque sempre que o governo faz cagada e precisa de alguém pra pagar a conta, é do seu bolso que eles vão tirar.
331

No trecho acima, Moura coloca o Estado como um agente que escraviza as pessoas pois cobra impostos sobre suas propriedades privadas, fazendo uma relação de que o Estado é oneroso, mas que a conta é paga pela sociedade – o que não ocorreria caso estivéssemos, nesta ótica, sob o talante do anarcocapitalismo.

Em outro vídeo publicado por Moura podemos perceber essa defesa dos ideais anarcocapitalistas e a narrativa de domínio da população por meio do Estado. Intitulado “*VOCE ‘Mindinglis’??? Bolha chinesa*”³³², publicado no canal em 25 de agosto de 2015, o influenciador vai discorrer sobre a bolha imobiliária³³³ que supostamente estaria se formando na China que conforme o Estado chines estaria gestando a economia, ela quebraria o mundo todo:

[..] O que nos preocupa de verdade não é nem a bolsa de valores chinesa. E é a bolha imobiliária que esta instaurada na China hoje. E essa bolha imobiliária quando estourar, vai levar todo o mundo para uma catástrofe jamais vista na história vista da humanidade. Que vai fazer com que a bolha imobiliária americana, que nós sofremos agora pouco, pareça uma “marolinha”. [...] Quando a bolha imobiliária chinesa explodir aí sim você vai ver o que é uma catástrofe mundial. O que a China apresenta hoje para nós, é um novo comunismo, não é aquele comunismo que prevê estatizar tudo, mas é aquele comunismo que mantém o povo aprisionado pelas intervenções do governo na economia.³³⁴

³³¹ Ibidem.

³³² “VOCE ‘Mindinglis’??? Bolha Chinesa”. **Canal do Nando Moura**. YouTube, 25 de agosto de 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yEIXXzD9Q60> Acesso em 17/05/2023.

³³³ Bolha imobiliária é como é chamado na economia um aumento brusco nos preços dos imóveis, causado por algum tipo de alteração econômica, política ou social. Como estes novos valores não refletem o preço real do imóvel, essa bolha tende a “estourar”, fazendo com que os preços também caiam substancialmente em um curto

³³⁴ “VOCE ‘Mindinglis’??? Bolha Chinesa”, op. Cit.

Perceba que o contexto de produção deste vídeo ocorreu num período em que a economia chinesa sofria uma repentina crise, com a queda da Bolsa de Xangai que, por sua vez, gerara queda nas finanças em diversas partes do mundo, inclusive no Brasil.³³⁵

Não sabemos se ele leu matérias da imprensa, mas o discurso de Moura é construído buscando associar a intervenção do Estado no desenvolvimento da economia como sinônimo de ineficácia, que, no caso chinês, teria resultado na crise. Mais: chegou a dizer que a intervenção do governo chinês na economia aprisionava o povo, comparando essa política com as decisões dos governos do PT de implantar programas sociais: “porque eles precisam manter esse fluxo constante de desenvolvimento, de construções que foi o mesmo modelo que o Lula e a Dilma tentaram colocar aqui com minha casa, minha vida”.

336

Perceba-se que quando Nando cita o Minha Casa, Minha vida ele está falando contra um projeto que proporcionou milhares de pessoas que não tinham condições a conquistar o direito da moradia, através de políticas econômicas feitas pelo Estado, nos governos Lula e Dilma. Posteriormente, Moura deixa claro a doutrina anarcocapitalista do Estado que escraviza as pessoas e não permite a liberdade econômica:

[..] É um é o novo modelo de economia comunista, que mantém o povo escravizado, não porque estatiza as empresas, mas porque cobra tanto imposto do povo simplesmente não pode fazer mais nada, é o governo que controla tudo. Pense na sua vida hoje, se você nasceu em uma classe média e você comprar uma casa e um carro, você estará escravizado para o resto de sua vida com dívidas e impostos.³³⁷

No trecho acima, percebemos que o discurso de Moura evoca o tom intervencionista do Estado e que essa intervenção feita pelos novos modelos de governo que ele diz socialistas e comunistas, não busca mais tornar as empresas parte do Estado, mas sim, na visão dele fazer com que a população fique endividada com o Estado que ainda cobrará impostos sobre o seu capital. Algo que para um defensor do anarcocapitalismo, constitui uma agressão a “sacrossanta” propriedade privada.

³³⁵ “O mundo precisa se preocupar com o mergulho da bolsa chinesa?” In: **BBC – Brasil**, 24 de agosto de 2015. Link: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/08/150824_bolsas_china_queda_dw_cc Acesso: 16.03.2023.

³³⁶ Idem.

³³⁷ Ibidem.

O quadro a seguir foi montado a fim de identificar alguns outros vídeos em que Nando Moura, defende concepções que pregam o fim da intervenção do Estado na economia.

Quadro 4 - Vídeos do Nando Moura com conteúdos ultraliberais e anarcocapitalistas

Título do vídeo	Data da publicação	Link do vídeo
Dilma–Como evitar o APOCALIPSE ?	04/02/2015	https://www.youtube.com/watch?v=oabrPmk59rs
O apocalipse é AGORA! (1/2)	26/08/2015	https://www.youtube.com/watch?v=l0k13JduCTQ
O apocalipse é AGORA! (2/2)	26/08/2015	https://www.youtube.com/watch?v=20Q2qzmpxNk&t=329s
IPVA + IPTU – Para onde eles vão???	09/01/2016	https://www.youtube.com/watch?v=rr4Bd5snnic&t=303s

Fonte: Elaborado pelo próprio autor

Arthur do Val também tem em seus vídeos, produções que remetem ao ultraliberalismo e a asserções anarcocapitalistas. Assim como fizemos anteriormente, construímos um quadro com vídeos relacionados temas e conteúdos ultraliberais e anarcocapitalistas e principalmente contra o Estado, produzidos no Canal de Mamaefalei. Conforme podemos ver abaixo.

Quadro 5 – Vídeos do MamaeFalei com conteúdos de caráter ultraliberais e anarcocapitalistas

Título do vídeo	Data da publicação	Link do vídeo
Direitos Trabalhistas	21/06/2015	https://www.youtube.com/watch?v=fs16b2sUEYk&t=345s
Whatsapp e a Liberdade	24/12/2015	https://www.youtube.com/watch?v=Rdvinyg1HxA
Previdência Social	16/04/2016	https://www.youtube.com/watch?v=lKCzO0Gdtyo
FGTS é roubo!	28/04/2016	https://www.youtube.com/watch?v=4U-ydBhpoEM
Vouchers – Educação	27/11/2016	https://www.youtube.com/watch?v=K4skruvu75g
Troca de Figurinhas – Livre Mercado	04/09/2017	https://www.youtube.com/watch?v=jszdaskEeJM

Fonte: Elaborado pelo próprio autor.

Em vídeo publicado em 25 de setembro de 2015 com o título de *CPMF*³³⁸, podemos observar na construção do discurso de do Val a concepção anarcocapitalista de que “imposto é roubo”, ao discorrer sobre o que seria a Contribuição Provisória sobre Movimentação Financeira (CPMF)³³⁹ e como o governo engessa a economia através da cobrança de impostos. Em um trecho destacamos o seu discurso:

Mas afinal o que é a CPMF? O famoso imposto do cheque. É uma porcentagem paga pela movimentação financeira, você compra alguma coisa e paga, você paga por ter pago, deu pra entender? É tipo assim, quando você ganha dinheiro, você paga o teu imposto de renda, aí você quer comprar alguma coisa, cê vai lá e compra, então provavelmente você já vai pagar o imposto daquele cara ter produzido aquela coisa e ter vendido aquela coisa pra você, fora o imposto que ele vai pagar de renda de lucro sobre aquilo.³⁴⁰

Perceba no trecho acima a veemente construção do discurso contra a cobrança de impostos por parte do governo e como o brasileiro paga muitos impostos em um simples produto que queira comprar, perceba que nesse trecho, é possível observar a ideia de “Estado Inchado” que esses anarcocapitalistas defendem. Ele continua:

Daí quando você paga aquele negócio, você vai movimentar o dinheiro, aí você vai pagar por ter movimentado esse dinheiro, ou seja, você vai pagar mais um imposto por ter pago tudo aquilo, quando o dinheiro sai da sua conta e vai pra outra conta, você paga uma porcentagem pro governo, que merecimento que um governo tem pela operação que você acabou de realizar. Não e ainda tem gente que defende não, mas é só um pouquinho, é tão baratinho o imposto. Cara não interessa se o imposto não é devido, se imposto é absurdo, que fosse um centavo, ele é caro porque ele é errado, mas errado ainda é se você levar em conta o que esse imposto está pagando, que são os maus serviços do governo. Isso é o exemplo oposto do que é liberdade econômica.³⁴¹

Esse trecho nos permite desvendar algumas camadas do seu discurso e identificar que essa agenda na defesa da liberdade econômica, é encontrada em diversos artigos do Instituto Mises Brasil. A ideia do “imposto é roubo” pode ser encontrada em dois artigos

³³⁸ “CPMF”. In: Canal do “Mamaefalei”. YouTube, 25 de setembro de 2015. Link: <https://www.youtube.com/watch?v=mF1ryb80UgU> Acesso em 17/05/2023.

³³⁹ A Contribuição Provisória sobre Movimentação Financeira (CPMF) foi uma cobrança que incidiu sobre todas as movimentações bancárias, exceto nas negociações de ações na Bolsa, saques de aposentadorias, seguro-desemprego, salários e transferências entre contas correntes de mesma titularidade e vigorou no Brasil por 11 anos. Para maiores informações, ver página do Senado Federal. Link: <https://www12.senado.leg.br/noticias/entenda-o-assunto/cpmf> Acesso: 23.04.2023.

³⁴⁰ “CPMF”, op. Cit.

³⁴¹ Ibidem.

disponíveis no site do IMB, um intitulado “Impostos, moralidade e ética”³⁴² de autoria de Hoppe, que é membro da Escola Austríaca de Economia e foi orientando de Rothbard e também outro intitulado “Impostos nada mais são do que roubo legalizado” de autoria de Juan Ramón Rallo³⁴³, autor espanhol que faz parte do IMB atuando na Espanha.

Em outro vídeo intitulado “*Por que me tornei um liberal?*”³⁴⁴, datado de 10 de agosto de 2016, Do Val vai discorrer sobre o porque se tornou um liberal. A narrativa utilizada por ele é seguir na mesma premissa de que o Estado impede o desenvolvimento das pessoas e suas liberdades, no trecho a seguir a ideia fica evidente:

Eu também cai no conto de fadas, de que o Estado era algo maravilhoso e servia para distribuir a renda entre as pessoas, pra promover a igualdade entre as pessoas. [...] Eu comecei a entender como que funciona o Estado, e olha só que coisa, tanto nas coisas que eu lia, nas coisas que eu ia atrás, que eu aprendia na teoria, tanto na prática, vivendo, trabalhando no dia-a-dia, eu comecei a perceber que o Estado é ruim cara, tudo que é estatal é ruim cara, é impressionante, tudo que é público, é ruim. (VAL, 2016)

Percebemos que a construção do seu discurso nessa produção continua seguindo a mesma linha de taxar o Estado como o mal da sociedade e que a “a esquerda restringe a liberdade econômica das pessoas” e deixa a entender que qualquer ação da iniciativa da privada no âmbito da sociedade, é sinônimo de prosperidade.

Com vistas ao encerramento – ciente de seus limites descritivos e analíticos – nosso objetivo neste capítulo foi o de evidenciar o quanto as produções audiovisuais concernentes aos canais de Nando Moura e Arthur do Val no YouTube, acompanhadas da apresentação dos quadros com um conjunto maior de vídeos, foram produtores e veiculadores de discursos alinhados com a agenda anticomunista (antipetista) e ultraliberal (anarcocapitalista) das “novas direitas” no Brasil recente.

³⁴²“Imposto, moralidade e ética”. In: **Instituto Mises Brasil**. julho de 2020. Link: <https://mises.org.br/article/926/impostos-moralidade-e-etica#:~:text=Impostos%20s%C3%A3o%20pura%20e%20simplesmente,n%C3%A3o%20h%C3%A1%20como%20faz%C3%AA%2Dlo>. Acesso em 17/05/2023.

³⁴³“Impostos nada mais são do que roubo legalizado”. In: **Instituto Mises Brasil**. novembro de 2018. Link: <https://mises.org.br/article/2725/impostos-nada-mais-sao-do-que-roubo-legalizado> Acesso em 17/05/2023.

³⁴⁴“Por que me tornei um Liberal?”. In: Canal do “Mamaefalei”. YouTube, 10 de agosto de 2016. Link: <https://www.youtube.com/watch?v=fl8qlxK3Q8> Acesso em 17/05/2023.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A história do início do século XXI parece repetir a do século XX. De um lado insurgências populares despontam em vários cantos. De outro lado há o claro crescimento da extrema direita conservadora.³⁴⁵

Nos últimos anos temos vivenciado no Brasil a maior instabilidade democrática desde o questionável processo de “transição” a partir dos anos 1980. Esse quadro de instabilidade política fez do Brasil um terreno fértil para a ascensão da agenda ultraliberal-conservadora, através da atuação de intelectuais e de aparelhos privados de hegemonia que possibilitaram a ascensão de um projeto reacionário e fascistizante que culminou na eleição de Jair Bolsonaro a presidência em 2018, mas que começou se desenhar a partir da década de 1990 com as mudanças na estrutura política e social do país.

Diante do ressurgimento e ascenso de grupos, sujeitos e organizações de extrema direita que possuem pautas reacionárias, apelos a discursos de ódio, enaltecendo torturadores e marginalizando direitos e conquistas que foram conquistados ao longo de anos de lutas, esse trabalho teve como objetivo identificar e compreender como atuam e se organizam alguns dos sujeitos que estão por trás da disseminação dessa agenda dentro das plataformas digitais e em especial o YouTube.

Buscando entender e evidenciar esse novo *modus operandi* que as direitas adotaram no final da primeira década do século XXI, entendemos que foi de suma importância o papel que a internet e as plataformas digitais ocuparam no processo de radicalização dos discursos e na fascistização ocorrida em estratos da sociedade brasileira através de seus aparelhos de difusão doutrinária.

Entendendo também que a reconfiguração das direitas tem como ponto chave a manutenção da hegemonia burguesa no Brasil, buscamos compreender esses sujeitos que se articularam, direta ou indiretamente, a aparelhos privados de hegemonia burguesa envolvidos a um projeto político-ideológico que, apesar heterogêneo e disputado³⁴⁶, tinham intuito de construir uma “verdade socialmente aceita”.³⁴⁷

³⁴⁵ PINHEIRO-MACHADO, Op. Cit., p. 67.

³⁴⁶ “É preciso ter em vista a composição heterogênea da burguesia brasileira, em suas diversas frações – que também entram em conflito, em virtude de interesses mais imediatos das relações de produção e no próprio conjunto das disputas no âmbito da dominação. Todavia esses diferentes estratos também constroem relações articuladas, alinhando-se em determinadas condições histórico-sociais concretas, visando salvaguardar o essencial para a reprodução do capital”. In: CASIMIRO (2020), op. Cit., p. 149.

³⁴⁷ Idem, p. 21.

Auxiliado pela Análise do Discurso de Eni Pulcinelli Orlandi procuramos (mesmo sabendo da pouca profundidade), identificar os discursos evocados por sujeitos que denominamos de agentes do caos cognitivo, informacional e político representantes de uma face extrema das direitas brasileiras, bem como suas teias de relações e conexões que permitiram a legitimação desses discursos, através de uma agenda ultraliberal-conservadora e de teor fascistizante.

Buscamos evidenciar através das fontes digitais, a atuação nas “redes” de Arthur do Val – Mamaefalei e Nando Moura e suas diferentes estratégias de difusão de pautas, anticomunistas, antipetistas, ultraliberais e conservadoras, baseadas em grande parte no olavismo, criado por Olavo de Carvalho e difundido por diversas organizações e *Think tanks* criados no Brasil desde a década 1990 até os dias atuais.

Entendendo que a década de 1990 foi um período marcado por diversas transformações no campo político e econômico, buscamos compreender a multiplicidade dos aparelhos, sujeitos e organizações da classe dominante e sua capacidade de reorganização desde as décadas finais do século XX até a atualidade, pois como afirma Casimiro:

Foi nos anos de 1990 que esse processo se intensificou e se consolidou, momento em que as bandeiras burguesas da economia de mercado lançadas na década anterior, empunhadas por uma multiplicidade de aparelhos privados de hegemonia, começam a ser operacionalizadas em um programa de reformas com vistas a reconfigurar o papel do Estado, ou como afirmam seus intelectuais orgânicos, torná-lo “eficiente”.³⁴⁸

Sendo assim, entendemos que esse movimento que aqui intitulamos de “novas direitas”, constitui-se em uma estratégia que foi moldada ao longo dos anos pelos aparelhos privados de hegemonia da classe dominante, que conseguiu se reestruturar e se reorganizar com o passar dos anos, alinhada ao ascenso e a massificação das mídias e redes sociais quer serviram como fulcro, para obtenção e atualização da hegemonia burguesa no Brasil, através da atuação de intelectuais, institutos e dos indivíduos aqui citados e vários outros que surgiram na esteira de 2013 e 2014.

³⁴⁸ CASIMIRO, Flávio. Op. Cit. 2018, p. 121-122.

FONTES

MOURA, Nando. PT- Golpe de Estado oficial! Youtube. 21 abril 2015. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=4EYRaeh62FQ&t=75s>

MOURA, Nando. Como CAGARAM O Brasil???. YouTube, 4 de abril de 2017. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=mIIOverRE67k>

MOURA, Nando. IPVA – Quais são os seus DIREITOS. YouTube, 20 de janeiro de 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Sf4evhPfb6c>

MOURA, Nando. VOCÊ “Mindinglis”??? Bolha Chinesa. YouTube, 4 de abril de 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yEIXXzD9Q60>

VAL, Arthur do. CPMF, YouTube. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=mF1ryb80UgU>

VAL, Arthur do. PT, petistas e um desafio pra você!. YouTube, 31 de agosto de 2015. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=QdyCb9zGJFo&t=267s>

VAL, Arthur do. “Testando a militância petista na manifestação pro-governo do dia 18 de março. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=58yys1cACYg>

VAL, Arthur do. Por que me tornei um Liberal?, YouTube. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=fl8qlxK3Q8> Acesso em 17/05/2023.

Sites e Páginas da internet

“A nova roupa da direita”. **Agência Pública**, jun. 2015. Link: <https://apublica.org/2015/06/a-nova-roupa-da-direita/> Acesso: 15.07.2021.

“Bannon, ex-estrategista de Trump que foi preso mantinha contato com os Bolsonaro”. In: **G1**, 20 de agosto de 2020. Link: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/08/20/bannon-ex-estrategista-de-trump-que-foi-presos-mantinha-contato-com-os-bolsonaros.ghtml> Acesso: 29.03.2022.

“Câmara autoriza instauração de processo de impeachment de Dilma com 367 votos a favor e 137 contra”. In: **Agência Câmara de Notícias**, 17 de abril de 2016. Link: <https://www.camara.leg.br/noticias/485947-camara-autoriza-instauracao-de-processo-de-impeachment-de-dilma-com-367-votos-a-favor-e-137-contra/> Acesso: 28.02.2023.

“Como Barack Obama usou a internet para ser eleito em 2008?” In: **Data Goal**, 12 de maio 2020. Link: <https://www.datagoal.com.br/barack-obama-e-a-internet/> Acesso: 31.01.2022.

“Como surgiu o canal ‘MamaeFalei’”. In: **Podihhcast**, 24 de agosto de 2021. Link: <https://www.youtube.com/watch?v=Zic10J9klnk> Acesso: 05.05.2023.

“Custo de vida sobe 9,56% no Brasil nos últimos 12 meses até julho, maior taxa desde 2003. In: **O Estado de Minas**, ago. 2015. Link: https://www.em.com.br/app/noticia/economia/2015/08/08/internas_economia,676447/n-o-topo-em-12-anos.shtml. Acesso: 16.01.2022.

“Eleição presidencial de 2014 foi a mais acirrada desde 1989”. In: EBC notícias, out. 2014. Link: <https://memoria.ebc.com.br/noticias/eleicoes-2014/2014/10/eleicao-presidencial-de-2014-foi-a-mais-acirrada-desde-1989> Acesso: 05.01.2022.

“Em 27 anos na Câmara, Bolsonaro só aprovou dois projetos de lei”. In: **Portal Vermelho**. Link: <https://vermelho.org.br/2018/09/21/em-27-anos-na-camara-bolsonaro-so-aprovou-dois-projetos-de-lei/> Acesso: 20.04.2022

“Entrevista: ‘Delírios de Olavo de Carvalho aprofundam ideias surgidas nos quartéis brasileiros’”. In: **The Intercept** Brasil, 29 de janeiro de 2022. Link: <https://theintercept.com/2022/01/29/olavo-de-carvalho-teorias-militares-esquerda-lucas-pedretti/> Acesso em 27.03.2022

“Jair Messias Bolsonaro”. In: **FGV/CPDOC online**. Link: <https://www18.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/jair-messias-bolsonaro> Acesso: 28.01.2023.

“Manifestações anti-Dilma voltam às ruas do Brasil”. In: **El País** – Brasil, ago. 2015. Link: https://brasil.elpais.com/brasil/2015/08/16/politica/1439728675_375038.html

Acesso: 23.11.2022.

“Manifestações de junho de 2013 completam cinco anos, o que mudou”. In: **GLOBO**, Revista Galileu, 2018. Link: <https://revistagalileu.globo.com/Revista/noticia/2018/06/manifestacoes-de-junho-de-2013-completam-cinco-anos-o-que-mudou.html> Acesso: 23.09.2022.

“Na batalha das redes, a extrema direita ganha por W.O”. In: **The Intercept Brasil**, julho de 2020. Link: <https://www.intercept.com.br/2020/07/21/batalha-redes-extrema-direita-esquerda/> Acesso: 19.08.2022.

“Nando Moura - Improviso - Pandora101”. In: **Canal Nando Moura**, 08 de dezembro de 2011. Link: <https://www.youtube.com/watch?v=cuajxmT8xoA> Acesso: 30.11.2021.

“Nando Moura, o metaleiro que ninguém conhecia, exceto milhões”. In: **Vice Midia Group** - Brasil, 02 de maio de 2016. Conseguimos visualizar somente em HTML, pelo link: [file:///C:/Users/morga/AppData/Local/Microsoft/Windows/INetCache/IE/F4XUS03A/Nando Moura, o metaleiro que ningu%C3%A9m conhecia, exceto milh%C3%B5es\[2\].html](file:///C:/Users/morga/AppData/Local/Microsoft/Windows/INetCache/IE/F4XUS03A/Nando%20Moura,%20o%20metaleiro%20que%20ningu%C3%A9m%20conhecia,%20exceto%20milh%C3%B5es%20de%20pessoas%20que%20s%C3%A3o%20importantes%20para%20o%20pa%C3%ADs.html) Acesso: 23.01.2023.

“Olavo de Carvalho, o Brasil só fala dele”. In: **El País** – Brasil, 27 de novembro de 2018. Link: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/11/27/politica/1543319632_709659.html Acesso: 05.02.2021.

“Quem é Nando Moura?” In: **Canal Meteoro Brasil** – YouTube, 22 de dezembro de 2018. Link: <https://www.youtube.com/watch?v=qaKcoHSy910> Acesso: 21.05.2022.

“Quem Somos”. In: <https://clubedovalor.com.br/sobre/> Acesso em 10/05/2022.

“Sempre quis ser político e meu plano para 2018 é ser candidato, diz Arthur do Val do canal mamãefalei”. In: **Boletim da Liberdade**, 07 de maio de 2017. Link: <https://www.boletimdaliberdade.com.br/2017/05/07/sempre-quis-ser-politico-e-meu-plano-para-2018-e-ser-candidato-diz-arthur-do-val-do-canal-mamae-falei/> Acesso: 18.07.2022.

“Steve Bannon, veja a trajetória do ex-estrategista de Trump preso novamente nesta segunda”. In: **G1**, 15 de novembro de 2021. Link: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2021/11/15/steve-bannon-veja-a-trajetoria-do-ex-estrategista-de-trump-preso-novamente-nesta-segunda.ghtml> Acesso: 24.03.2022.

“Três grupos organizam os atos anti-Dilma, em meio a divergências”. In: **El País** – Brasil, 15 de março de 2015. Link:

https://brasil.elpais.com/brasil/2015/03/13/politica/1426285527_427203.html Acesso: 15.05.2022

“Uma multidão protesta contra o Governo Dilma”. In: **El País** – Brasil, mar. 2015. Link: https://brasil.elpais.com/brasil/2015/03/15/politica/1426458992_617989.html Acesso: 16.01.2022

BIANCHI, A. Olavo de Carvalho é um efeito da nova direita, e não sua causa. Entrevista especial de Álvaro Bianchi. **Notícias**, São Leopoldo: Instituto Humanitas Unisinos, 19 dez. 2018. Link: <http://www.ihu.unisinos.br/159-noticias/entrevistas/585547-olavo-de-carvalho-e-um-efeito-da-nova-direita-e-nao-sua-causa-entrevista-especial-com-alvaro-bianchi>. Acesso: 20.06.2022.

BRAGA, Ruy. Brasil: Os sentidos de junho. In: **Blog da Boitempo**, jul. 2015. Link: <https://blogdaboitempo.com.br/2015/07/06/os-sentidos-de-junho/> Acesso: 05.01.2022.

BUGALHO, Henry. **Quem é Olavo de Carvalho?** Vídeo no canal Carta Capital publicado em 10 de junho de 2020. Link: <https://www.youtube.com/watch?v=s-7MCJfx7NI> Acesso: 25.01.2022.

Caderno de Teses do 5º Congresso: <https://eniomeneghetti.files.wordpress.com/2015/04/caderno-teses-pt.pdf> Acesso em 25/03/2023.

CALIL, Gilberto. “O astrólogo que inspira Jair Bolsonaro”, **Le Monde Diplomatique** – Brasil, edição 151, 31 jan. 2020. Disponível em: <https://diplomatie.org.br/o-astrologo-que-inspira-jair-bolsonaro/> Acesado em 27/01/2022.

Canal “Ideias Radicais”. Link: <https://www.youtube.com/user/ideiasradicais> Acesso: 22.03.2023.

Congresso em Foco – UOL, 15 de julho de 2021. <https://congressoemfoco.uol.com.br/temas/midia/youtube-retira-canal-do-terca-ivre-do-ar/> Acesso: 12.08.2022.

COSTA, A; GHIROTO, E. “Eu sou o segundo governo - Quem é o guru da direita que conquista fiéis com cursos on-line e vocabulário obscuro, ensinará filosofia a parlamentares e indica ministros para Bolsonaro”. In: **Revista Veja**. 30 de novembro de 2018. Link: <https://veja.abril.com.br/politica/eu-sou-o-segundo-governo/> Acesso: 20.01.2022.

“MBL monta contraofensiva para desocupar escolas no Paraná”. In: **El País** – Brasil, 31 de outubro de 2016. Link: https://brasil.elpais.com/brasil/2016/10/29/politica/1477698231_566717.html Acesso: 25.04.2021; “Aliado de Temer, MBL tenta desarticular ocupações escolares no Paraná”.

In: **Carta Capital**, 28 de outubro de 2016. Link:

<https://www.cartacapital.com.br/politica/aliado-de-temer-mbl-tenta-desarticular-ocupacoes-escolares-no-parana/> Acesso: 26/04/2021.

“Os Ecos do Orvil em 2021, o livro secreto da ditadura. I. **Agência Pública**, 30 de outubro de 2021. Link: <https://apublica.org/2021/08/os-ecos-do-orvil-em-2021-o-livro-secreto-da-ditadura/#Link1> Acesso: 28/01/2021.

“Protestos neste domingo”. In: **El País**, 15 de março de 2015. Link: https://brasil.elpais.com/brasil/2015/03/15/album/1426449254_501340.html#foto_gal_1 Acesso em 25/03/2023.

“Bolsonaro mente ao dizer que Haddad criou o ‘kit gay’. In **El País**, 13 de outubro de 2018. Link: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/12/politica/1539356381_052616.html Acesso em 25/03/2023.

“12 de abril: os protestos pelo Brasil. In: **Época**, 12 de abril de 2015. Link: <https://epoca.oglobo.globo.com/tempo/noticia/2015/04/12-de-abril-os-protestos-pelo-brasil.html> Acesso em 25/03/2023.

“Linha do Tempo da Laja Jato. IN G1, 04 de setembro de 2015. Link: <https://especiais.g1.globo.com/politica/2015/lava-jato/linha-do-tempo-da-lava-jato/> Acesso em 25/03/2023.

https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/03/150318_dilma_aprovacao_reprovacao_cc Acesso em 25/03/2023.

<https://www.dgabc.com.br/Noticia/3819733/deputado-insiste-no-fim-da-meia-entrada>

In: **Diário do Grande ABC**, 02 de dezembro de 2021. Acesso: 23.02.2022.

Planalto anuncia Lula como novo ministro da Casa Civil. In: G1. Mar 2016. Link: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2016/03/planalto-anuncia-lula-como-novo-ministro-da-casa-civil.html> Acesso em 08/05/2023

Gilmar Mendes suspende nomeação de Lula como ministro da Casa Civil. In: G1. Mar 2016. Link: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2016/03/gilmar-mendes-suspende-nomeacao-de-lula-como-ministro-da-casa-civil.html> Acesso em 08/05/2023.

<https://www12.senado.leg.br/noticias/entenda-o-assunto/cpmf>

Imagem extraída do vídeo “Olavo de Carvalho – Recado”, onde em aproximadamente 13 minutos e meio, Arthur do Val faz a defesa de Olavo de Carvalho. Link: <https://www.youtube.com/watch?v=cMVGfuC49qY> Acesso: 06.11.2022.

Impostos nada mais são do que roubo legalizado. In: Instituto Mises Brasil. Nov 2018. Link: <https://mises.org.br/article/2725/impostos-nada-mais-sao-do-que-roubo-legalizado> Acesso em 17/05/2023.

Impostos, moralidade e ética. In: Instituto Mises Brasil. Jul 2020. Link: <https://mises.org.br/article/926/impostos-moralidade-e->

[etica#:~:text=Impostos%20s%C3%A3o%20pura%20e%20simplesmente,n%C3%A3o%20h%C3%A1%20como%20faz%C3%AA%2Dlo. Acesso em 17/05/2023.](#)

NUNES, Rodrigo & GAGO, Veronica. “Direitas, Fascismos, Bolsonarismo”. In: **Webinário do Grupo de Pesquisa “Materialismos”**, canal YouTube, Sessão 2, 11 de agosto de 2021. Link: <https://www.youtube.com/watch?v=220s0FPuRRo> Acesso: 10.10.2022.

O mundo precisa se preocupar com o mergulho da bolsa chinesa? In: BBC News Brasil. 24 ago 2015. https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/08/150824_bolsas_china_queda_dw_cc Acesso em 17/05/2023.

Vídeo do debate entre Arthur do Val e Nando Moura no canal Terça Livre. Link: https://drive.google.com/file/d/1gEi2bwyLf7IQ-WQq5X7DU1TcuhH3Vqo/view?usp=share_link SENA JÚNIOR., Carlos Zacarias, “Bolsonarismo”. In: **Esquerda Online**, 3 set. 2019. Link: <https://esquerdaonline.com.br/2019/09/03/bolsonarismo/> Acesso: 30.04.2022

Uma compilação de dez frases absurdas que Jair Bolsonaro disse em declarações ao longo dos anos, pode ser lida em: **Esquerda Diário**, 28 de dezembro de 2018. Link: <https://www.esquerdadiario.com.br/As-10-frases-mais-terriveis-de-Bolsonaro-27039> Acesso: 27.05.2022.

VICE MEDIA GROUP. Link: <https://www.vicemediagroup.com/> Acesso: 05.02.2023.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, J. M., & MELO, D. P. Redes sociais e comportamento político violento: uma síntese das ameaças aos direitos humanos no Brasil. In: **JURIS - Revista da Faculdade de Direito**, 27(2), 2017, pp. 139–154.

AFONSO, A. R.; TÉ, J. Um estudo sobre referenciação e a construção da opinião a partir de um corpus textual extraído do YouTube. **Domínios de Linguagem**, v. 11, n. 2, p. 339-350, 27 mar. 2017.

ALMEIDA, Fábio Chang de. O historiador e as fontes digitais: uma visão acerca da internet como fonte primária para pesquisas históricas. **AEDOS – Revista do Corpo Discente do PPG-História da UFRGS**, v.3, n. 8, p.9-30, jan/jun. 2011.

ANDERSON, Perry. Balanço do neoliberalismo. In: SADER, Emir & GENTILI, Pablo (orgs.). **Pós-neoliberalismo: as políticas sociais e o Estado democrático**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

BALESTRO, Mayara. **Agenda conservadora, ultraliberalismo e “guerra cultural”**: ‘Brasil Paralelo’ e a Hegemonia das Direitas no Brasil Contemporâneo (2016-2020).

147f. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de História, Letras e Ciências Humanas, Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Marechal Cândido Rondon, 2021.

BIANCHI, Álvaro. **O laboratório de Gramsci**: Filosofia, História e Política. 2º Ed – Porto Alegre, Zouk, 2018.

_____. **Gramsci entre dois mundos**: política e tradução. São Paulo: Autonomia literária, 2020.

BURGESS, Jean; GREEN, Joshua: **YouTube e a Revolução Digital**. São Paulo: Aleph, 2009

BRECHT, Bertold. **Teoria do Rádio (1927-1932)**. Tradução de Regina Carvalho e Valci Zuculoto, s/d.

CALIL, Gilberto. Pequena burguesia e projeto social. In: SILVA, Carla L.; CALIL, Gilberto G. & KOLING, Paulo J. (orgs.). **Estado e Poder**: abordagens e perspectivas. Cascavel: Edunioeste, 2008, p. 97-98 (Coleção Tempos Históricos, 4).

_____. Olavo de Carvalho e a ascensão da extrema-direita. **Argumentum**, 13(2), 2021, p. 64–82.

_____. A democracia e a repressão nas Jornadas de Junho de 2013. In: SILVA, Carla L.; CALIL, Gilberto G. & SILVA, Márcio A. Both da (orgs.). **Ditaduras e democracias**: estudos sobre poder, hegemonia e regimes políticos no Brasil (1945-2014). Porto Alegre: FCM Editora, 2014, p. 211-225.

_____. **Estado, capitalismo e democracia no Brasil recente**. In: _____.; SILVA, Carla Luciana & SILVA, Márcio Antônio Both da. (org.). Ditadura, transição e democracia: estudos sobre a dominação burguesa no Brasil contemporâneo. Porto Alegre: FCM Editora, 2016, pp. 205-228.

_____. Como combater o fascismo. **Blog Junho**, 30 de setembro de 2017.

_____. “Apresentação” In: **História & Luta de Classes**, n. 26, set. 2018

CASIMIRO, Flávio H. C. **A construção simbólica do neoliberalismo no Brasil (1983 1998)**: a ação pedagógica do Instituto Liberal. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal De São João Del Rei. Minas Gerais, São João Del-Rei, 2011.

_____. **A Nova Direita**: aparelhos de ação política e ideológica no Brasil contemporâneo. São Paulo: Expressão Popular, 2018.

_____. **A tragédia e a farsa**: a ascensão das direitas no Brasil Contemporâneo. São Paulo: Expressão Popular, 2020.

CASTELLS, Manuel. **Comunidades virtuais ou Sociedade de Rede? A Galaxia da Internet**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

CHALOUB, J.; PERLATTO, F. A nova direita brasileira: ideias, retórica e prática política. **Insight - Inteligência**, 2016.

CHAUÍ, Marilena. Meios de comunicação, democracia, autoritarismo e poder. *in*: MORAES, Dênis de . **Poder midiático e disputas ideológicas**. Rio de Janeiro: Consequência, 2019.

COELHO, Eurelino. **Uma esquerda para o capital**: o transformismo dos grupos dirigentes do PT. São Paulo: Xamã; Feira de Santana: Ed. UEFS, 2012.

COLOMBO, Luiza. **A Frente Liberal-Ultraconservadora no Brasil**: reflexões sobre e para além do “movimento” Escola Sem Partido. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2018.

COSTA, Iná Camargo. **Dialética do marxismo cultural**. São Paulo: Expressão Popular, 2020.

COUTINHO, Carlos Nelson. **Gramsci: um estudo sobre o pensamento político**. 3ª. Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

COUTO NETO, G. H. **A Nova Direita no YouTube**: conservadorismo e negacionismo histórico sobre a Ditadura Militar brasileira. REVISTA ÁGORA (VITÓRIA), v. 29, p. 83-103, 2019.

_____. **(Des)fazendo história na internet**: visões acerca da ditadura militar brasileira em canais da “nova direita” no YouTube (2013-2018) Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), 2022.

DAL PAI, Raphael. **Instituto Ludwig von Mises Brasil**: os arautos do anarcocapitalismo. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, UNIOESTE. Marechal Cândido Rondon, 2017.

DEMIER, Felipe & Hoeveler, Rejane (Orgs.). **A Onda Conservadora**: ensaios sobre os atuais tempos sombrios no Brasil. 1. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2016.

_____. **Depois do Golpe**. A dialética da democracia blindada. Rio de Janeiro: Mauad-X, 2017.

EMPOLI, Giuliano da. **Os engenheiros do caos**. 1. Ed – São Paulo: Vestigio, 2020.

FEBVRE, Lucien. Combats pour l’histoire. In: LE GOFF, Jacques. **História e Memória**: Tradução Bernardo Leitão. 5. Ed. – Campinas, SP: Editora Unicamp, 2003.

FERNANDES, Florestan. **A revolução burguesa no Brasil**: ensaio de interpretação sociológica. 5ª edição. São Paulo: Globo, 2005.

FOUCAULT, Michel. 7.ed. **A arqueologia do saber**/Michel Foucault; tradução de Luiz Felipe Baeta Neves, -7ed. - Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FONSECA, F. C. P. **O consenso Forjado**: a grande imprensa e a formação da agenda ultraliberal no Brasil: hucitec, 2005.

FONTES, Virginia. **Estado e formas de dominação no Brasil contemporâneo**. Rio de Janeiro: Consequência. 2017.

_____. **O Brasil e o Capital Imperialismo**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2010.

FREITAS, André R. de. O Golpe de 2016 e o futuro da democracia no Brasil: o caráter parcial do processo e a repercussão em mídias sociais. In: SANTOS, Lyndon de Araújo; BACCEGA, Marcus V. & MATEUS, Yuri G. S. (orgs.). **O golpe de 2016 e o futuro da democracia no Brasil**. São Luís: EDUFMA, 2021, p. 15-27.

GRAMSCI, A. **Cadernos do cárcere** – Literatura. Folclore. Gramática. Apêndices: variantes e índices. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002b. 495 p. v. 6.

_____. **Cadernos do cárcere**. V. 3. **Maquiavel. Notas sobre o Estado e a política**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

_____. **Cadernos do cárcere**. Volume 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

_____. **Escritos Políticos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, v. 2 (1921-1926), 2004

GRASSIOLLI, Isabel. **A nova direita no Brasil (2011-2016): uma análise da atuação política no facebook**. 2019. 263 f. Tese (Doutorado em História) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Marechal Cândido Rondon, 2019.

GRUPPI, Luciano. **O conceito de hegemonia em Gramsci**. Rio de Janeiro: Graal, 1978.

HOBBSBAWM, Eric. **A era dos impérios (1875-1914)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

_____. **A era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

HOEVELER, Rejane. Os conceitos de Aparelhos Privados de Hegemonia e seus usos para a pesquisa histórica. In: **Revista Práxis e Hegemonia Popular**, ano 4, n. 5, pp. 145-159, Ago/Dez, 2019.

HORKHEIMER, Max & ADORNO, Theodor. **A indústria cultural: o iluminismo como mistificação de massas**. Pp. 169 a 214. In: LIMA, Luiz Costa. Teoria da cultura de massa. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

HUYSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000. ideológica no Brasil contemporâneo. São Paulo: Expressão Popular, 2018.

IBRAHIM, Cesar Antonio Calejon. **A ascensão do bolsonarismo no Brasil do século XXI**. 2. Ed – Curitiba Kottter Editorial, 2021.

KARHAWI, Issaaf. Influenciadores digitais: conceitos e práticas em discussão. In: **Comunicare**, Edição especial de 70 anos da Faculdade Cásper Líbero, São Paulo, v. 17, p. 47-61, 2017.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia**: estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. Bauru: Edusc, 2001.

KONDER, Leandro. **Introdução ao fascismo**. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 2000.

_____. **O que é virtual**. São Paulo: Ed. 34, 1996;

LIGUORI, Guido. **Roteiros para Gramsci**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2007.

_____ & VOZA, Pasquale (org.). **Dicionário gramsciano**. São Paulo: Boitempo. 2017.

LÖWY, M. Conservadorismo e extrema-direita na Europa e no Brasil. In: **Serviço Social & Sociedade**, São Paulo, n. 124, p. 652-664, out./dez. 2015.

LUCCHESI, Anita. História e Historiografia Digital: diálogos possíveis em uma nova esfera política. **XXVII Simpósio Nacional de História**, ANPUH, 2013.

MACIEL, David. **De Lula à Dilma Rousseff**: crise econômica, hegemonia neoliberal e regressão política, in: <http://marxismo21.org/wp-content/uploads/2013/06/D-Maciel-2.pdf>.

_____. David. Neoliberalismo e autocracia burguesa no Brasil. In: **Cadernos CEMARX**, nº. 5, 2009, p. 195-210;

MALERBA, J. Os historiadores e seus públicos: desafios ao conhecimento histórico na era digital. **Revista Brasileira de História** (Impresso), ANPUH, v. 37, p. 135-154, 2017.

MALINI, Fábio; ANTOUN, Henrique. **A internet e a rua**: ciberespaço e mobilização nas redes sociais. Porto Alegre: Sulinas, 2013.

MARICATO, Ermínia et al. **Cidades Rebeldes**: Passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil. São Paulo: Boitempo, Carta Maior, 2013.

MARTÍN-BARBERO, Jesus. **Dos meios as mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

MARTINS, Helena. **Comunicações em tempos de crise**: economia e política. São Paulo: Expressão Popular, Fundação Rosa Luxemburgo, 2020

MATTOS, Marcelo Badaró. As origens: Jornadas de Junho e crescimento das lutas da classe trabalhadora. In: DEMIER, Felipe; HOEVELER, Rejane (orgs). **A Onda Conservadora**: ensaios sobre os atuais tempos sombrios no Brasil. Rio de Janeiro. Mauad-X, 2016.

_____. **Governo Bolsonaro: neofascismo e autocracia burguesa no Brasil.** Rio de Janeiro: Usina Editorial, 2020.

MELO, D. O bolsonarismo como fascismo do século XXI. *Em: REBUÁ, E. et al. (org.). (Neo)fascismos e educação: reflexões críticas sobre o avanço conservador no Brasil.* Rio de Janeiro: Mórula, 2020. p. 12-46.

MENDONÇA, Sonia. R. de. O Estado Ampliado como ferramenta metodológica. **Marx e o Marxismo**, v.2, n.2, jan/jul 2014.

MESSEMBERG, Débora. A direita que saiu do armário: a cosmovisão dos formadores de opinião dos manifestantes de direita brasileiros. **Sociedade e Estado**, v. 32, p. 621-648, 2017.

MIGUEL, Luís Felipe. **O colapso da democracia no Brasil: da Constituição ao Golpe de 2016.** São Paulo: Expressão Popular, 2019.

MORAES, Dênis de. O monopólio da mídia na construção de consensos sociais. **Revista da EMERJ**, v. 18, p. 516-525, 2015.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Em guarda contra o "perigo vermelho": o anticomunismo no Brasil (1917-1964).** 2000. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

MUSSI, Daniela & BIANCHI, Álvaro. “Os inimigos de Gramsci”. In: **Jacobin – Brasil**, 20 de abril de 2020. Link: <https://jacobin.com.br/2020/04/os-inimigos-de-gramsci/> Acesso: 28.03.2023.

NASCIMENTO, Leonardo; COSTA, Saulo; ALECRIM, Mylena; OLIVEIRA, Jéfte; OLIVEIRA, Mariana. ‘Não falo o que o povo quer, sou o que o povo quer’. **Revista Plural (USP)**, v. 25, p. 135-171, 2018.

OLIVEIRA, Nucia Alexandra Silva de. História e internet: conexões possíveis. In: **Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 6, n.12, p. 23-53, mai/ago. 2014.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos.** 13º Ed. Campinas: Pontes, 2020;

_____. **Discurso em análise: sujeito, sentido, ideologia.** 2ª. Ed. Campinas: Pontes, 2012.

PAIVA, Gabriel de Abreu. **A influência do Movimento Escola Sem Partido (MESP) no debate educacional brasileiro: da suposta neutralidade à defesa do homeschooling (2004-2020).** (Doutorado - História). Marechal Cândido Rondon: Universidade Estadual do Oeste do Paraná, 2021.

PASLAUSKI, Guilherme Henrique Piaz. **Os protestos das Jornadas de Junho de 2013 na ótica e na posição do Jornal Folha de São Paulo.** 2021. 165 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Marechal Cândido Rondon, 2021.

PATSHIKI, Lucas. **Os litorais da nossa burguesia: o Mídia sem Máscara em atuação partidária (2002-2011)**. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de História, Letras e Ciências Humanas, Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Marechal Cândido Rondon, 2012.

PEDRI, D.; GOMEZ, T.; CEMBRANEL, P.. Influenciadores Digitais e o Poder de Decisão Desempenhado sobre seus Seguidores. In: **Revista de Psicologia**, v. 14, p. 151-163, 2020.

PINHEIRO-MACHADO, Rosana. **Amanhã vai ser maior: O que aconteceu com o Brasil e possíveis rotas de fuga para a crise atual**. São Paulo: Planeta, 2019.

PRIMO, Alê; MATOS, Ludimila; MONTEIRO, M. C. **Dimensões para o estudo dos influenciadores digitais**. Salvador: EDUFBA, 2021. v. 1.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, Vol. 2, n. 3, 1989.

POULANTZAS, Nico. **O Estado, o Poder, O Socialismo**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

RAMONET, Ignácio. **A Tirania da Comunicação**. 3. Ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2010.

RIBEIRO, Márcio M. Antipetismo e conservadorismo no Facebook. In: SOLANO, Esther (Org.). **O ódio como política**. São Paulo: Boitempo, 2018, p. 85-90.

ROCHA, Camila. **“Menos Marx, Mais Mises”**: uma gênese da nova direita brasileira (2006-2018). Tese (Doutorado em Ciência Política). São Paulo: Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2018.

ROCHA, João Cezar de. **Guerra cultural e retórica do ódio**: crônicas de um Brasil pós-político. Goiânia: Caminhos, 2021.

SAKAMOTO, Leonardo. Em São Paulo, o Facebook e o Twitter foram às ruas. In: MARICATO, Ermínia (et al.). **Cidades Rebeldes**: Passe Livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil. São Paulo: Boitempo; Carta Maior, 2013, p. 95-100.

SILVA, Carla L. **Veja**: o indispensável partido neoliberal (1989-2002). Cascavel: Edunioeste, 2009, Coleção Tempos Históricos, v. 7.

_____. Mídia e ascensão conservadora. **Argumentum**, Vitória, v.9, n.2, p.172-182 mai/ago 2017.

SILVA, Danniel Gobbi Fraga da. **Identidade em ambiente virtual**: uma análise da rede estudantes pela liberdade. 2016. Dissertação (Mestrado em Ciências Políticas), Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

SILVA, Rodrigo O. **Um mapa da direita no YouTube do Brasil através de métodos digitais**. Mestrado (Ciência da Comunicação - Cultura contemporânea e novas

tecnologias). Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, 2018.

SILVA JÚNIOR, S. F. **O Brasil diante do espelho**: autocracia burguesa e luta de classes na transição conservadora (1974-1988). Tese (Doutorado – História). Marechal Cândido Rondon: UNIOESTE, 2023.

SILVEIRA, Sergio Amadeu da. Direita nas redes sociais online. In: VELASCO, Ivan (org.). **Direita, volver!** o retorno da direita e o ciclo político brasileiro. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2015.

SOLANO, Esther & ROCHA. Camila. **A direita nas ruas e nas redes**: a crise política no Brasil. São Paulo: Expressão Popular, 2019.

ZAMBELLO, Aline Vanessa; SILVA, Ivan Henrique de Mattos & CARLO, Josnei di. Olavo de Carvalho e a Guerra Cultural das novas direitas: entrevista com Álvaro Bianchi. In: **Em Tese**, Florianópolis, v. 18, n. 2, p. 67-79, set./dez., 2021.